

Jorge Andréa



PALINGÊNESE, A GRANDE LEI

REENCARNAÇÃO

Societo Lorenz

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org

Jorge Andréa dos Santos

Palingênese a Grande Lei

Sumário

Introdução.....	4
A Célula – a célula, multiplicação celular, cromosomos e gens, código genético, dinâmica celular.....	5
Óvulo e Espermatozóiide Gametogên esse – óvulo, espermatozóiide gametogênese, fecundação, teorias sobre a fecundação.....	20
Glândula Pineal ou Epífise – glândula pineal.....	28
Substrato energético da glândula pineal – núcleos em potenciação e nucléolos, zonas gênicas e seus campos de força.....	37
Palingênese Acasalamento da energia espiritual na glândula Pineal.....	47
Os alicerces da Palingênese.....	63

Introdução

Toda idéia, antes de pertencer à ciência pelas provas analíticas que ela exige, foi fruto da inspiração numa primeira etapa, da lógica e do raciocínio em uma segunda. Somente após experiências e provas é que a ciência dá o veredito, incluindo em seu terreno a hipótese sob a forma de lei. Consideremos, também, que a ciência moderna já aceita fenômenos aparentemente subjetivos, percebidos unicamente pelos seus efeitos, embora não podendo passar pela comprovação sensorial-analítica. Nos dias de hoje, podemos asseverar que o homem, pela pobreza de seus sentidos, recebe reduzidas informações do ambiente em que vive.

As páginas deste exórdio, conduzidas nas rotas da ciência, possuem, aqui e ali, conceitos novos, ainda não abordados pela biologia. São assuntos diretamente ligados ao mundo energético, impossíveis de percepção pelos sentidos comuns, no entanto, passíveis de serem perfeitamente compreendidos.

Alguns conceitos que abordaremos, concebidos intuitivamente, foram transformados e adaptados ao campo intelectual, único modo possível de serem apresentados na exposição escrita. Existem, igualmente, conceitos outros formados através de leituras diversas, tornando-se impossível fazer detalhadas referências de suas respectivas fontes.

Apesar de a Palingênese ser objeto de acurados estudos filosóficos por parte da maioria das seitas e religiões, sob o nome de reencarnação, o nosso escopo não visa a defender esta ou aquela corrente, e sim procura integrar dentro da biologia, no seu devido lugar, o fenômeno palingenético.

Não desejamos que a biologia se curve perante certos fatos; por enquanto ela terá que calar, como o faz quando nos elevamos um pouco mais em face das últimas razões filosóficas. Sabemos, perfeitamente, que estamos escrevendo aos que "sentem a questão; o nosso ponto de vista - o fenômeno palingenético, capítulo ainda obscuro, visa a abrir novos horizontes em busca de hodiernas visões biológicas arrecadadas à filosofia. Todo aquele que vislumbra uma rota ou pensa que está caminhando em nova estrada, tem por obrigação comunicar os seus pensamentos à sociedade onde milita.

Pietro Ubaldi, conhecido através de suas obras filosóficas, traduz a Palingênese como "uma verdade biológica positiva, que hoje pertence já à ciência; é um fato objetivo independente das afirmações de qualquer escola ou religião." Ainda mais: "está em harmonia com as leis da natureza que conhecemos, como a indestrutibilidade da substância, pela qual, se as mudanças se operam só na forma, a personalidade humana poderá mudar, mas não ser destruída. Essa teoria é a ampliação no campo moral da lei de conservação de energia, estabelecida pelos físicos."

Consideramos a Palingênese, um processo normal, de lógica evidente e clareza meridiana. O processo palingenético em biologia, além de ser a melhor solução para os mais altos problemas da vida, é o mais completo de condições e praticamente apoiado pela ciência. Sem este conceito que abrange as idéias evolutivas de hoje, só nos resta o acaso que traduz o oposto agnóstico e penumbroso.

Capítulo I - A célula

I - A CÉLULA

A célula, unidade anatômica e fisiológica, possui em sua organização, apesar das dimensões microscópicas, uma série de unidades de trabalhos, cujo conjunto representa um organismo em miniatura. Esse organismo sofre o grande respiro da vida, traduzido pelo anabolismo e catabolismo.

Apresenta em sua constituição uma membrana que a protege do meio exterior, um corpo denominado de citoplasma e um núcleo que ocupa geralmente o centro da célula.

Tomam as mais variadas formas possíveis, de acordo com a função que exercem. Alguns grupos celulares definem-se perfeitamente pela forma; outros, por serem geralmente elementos independentes, não vivendo em colônias nem fazendo parte de tecidos e órgãos, são variáveis a ponto de não poderem ser enquadrados numa classificação. A forma poliédrica, a mais comum, é o resultado das pressões exercidas pelos elementos que as cercam; o mesmo se dá com a forma pavimentosa das células epidérmicas. O achatamento da célula endotelial teria explicação nos choques exercidos pela corrente sanguínea nos vasos. As formas especializadas das células nervosas estariam ligadas, naturalmente, as suas condições funcionais, para nós ainda desconhecidas em seu mecanismo íntimo.

A - MEMBRANA

A membrana é uma condensação citoplasmática, mais ou menos acentuada, conforme o papel desempenhado na célula. Variam desde ligeiros traços, quase imprecisos, conhecidos por membranas plasmáticas, até os graus máximos de condensação, mais evidentes nas células vegetais. Na sua estrutura, o bloco lipídico está representado por lecitina, cefalina e colesterol, e o bloco proteico, principalmente pela estromatina; esses blocos se interpenetram, de modo ordenado, dando um aspecto particular conforme observação ao microscópio eletrônico.

O papel da membrana, além de protetor, é permitir as trocas químicas necessárias à vida, onde os fenômenos de capilaridade, osmose e tensão superficial atingem os seus graus mais perfeitos.

B - CITOPLASMA

O citoplasma, limitado pela membrana, é a zona onde se desenvolvem ativamente os fenômenos vitais celulares - reprodução, nutrição e irritabilidade. É menos condensado no centro (endoplasma) do que na periferia (exoplasma).

O citoplasma apresenta-se com dois aspectos: a) um aspecto amorfo, de consistência gelatinosa, sendo um hidrogel sob o ponto de vista físico - hialoplasma; b) um aspecto estruturado, constituindo orgânulos de trabalho - ergastoplasma.

A composição química do hialoplasma reveste-se da mais alta complexidade, havendo, ainda, muitos pontos obscuros.

A água é o mais abundante dos elementos, havendo células que chegam a alcançar 95%, (células embrionárias). Nos ossos o percentual é de apenas 20 %. Completando os componentes inorgânicos temos os sais minerais e os íons que entram nos processos osmóticos e no equilíbrio ácido-básico. Os fosfatos são os anions de predominância.

Os produtos orgânicos são representados pelas proteínas, lipídios, hidratos de carbono, ácidos nucleicos e outros.

As proteínas resultam da união de aminoácidos em cadeia, fazendo parte da estrutura básica celular, onde as enzimas, como proteínas que são, tem papel de catalizador orgânico.

Os lipídios, reunião de ácidos graxos com glicerol, são imprescindíveis à composição celular.

Os hidratos de carbono, responsáveis mais diretos pelas energias da células, desde os monossacárides aos polissacárides, têm expressivos representantes, como a ribose, desoxirribose, glicogênio, etc.

O protoplasma estruturado está representado por uma série de orgânulos especializados, assim distribuídos:

a) **Retículo endoplásmico** - Sistema de membranas internas coligando o citoplasma. Neste retículo, muitas vezes aparecem vacúolos em quantidade variável, sendo mais expressivos nas células secretoras. Como função, o retículo endoplásmico permite aumento da superfície intracelular facilitando as reações químicas; o transporte de partículas de um ponto a outro da célula, concorrendo na recepção ou eliminação celular; e a melhor possibilidade de armazenamento de substâncias.

b) **Complexo de Golgi** - Pequena zona diferenciada do retículo endoplásmico, variável em sua apresentação, sendo mais expressivo nas células secretoras e nervosas. Sua estrutura revela pequenos e grandes vacúolos, cisternas e membranas achatadas; estas as mais constantes. Deve ter função importante na orientação das secreções e por estar comprometido na origem do acrossomo (capuz do espermatozóide), pensamos que este orgânulo represente uma espécie de controlador vibratório das energias que trafegam no campo citoplasmático.

c) **Centríolos** - Apresentam-se de forma curiosa: dois tubos centrais cercados de nove pares de tubos. Cada par corresponde dois conjuntos cilíndricos de fibrilas. Pela disposição deste orgânulo, por se apresentar como centro cinético orientando os movimentos internos da célula, não seria através do centríolo o local onde energias especiais (organizadores celulares) encontrassem os comandos ideais e finais de suas determinações celulares?

A presença ou ausência das outras formações do centro-celular, estariam ligadas ao fato do alargamento ou diminuição das necessidades funcionais do centríolo, que é, em realidade, o orientador. Os filamentos asterianos ou astrosfera, sempre presentes nas fases ativas da célula, como no caso dos cilindros ou tubos do centríolo, parecem traduzir difusão energética, deixando decalcada no gel citoplasmático, principalmente após a morte da célula, as modificações coloidais ocorridas nos traços de passagem das energias que por aí transitam.

A função do centro-celular ainda é obscura, daí as diversas hipóteses existentes. Estamos com aqueles que admitem ao centro-celular a responsabilidade dos movimentos internos e externos da célula. O centro-celular deve ser considerado como centro de distribuição de forças variadas, quer sejam forças atrativas ou de orientação. Seria um verdadeiro centro cinético, onde o núcleo teria uma estação receptiva, mais precisamente no centríolo, de seus campos energéticos destinados ao citoplasma. Por intermédio deste posto receptivo, todos os movimentos e orientações citoplasmáticas estariam sob a égide do núcleo, contribuindo para a unidade fisiológica da célula.

d) **Mitocôndrios** - Apresentam-se como duas membranas: a externa lisa e a interna plena de invaginação. De distribuição homogênea, podendo deslocar-se

dentro da célula (ciclose). As bactérias não possuem mitocôndrios, pois tem respiração anaeróbia. A sua função parece ser o provimento energético celular, participando pelas suas enzimas no ciclo de Krebs, a cadeia respiratória e fosforilação oxidativa.

e) Ribossomos - São partículas contendo proteínas e RNA (ácido ribonucleico), habitualmente aderidas ao retículo endoplásmico. Nesses elementos se processam as sínteses proteínicas no citoplasma. O RNA é chamado de ribossômico (RNAr) e sua origem é nucleolar. Podem unir-se em cadeia constituindo o RNA mensageiro (RNAm), por trazer a informação genética do DNA nuclear (ácido desoxirribonucleico) para a síntese proteica citoplasmática.

f) Lisossomos - São os menores organóides da célula; apresentam-se como uma bolsa contendo enzimas digestivas e revestida por membrana. Se essa membrana se rompe a célula morre por auto-digestão; isso acontece com pequeno grupo de doenças ao agredirem a célula. A regressão da cauda do girino está ligada a processo digestivo dos lisossomos.

C - NúCLEO

De grande importância, é a sede do material hereditário. Limitado por membrana (carioteca) envolvendo o suco nuclear (cariolinfa), os cromossomos e o nucléolo. A forma e tamanho são variáveis, estando ligados a relação núcleoplásmica.

As trocas núcleo-citoplasmáticas se dão através a carioteca. Quase nada se conhece sobre a cariolinfa. O nucléolo é bastante refringente pela estrutura proteica, rico em RNA ribossômico, onde deve ser sintetizado. Existe também DNA, que talvez seja o produtor, por síntese, do RNAr e, por sua vez, originário no cromossomo organizador de nucléolos.

Na composição química do núcleo, salientam-se os ácidos nucleicos, por intermédio dos quais os caracteres hereditários se expressam. São polinucleótides compostos de pentose, base nitrogenada e ácido fosfórico. As pentoses são a ribose e desoxirribose. As bases nitrogenadas são representadas pelas purinas (adenina e guanina) e as pirimidinas (citosina, timina e uracilo).

Os dois ácidos nucleicos são o desoxirribonucleico (DNA) e ácido ribonucleico (RNA). O DNA possui molécula espiralada em hélice dupla, enquanto que o RNA é uma hélice simples.

O RNA existe de três tipos: o RNAr produzido no nucléolo, sendo o ribossomo do citoplasma; o RNAm (mensageiro); o RNAt (transportador), o mais leve dos três e solúvel no citoplasma.

Desse modo, podemos dizer que o cromossomo possui estrutura proteica (histonas, etc.) com as moléculas de DNA e RNA.

No momento, cabe a referência de que o ATP é um nucleotídeo (trifosfato de adenosina), entrando no importante mecanismo do código genético. O RNAm (mensageiro) está praticamente alojado sobre os ribossomos, dando origem aos polirribossomos e sendo produzido no núcleo. O RNAt (transportador) é também produzido no núcleo e apresenta mecanismo muito complexo pela presença de aminoácido específico após ativação pelo ATP, e quase sempre se insere na sequência polirribossômica (vede adiante código genético).

Não resta dúvida de que o núcleo e o citoplasma mantém uma relação de equilíbrio, relação núcleoplásmica, comprovada pelas experiências de merotomia e micro-injeções, cujo predomínio e orientação do núcleo sobre o citoplasma é por demais evidente.

O núcleo, como centro cinético que é, deve ser a zona donde partem todos os influxos que vão impressionar o corpo celular, no sentido de conduzir e harmonizar o necessário equilíbrio físico-químico de suas unidades de trabalho. Emitimos a hipótese de que, nos nucléolos, particularmente, estariam localizados os centros dessas energias, ou o local por onde os organizadores celulares iniciassem suas manifestações.

A atração das Energias Vitais pelo nucléolo estaria ligada a predominância do RNA em sua constituição básica. Difundida as energias por toda a área nuclear (cromossomos), haveria natural transvasamento através da membrana nuclear, donde os feixes energéticos, em sua maioria, seriam atraídos pelo centríolo, antes de se distribuírem pelo corpo da célula, em virtude de o eixo celular passar pelo centro do núcleo e centríolo. Destarte, o centríolo seria a estação receptiva para nova filtragem de energias, que sofreram adaptações iniciais na zona nuclear, antes de se difundirem no citoplasma. Os excessos energéticos no citoplasma seriam recolhidos pelos mitocôndrios que, à maneira de baterias carregadas, forneceriam o material energético nutridor, quando a célula exausta o reclamasse.

II - MULTIPLICAÇÃO CELULAR

A unidade celular, amiudamente, sofre transformações acentuadas dependentes de trabalhos especializados quais sejam: absorção, secreção, digestão, circulação, assimilação, respiração, desassimilação, excreção, irritação, locomoção e reprodução.

Verdadeiramente, é durante o processo reprodutivo que as transformações internas da célula atingem alto grau diferenciativo, dando como resultado novos elementos, de metabolismo jovial, tendo desaparecido o jogo do quimismo da célula mãe em favor de novas reações, em terrenos divididos e remodelados. Desse modo, podemos verificar que os diversos processos de divisão celular, cada um de per si, apresentam uma série de aspectos, formando verdadeiras figuras, que se sucedem ininterruptamente, dos quais, para facilidade de compreensão, a biologia delineou, esquematicamente, as fases processuais.

As células se reproduzem geralmente assexuadamente, obedecendo a cinco tipos conhecidos:

- 1) por divisão direta ou amitose
- 2) por divisão indireta ou cariocinese
- 3) por brotação ou gemação
- 4) por divisão endôgena
- 5) por renovação celular.

Ao nosso estudo interessa no momento o processo de divisão indireta, próprio das células somáticas, isto é, do todo, do organismo.

Uma lei, precisa em seus detalhes, foi apreciada cuidadosamente pela biologia quando estudava o dinamismo celular. Verificaram os biólogos que as células se dividiam por instalação de um desequilíbrio no seu crescimento. Assim é que a superfície (zona da membrana) cresce em relação ao quadrado; e o volume (massa celular) em relação ao cubo. Havendo desigualdade de crescimento, num dado momento a membrana torna-se insuficiente para suportar as trocas metabólicas que a massa citoplasmática exige do meio em que se encontra; a divisão é o recurso de que a célula lança mão para aumento de sua superfície e, conseqüentemente, para o equilíbrio e manutenção da vida. É claro que existem outros ângulos a serem apreciados, fatores que influenciam o mecanismo da

divisão, principalmente quando as células não são livres e se encontram fazendo parte de tecidos e órgãos.

A divisão celular indireta caracteriza-se por intensas modificações no citoplasma e núcleo. As alterações se observam no duplo sentido físico-químico, repercutindo profundamente na morfologia celular. Nesse dinamismo três períodos são observados: 1) a fase que antecede a síntese do DNA; 2) a fase da síntese do DNA; 3) a fase que se segue a síntese do DNA e anuncia a mitose.

O processo mitótico obedece as conhecidas fases da prófase, metáfase, anáfase e telófase, onde o material cromossômico será dividido de modo equitativo, ficando as células filhas com o mesmo teor quantitativo da célula-mãe. Entretanto na meiose ou mitose de maturação, próprio das células sexuais, o material cromossômico, nas células filhas resultantes, ficará reduzido à metade. Isto porque, quando o espermatozóide e óvulo se juntarem pelo processo de conjugação, vão restabelecer o número de cromossomos da espécie a que pertencem.

No processo mitótico, a prófase inicia a divisão com expressiva condensação dos cromossomos, já duplicados praticamente na interfase, a fim de facilitar o mecanismo separativo das cromátides irmãs. Ao lado disso, os nucléolos desintegram-se transformando-se em ribossomos (RNAr). Nesta posição, no citoplasma ocorre a duplicação do centríolo, com respectiva migração para os polos da célula, donde as fibras do fuso partem em busca de pontos especiais nos cromossomos (fibras cromossômicas). Ainda nesta fase, a carioteca se desorganiza e o material nuclear distribui-se pelo citoplasma.

Na fase seguinte, metáfase, os cromossomos ocupam o equador da célula e as fibras do fuso estarão ligadas aos centrômeros dos cromossomos.

Na anáfase, as fibras cromossômicas do fuso puxam os cromossomos, que se separam ao nível dos centrômeros, para os polos da célula divisionária.

Na telófase, os fenômenos são opostos aos da prófase. Os cromossomos descondensam-se, os núcleos reaparecem e a carioteca se organiza.

A célula, à medida que a divisão avança, vai apresentando um adelgaçamento no equador (citocinese), até divisão completa, ficando as células filhas resultantes com o mesmo número de cromossomos da célula-mãe. Outros orgânulos, tais como: mitocôndrias, aparelho de Golgi, ribossomos, plastos, são distribuídos, equitativamente, pelas células filhas.

FASES: A - Núcleo em repouso; B - Profase: espirema e início da secção transversal e clivagem dos cromossomos; D - Metáfase: placa equatorial cromática; corpúsculos polares com seu fuso; E - Anáfase: dupla coroa polar - diáster; F - Telófase: dispirema - separação das células filhas.

Os limites dados às fases acima descritas, correspondem, em parte, a pequeno artifício, porquanto elas quase se entrecruzam, variando ao máximo, apresentando, muitas vezes, desenvolvimento incompleto de muitas dessas figuras quando não, ausência. Compreende-se, perfeitamente, que o encadeamento esquemático foi com finalidade de englobar as nuances dos fenômenos cariocinéticos, pois uma descrição detalhada, em espécies celulares, fugiria ao roteiro deste trabalho.

Por esse processo reprodutivo - divisão cariocinética -, o mais comum na série animal, verificamos que os cromossomos distribuem-se qualitativa e quantitativamente nas células filhas; isto quer dizer que houve um perfeito equilíbrio na distribuição do material nuclear. É de se pensar que fenômenos bioquímicos tão precisos, estejam sob orientação de organizadores especiais na

célula. Organizadores que se não devem confundir com as reações bioquímicas citoplasmáticas, mas considerá-los como os orientadores dessas reações.

III - CROMOSSOMOS E GENES

O cromossomo apresenta-se de formas variadas, bem especificados, estando presentes em todas as células animais e vegetais definindo, pelo seu número, as respectivas espécies.

Nas diversas fases da vida celular, incluindo o período reprodutivo, os cromossomos estão sempre presentes embora possam configurar-se de modo variável. O número, na espécie humana, é de 46. Existem células com 2 cromossomos, como também com algumas centenas deles.

Estão sendo cada vez mais bem estudados e plotados em mapas com auxílio de computadores, cuja finalidade precípua é a de atingir os detalhes íntimos do processamento hereditário.

O tamanho dum cromossomo varia de 4 à 60 micra de comprimento; seu diâmetro, de 0,5 micron, mostrando, quase sempre um estreitamento limitando dois braços habitualmente desiguais. Apresenta-se com dois filamentos helicoidais internos, enroscados sobre si mesmo (cromonema ou cromátides) e, em sua complexidade dá-nos idéia de um fio telefônico enrolado sobre si mesmo em hélice.

A estrutura cromossomial, em detalhes, é muito discutida pela sua variabilidade de aspecto e dificuldade de observação. Podemos considerá-la como um conjunto de moléculas ordenadas por sistemas atômicos particulares. Estudos realizados no Instituto Rockefeller por H. Ris e A. Mirsky, responsabilizaram o ácido desoxirribonucleico como a substância básica do cromossomo. Este ácido seria o resultado organizado de várias bases, tais como as purinas e as pirimidinas, ao lado de pequenos elos fosfóricos - todos ligados à raiz principal ele um pentaçúcar que é a desoxirribose. Logo, a molécula do DNA fica sendo uma cadeia com grupos alternados de fosfato e desoxirribose; a cada grupo de desoxirribose une-se uma das quatro bases nitrogenadas (adenina, citosina, guanina e timina).

Com a descoberta da estrutura helicoidal da molécula, verificou-se que o DNA formava uma dupla hélice como uma corrente de dois fios (duas cadeias entrelaçadas, absolutamente organizada), onde o grupo adenina numa cadeia se encontra ao lado e ligada ao grupo timina da outra cadeia; do mesmo modo, sempre ligados, a citosina e a guanina.

Esta disposição das bases nitrogenadas ao lado das cadeias entrelaçadas, poderá explicar, nos cromossomos, a imensa potencialidade de manifestação das "ordens energéticas dos organizadores celulares" que aí encontrariam as fitas magnéticas ideais para gravações.

Parece não mais haver dúvidas, após os cuidadosos trabalhos de Watson e Crick, da estrutura helicoidal do DNA e como sendo o elemento que responde pela herança de todos os organismos vivos, excetuando-se alguns vírus que utilizam o RNA (ácido ribonucleico). Algumas experiências baseadas na retirada de núcleos em certas espécies celulares, portanto, afastamento da substância DNA dos cromossomos, a hereditariedade foi observada mesmo assim, indicando que houve mobilização de outra substância, o RNA, possivelmente os ribossomos do citoplasma. O que é importante salientar, é que a experiência fala em favor de um "substrato energético", dirigindo a fenomenologia em questão e que, não encontrando a substância ideal (DNA) do núcleo, lançou mão de elementos semelhantes no citoplasma celular, a fim de continuar o impulso da vida.

Qualquer que seja a constituição do cromossomo, será de uma complexidade imensa, porquanto, é neste tapete químico, evidenciável pelas técnicas citológicas, que os genes tomam posição e cuja estrutura ainda desconhecida deve divergir, em parte, do elemento que o abriga.

Não conhecemos, até o momento, a forma real dos genes por serem invisíveis aos melhores instrumentos ópticos de aumento. Temos, de nossa parte, a impressão que os genes devem ser elemento mais sutil do que a matéria comum. Seria uma substância de transição, uma ponte de união entre os dois elementos conhecidos, matéria e energia - uma substância com possibilidade de ser percebida e definida por futuros métodos científicos, fazendo parte dos decantados "organizadores celulares". Isto é, seriam blocos de energia em processo de densificação, confundindo-se com a matéria cromossômica. Assim, os genes poderiam ser as terminações energéticas de uma "essência vital" existente na intimidade celular, e os responsáveis pelos chamados "organizadores celulares".

Os genes sendo unidades responsáveis pela herança, cada um deles representaria fator hereditário. Existem sempre dois genes, no mínimo, para cada fator de herança (masculino e feminino). Genes esses semelhantes e na mesma posição cromossomial, porém não idênticos em potenciação, apesar de se destinarem aos mesmos fatores hereditários. Como veremos na multiplicação das células sexuais, os cromossomos pares iguais na forma e no tamanho, juntam-se para dar nas células-filhas o substrato da meia herança, que se completará com a outra meia herança do sexo oposto, durante a fecundação, onde o gene teria seu próprio potencial da organização que lhe deu origem.

Os genes hereditários dos cromossomos, na mosca de frutas, foram calculados em cerca de 2000, dos quais 400 foram bem estudados por Morgan, que chegou a desenhar um mapa determinando o local desses genes e qual a potenciação de cada um, em face do semelhante no cromossomo oposto (par). Nos cromossomos da espécie humana, em número de 46, devem existir 10000 milhões de genes com infinitas possibilidades de combinações e exteriorizações, para nós ainda de difícil investigação e conseqüente interpretação.

Os genes cromossomiais, como acima referimos, ainda não foram evidenciados, contudo, não podemos deixar de admiti-los pelo comportamento que os seres vivos (animais e vegetais) mostram no período reprodutivo, quando são efetuados os respectivos cruzamentos. Alguém disse com muita propriedade, que os genes representam para nós, hoje, o que o átomo representava há muitos anos para a ciência; não era evidenciado pela pesquisa científica, mas, sem ele a física e as ciências afins não podiam viver. Apague-se a hipótese dos genes e nada mais pode ser construído no terreno biológico,

Deve existir na intimidade dos cromossomos, além de seu aspecto e constituição comuns, um substrato energético que possa explicar a especial conduta da dança dos genes nos mais complexos fenômenos biológicos. Nicola Pende referindo-se aos estudos e realizações no campo da genética emite o seguinte parecer: "a genética se acha constituída pelos estudos experimentais no edifício atômico, com suas hipotéticas radiações vitais que emitem, e, sobretudo, com o "quid misterioso" ou força vital organizadora que encerra, tendo por finalidade conservar e realizar, depois da concepção, os caracteres biopsicológicos da pessoa humana".

Hodiernamente, não conhecemos de modo integral o átomo mas não temos dúvida da sua existência, As ciências fisico-químicas sem o átomo teriam sucumbido. Atualmente, os genes são unidades de que temos que admitir a

presença, embora não estejamos em condições de prová-lo, tanto quanto ao átomo. Qualquer que seja sua apresentação, como se conjugam seus elementos, somos obrigados pela lógica e bom senso a admití-los no cadinho cromossomal, como uma substância capacitada a influenciar a organização molecular e atômica, onde penetram, encravam-se e identificam-se. O gene pode ser considerado a região por intermédio da qual o "princípio energético vital" atinge a matéria, influenciando no mecanismo da herança.

Dessa forma os genes representariam uma rede energética, verdadeiro esqueleto vibratório, sustentando e dirigindo a organização cromossômica. Seriam os organizadores celulares?

Estariam os genes dispostos no tapete cromossômico como fontes de energia, não perceptíveis, até mesmo, com vista armada? Como uma expressiva galáxia, seus astros estariam dispersas no céu cromossômico e coordenados por impulsos de energias maiores?

Estariam os genes, do modo pelo qual interpretamos, ligados a uma Essência Vital de energia ainda mais evoluída e que neles encontrassem os pontos necessários para as suas informações e orientações? Com isso, o "colar magnético" de genes, seria a tela por onde essas Energias Profundas do Ser se manifestassem e canalizassem as suas diretrizes nas unidades celulares de um determinado organismo.

IV - CÓDIGO GENÉTICO

O DNA (ácido desoxirribonucleico), apesar de não ser perfeitamente conhecido, nos tem mostrado o potencial biológico de que está investido, orientando a formação de enzimas, proteínas estruturais e outros elementos celulares.

É nesta substância (DNA), ao lado de outras unidades do cromossomo, que os fatores hereditários influenciam diretamente as formas e destinos funcionais dos órgãos. Portanto, é pela molécula do DNA que as diferenciações e estruturações de um determinado organismo alcançam suas finalidades.

Ao lado disso, já sabemos os tipos de ácido ribonucleico (RNA). O RNAm (mensageiro), o RNAr (ribossômico) e o RNAt (transportador ou de transferência). Essas variedades de RNA, conjugadas as enzimas, permitirá o desencadeamento de reações especialíssimas na formação da síntese proteica. A variabilidade das proteínas é tão grande que ultrapassa a casa dos 100.000.

O RNA mensageiro, como o nome está a dizer, recebe as informações do DNA, Em código especial, vindas da dupla hélice estruturada, principalmente, em bases azotadas, Esta disposição apropriada fornecerá mensagem específica; porém, a transcrição do código, neste RNAm, só se dará em presença de uma enzima (RNA-polimerase) que, depois de aderida, percorre o filamento do DNA e registra as informações que uma determinada proteína exige para sua síntese. Assim, o código vai sendo impresso no RNAm em formação que, a pouco e pouco, abandonando a hélice (DNA) lhe dará novamente a forma dupla que havia modificado quando de sua insinuação ou interferência no quadro molecular do núcleo.

O RNA mensageiro, plenamente constituído, abandona o núcleo, dirigindo-se ao citoplasma onde, no corpo do (RNAr) ribossomo, desencadeará a formação da proteína prevista. Assim o ribossomo, medindo cerca de 20 milionésimos de milímetro, funcionaria como verdadeiro calculador eletrônico, decifrando as informações, traduzindo a linguagem da vida.

O ribossomo (RNAr) compõe-se de duas sub-unidades maiores, uma mais leve e outra mais pesada, como se fora um pequeno pão arredondado dividido em duas tampas ou partes. Existiria um sulco entre as duas subunidades, por onde deslizaria a cadeia codificada do RNA mensageiro vinda do núcleo.

Essa cadeia (RNAm) é como se fora uma fita gravada com as palavras da linguagem genética, daí a denominação de cadeia polirribossômica. Teríamos em cada palavra da linguagem genética três pontos ou ranhuras, representando o que denominamos de códon. Cada códon sofre o impacto do RNA transportador, com seu respectivo aminoácido, pela abertura da tampa do ribossomo em lugar apropriado.

Dessa forma o RNAt é incrustado na fita do RNAm, dentro do ribossomo, para as devidas elaborações, aí deixando seu aminoácido. Logo a seguir, abandona a unidade ribossômica que ocupava, lançando-se no citoplasma da célula.

Ainda pela abertura do ribossomo, existiria o local de saída, para o citoplasma, da proteína elaborada (após a leitura da mensagem genética), que vai adquirindo a específica estrutura tridimensional.

É no abrir e fechar das tampas ribossômicas (subunidades maiores), à semelhança das valvas de uma ostra, que as proteínas vão sendo sintetizadas, como também, havendo as ruturas dos aminoácidos que acompanham o RNAt(segundo hipótese de A. Spirin). De Roberts, baseado em experimentações, chegou a conclusão de que as tampas ou subunidades ribossômicas são independentes, unindo-se na fita polirribossômica, exclusivamente, no momento da elaboração proteica.

O aminoácido do RNAt, antes de penetrar o ribossomo, sofreu processamento especial onde o ATP citoplasmático (trifosfato de adenosina) teve ativa participação. Convém referir que o ATP participa, após o processo ribossômico, com os mitocôndrios celulares, da continuidade do processo da síntese proteica. No ATP está a grande fonte de energias para as reações químicas citoplasmáticas, pela mobilização de inúmeras enzimas participantes do ciclo de Krebs.

Pelo visto, percebemos a importância do código genético expressando reações biológicas do mais alto padrão. É através dessa operação nuclear, seletora das necessidades em proteicos variáveis para organismo, que ficamos a observar da possibilidade doutros processos idênticos desenvolverem-se pelas mesmas rotas. O processo básico das sínteses proteicas alargam os nossos pensamentos, fazendo crer-se, como lógico, que todo quimismo celular básico teria orientações e diretrizes fornecidas pelos canais da relação núcleomática. Se formos mais além, em nossas conclusões, teremos que admitir no núcleo a central orientadora de todo o cadinho celular.

Dessa forma, não só a criação das proteínas, porém os demais elementos necessários à vida celular seriam devidamente construídos pelas influências nucleares, mais precisamente nas zonas celulares utilizadas pelo código genético.

Todas as manifestações químicas celulares denotam uma ordem precisa e harmônica tão contundentes, que seria comportamento infantil traduzir todo esse precioso trabalho, como resultado dos choques de substâncias sob "forças do acaso". Esses processamentos não seriam inspirados no arcabouço físico do organismo, onde umas zonas dependem inapelavelmente das outras. Em outros termos: se existe necessidade de excitações de alguns campos celulares especiais dum órgão, por uma determinada dose hormonal, esta mesma secreção hormonal já seria o resultado de uma excitação nervosa. Esta última dependeria, também, de

outros fatores. Assim, chegaríamos a conclusão de que a homeostase orgânica, isto é, um equilíbrio ajustado de funções não seria o resultado de "entre-choques bioquímicos" que, mais uma vez, esbarraria no "acaso" ou na "sapiência da natureza".

Teremos que lançar mão de outros mecanismos que possam explicar, ou pelo menos justificar, a conduta celular nos processos diferenciativos, a gênese dos órgãos e, enfim, toda a morfogênese da espécie.

O exemplo do código genético é bem expressivo e possui conotações científicas bem apuradas. É bem possível que através núcleo-citoplasma, diretrizes energéticas especiais se façam presentes na intimidade das estruturas químicas. Não só o trabalho físico-químico de intercâmbio entre os diversos tecidos e órgãos, como também, a fenomenologia do sistema nervoso com o seu mais nobre trabalho onde podemos salientar os fenômenos de memória e do pensamento, estariam subordinados a um "quid" energético especializado.

Por tudo isso, existiria uma zona responsável, onde os fenômenos com diretrizes bem equacionadas tornariam origem. Zona que seria energética, em dimensão mais evoluída, influenciando a zona física através os caminhos do código genético como setor de manifestações finais.

Lembremos o nosso conceito à respeito dos genes.

Estes já seriam elementos energéticos a esbarrarem nas formações físicas dos cromossomos, que lhes dariam uma natural continuidade apesar da modificação dimensional. Como tal, os genes seriam constituídos duma energia bem próxima a da organização física, pela possibilidade de entrosamentos e conexões com a matéria, sua natural seqüência. Isto daria uma espécie de soldadura ou contensão dos genes nos cromossomos, apesar de serem unidades supostamente energéticas.

Por sua vez os genes teriam ligações com outras energias mais evoluídas, que neles encontrariam urna tela de manifestações. Com isso, esbarraríamos numa energética existente na intimidade de um organismo, energia evoluída, com potencialidades imensas, um Élan Vital, uma Essência, uma verdadeira Energia Espiritual com funções extensas e altamente complexas, fornecendo melhores equações na avaliação do mecanismo evolutivo da vida.

Essa Energética Espiritual, resultado de vivências e experiências incontáveis, com as suas emissões vibratórias, apresentaria zonas intermediárias (perispirituais) até desembocarem nos genes. Estes, podem ser considerados a extremidade da Energia Espiritual buscando a matéria, por onde as sugestões, informações, diretrizes, enfim, todo o quadro de nossa herança espiritual tivesse possibilidade de expressões nas regiões cromossomiais da herança física. Com isso, não haveria mais do que uma seqüência e encadeamento de potencial de herança, do espiritual ao físico. Um só eixo de herança, onde o patrimônio físico seria a expressão da influência espiritual.

Com este conceito de uma Energética Espiritual Imortal e sempre atuante, colhendo os dados de todas as experiências de nossas vidas, desde as reações químicas das células aos processamentos psicológicos mais avançados, poderemos entender melhor a biologia e de modo particular a filogênese.

Resumindo, podemos dizer que o código genético, com seu maravilhoso mecanismo, seria a conseqüência da informação espiritual, através dos filtros perispirituais nos organóides celulares, obedecendo a harmoniosa seqüência.

As informações e orientações vindas das camadas profundas e desconhecidas da Energética Espiritual, refletiriam, inicialmente, nas telas perispirituais (zona intermediária). Estas, com suas expansões e lapidadas pelas informações do

espírito, penetrariam o nucléolo do núcleo (zona de atração), onde o RNA é substância dominante. Daí haveria, como que, uma verdadeira difusão energética para os genes cromossomiais no cromossomo nuclear, inspirando o grande metabolismo da vida. Após difusão nessas unidades de trabalho específico, a Energética iria comandar a harmoniosa distribuição para o citoplasma, orientando os processos, já, em parte, conhecidos do código genético na formação da síntese das proteínas, e outros mecanismos químicos, sutis, ainda desconhecidos.

A energética perispiritual, praticamente continuada nos genes cromossomiais, iria de encontro aos ribossomos citoplasmáticos (RNAr), através da cadeia de polirribossomos (RNAm), onde as subunidades ribossômicas alojariam a "fita magnética" interna que ditaria as ordens até seu ponto final no citoplasma.

V - DINÂMICA CELULAR

As células receptoras e produtoras de energia que impropriamente denominamos de energia elétrica, as suas funções, expressões de sua própria vida, dependem do modo como se esboça a diferença de potencial energético entre núcleo e citoplasma. É preciso salientar que este potencial em jogo, na intimidade celular, terá que obedecer a um impulso Energético-Central que, por sua vez, é coordenador geral de toda a arquitetura de um organismo. Este mecanismo Energético-Central será tanto mais desenvolvido e aperfeiçoado, quanto mais desenvolvido for o ser. Todas as nuances da organização física estariam sob sua custódia, o que vale dizer que essa Energia não seria jamais consequência da matéria, mas um elemento destacado, em cujo seio a matéria estaria mergulhada para sofrer a necessária e harmoniosa orientação, através dos núcleos celulares.

Piróvano, em investigações na biologia vegetal, demonstrou que as cargas elétricas atuam sobre os núcleos, mais diretamente na cromatina, e oscilações eletro-magnéticas apropriadas influenciam os processos biológicos, particularmente os genéticos, chegando mesmo a formar gametas anômalos que causam mutações na espécie. É bem possível que essas cargas elétricas e oscilações eletro-magnéticas desencadeiem, ou melhor acelerem, os normais e desconhecidos processos "energéticos-íntimos" de que a evolução se vale para expressar-se, neste terreno.

Nos estudos de microatividade foi determinada a existência de radioatividade, em grau acentuado, com substâncias fora do grupo radioativo conhecido, sendo que o potássio parece ser um encabeçador das ações eletrobiológicas. Se retirarmos o potássio dum organismo, com lavagens especiais, estas ações específicas vão se reduzindo até o desaparecimento; por outro lado, se fizermos a recomposição com soluções potássicas radioativas, o restabelecimento logo se observa. O elemento potássico predomina no núcleo, ficando o citoplasma mais carregado de outros elementos opostos, cálcio principalmente; esses antagonismos farmacodinâmicos são necessários como esteio às funções vitais mais complexas, que se expressam e evidenciam no terreno puramente energético.

Desse modo, o núcleo com características eletronegativas e o citoplasma eletropositivo, constituem um campo ideal de corrida energética, como também o cadinho onde se desenrolam os processos oxirredutores e os intercâmbios eletrolíticos com o meio.

As células, com mecanismos ainda muito mais tênues e desconhecidos, emitem suas irradiações, cujo potencial é variadíssimo, dependendo, naturalmente, do setor orgânico a que pertencem, como também do organismo (Individualidade)

que as unifica. Já possuímos aparelhos que medem as variações de potencial de alguns setores orgânicos, como o muscular, particularmente o músculo cardíaco (estudos de eletrocardiografia) e o setor cerebral (eletroencefalografia). Já foram descobertas cargas energéticas no parênquima hepático e das vias biliares, bem como hoje estão mais bem interpretadas as radiações mitogenéticas de Gurwitsch, que são raios emitidos pelos tecidos embrionários, quer vegetais ou animais, e pelo próprio sangue, determinando excitações a distância.

Por outro lado, esses mesmos elementos celulares, campo de trocas energéticas, vivem a receber, igualmente, energias de todos os tipos, do universo em que estão mergulhados, assegurando não só seu equilíbrio e harmonia, mas também as circunstâncias que favorecem transformismos e mutações, expandindo funções e dilatando o campo da herança, em busca de horizontes mais bem expressivos.

Assim é de se pensar que todo ser tem um "Centro-Vital-Irradiante", de energia unificadora e equilibradora de seu organismo, em harmônica conjugação com os campos núcleo-citoplasmáticos, onde as múltiplas e acentuadas reações tem a sua razão de ser com finalidade precisa.

As unidades celulares recebem, do meio onde vivem, influências variáveis, verdadeiros estímulos externos, de natureza mecânica, física ou química. Todos eles são conhecidos e estudados, possuindo a ciência roteiro seguro de trabalho em face dos mesmos; no entanto, os estímulos internos (vibrações de um campo apropriado) são pouco conhecidos, apesar de sabermos que eles representam os mais altos fenômenos da vida.

Na explicação dos fenômenos causados por estímulos internos, duas correntes biológicas se separaram em campos opostos: a dos mecanicistas e dos vitalistas. Os primeiros querem explicar que os estímulos internos de toda natureza, isto é, a própria vida, está na dependência de simples modificações físico-químicas protoplasmáticas. Os segundos, os vitalistas, admitem a presença de um princípio vital ou força vital, como fator propulsor dos movimentos citoplasmáticos; assim, o movimento citoplasmático seria a resultante de um princípio energético celular respondendo por finalidade determinada.

A irritabilidade, manifestação mais simples da vida, embora despertada por influências externas, só poderá ser consequência da orientação de um princípio vital. Como podem explicar os mecanicistas por simples modificações físico-químicas os processos anabólicos e catabólicos a ordem absoluta e precisa de toda a química celular? Como podemos explicar o jogo metabólico que determina a estabilidade e precisão dos gastos de oxigênio pelas células, bem como o equilíbrio da glicose em circulação no sangue às expensas de um grupo de células pancreáticas? Quando, por sua vez, as unidades celulares se organizam em colônias na formação de tecidos e órgãos, é lógico pensar-se na existência dum princípio coordenador desse conjunto celular. Assim, a união dos tecidos em órgãos na formação de um organismo, deve obedecer ao "Princípio ou Energia Central". Quando este centro não existe, embora as células se achem unidas, nada constroem e vivem exclusivamente para si, de modo desordenado, obedecendo aos seus próprios impulsos, como sói acontecer nas culturas celulares "in vitro". Conclui-se que os elementos celulares, verdadeiras áreas energéticas microscópicas, tem vida própria, subordinando-se, entretanto, à Individualidade que as convoca ao agrupamento na construção orgânica.

Nas comuns reações protoplasmáticas, a presença de compostos inorgânicos e orgânicos necessitam de catalizadores ou elementos oligárquicos para se

estabelecerem em bases proporcionais de equilíbrio. Quando as reações são de ordem mais complexa, chegando mesmo a exteriorizar funções especializadas, os elementos oligárquicos deveriam ser chamados, no caso, de elementos coordenadores e propulsores do trabalho biológico. Desse modo, os elementos coordenadores seriam cada vez mais sutis e especificados, à medida que fossem comandando funções mais avançadas, até que, no indivíduo como um todo, o centro coordenador representaria a "Energia Espiritual", a "Força Vital" de que é portador todo ser. Escreveu Ubaldi: "Como podemos crer que um organismo tão perfeito, como o corpo humano, possa reger-se e funcionar sem uma Energia Central Reguladora? Não basta dizer qual a química da respiração, da assimilação, da circulação, nem comprovar a perfeita conjunção de todas as engrenagens da maquinaria dessas três funções fundamentais. Nas profundezas do metabolismo celular há presciência do instinto, que age por si, sem a intervenção da ciência, o que esta, por vezes, tem até dificuldade em perceber; há não só um ritmo maravilhoso de equilíbrios, como uma resistência destes a qualquer desvio; há uma auto-defesa orgânica, orientada por uma sabedoria imensa nas profundezas do inconsciente" .

O biologista e filósofo Rans Driech em trabalhos embriológicos experimentais, com o ovo de ouriços do mar, observou que, separando os dois primeiros blastômeros, havia desenvolvimento complexo de duas larvas, embora correspondessem cada uma à metade do tamanho da larva normal. Progredindo nas experiências, fazendo separações celulares de etapas embriológicas posteriores, obteve igualmente larvas completas, cujos tamanhos correspondiam respectivamente a um quarto e um oitavo das de tamanho normal. Daí a conclusão a que chegou, dizendo que as larvas se tornavam normais pela presença de um "Princípio Organizador" , pois as trocas físico-químicas e reações metabólicas, por si só, jamais podem explicar fenômenos vitais desse jaez. Assim, todas as células tem um poder construtor e, sua reunião em tecidos e órgãos, na formação de um organismo, não seria tão somente um mecanismo perfeito de peças bem encaixadas, mas sim o fruto de um princípio não material, um fator vital que subordina as partes ao conjunto. Como poderiam as células manter, sem um princípio coordenador, o equilíbrio dinâmico com inúmeras reações enzimáticas num jogo iônico ordenado, harmonioso e complexo? Como seriam explicadas as variações coloidais do corpo celular, de sol à gel e vice-versa, as mudanças de ph, as elaborações e trocas das frações vitamínicas e hormônicas, a pressão osmótica e a incalculável precisão dos fenômenos de permeabilidade da membrana? Tudo isso, demonstrando a mais alta presciência e a mais categorizada perfeição no sentido do equilíbrio dos desvios e desarmonias.

É interessante anotar, que as células de determinado setor, por si só, já trazem, em parte, a iniciativa de seu próprio trabalho que os milênios da evolução conseguiram definir. Se as células deste determinado setor perdem a orientação "Energética-Central", é claro que em breve haverá desarmonia; embora possam existir pequenas iniciativas construtivas, todas elas serão frustradas. Os cultivos celulares, nas melhores técnicas de trabalho, tem confirmado essa assertiva.

Se, por exemplo, tentarmos transplantes de tecidos de embrião jovem entre si, os resultados são interessantes, de vez que as unidades celulares norteadas para alcançarem um fim, quando enxertadas em outros tecidos ou zonas, dão, como resultado, novos órgãos absolutamente desregulados, verdadeiras expressões teratológicas, conseqüência das ordens energéticas divergentes nas células que já se acham plenas e saturadas de orientação diferente.

Se procurarmos cuidadosamente, na biologia, as reações que certos animais apresentam, podemos tirar conclusões interessantes. Assim se seccionarmos uma das patas dum caranguejo, jamais haverá descoordenação nos movimentos das demais patas; muito ao contrário, imediatamente estabelece-se uma nova coordenação, contrariando a tão vicejada teoria mecanicista na defesa peremptória de que os movimentos dum organismo se fazem às expensas do conceito de reflexo. Este mesmo animal, na perda de todas as patas, procura deslocar-se às custas das mandíbulas, que não foram adaptadas, por meio de "reflexo" para este fim. É claro que os reflexos existem e representam trabalho vital, porém não podem responder por todos os fenômenos.

Existe um ascídio marinho, a clavelina, cujo organismo é constituído de dois elementos. Em casos de secção de uma parte do corpo, haverá, com relativa facilidade, regeneração da zona perdida; mas, se a secção atinge a metade do mesmo, não haverá regeneração. Neste caso, a "natureza" nos dá um exemplo realmente digno de se tirarem conclusões honestas e sinceras: o ascídio se dissolverá numa massa citoplasmática que, por sua vez, às custas de uma "coordenação especial", ele se transformará de novo num organismo idêntico a qualquer clavelina normal.

Poderíamos citar numerosos exemplos no gênero, lembrando apenas que as regenerações diminuem à medida que a escala animal avança na evolução e, no homem, as regenerações são em muito menor escala. Quanto mais complexo for um organismo, mais limitadas serão as regenerações, por já se acharem definidas inúmeras funções.

A presença de um "Princípio Organizador" nos seres, um "Princípio Espiritual" ou "Energia Vital", fonte de todas as possibilidades, é de imperiosa necessidade à biologia. Neste sentido, numerosos pesquisadores se tem manifestado, merecendo citação os judiciosos estudos de Kurt Goldstein. Se formos ao terreno da genética, aí então, quase nada ou pouca coisa pode ser compreendida se não associarmos a idéia de um "Princípio Vital Organizador", apesar de não ser evidenciado pelos sentidos comuns, isto é, pelos métodos analíticos experimentais. Desse modo, vemos Guyénot rompendo com a tradição materialista, Gaullery recusando os dogmas, ditos científicos, da genética e Grassé abraçando o puro do lamarquismo na herança dos caracteres adquiridos. O grande Carrel, com seus trabalhos científicos e conceitos cristalinos, chamando-nos atenção para a necessidade de reintegração do Espírito à matéria.

A tendência moderna em biologia, em face da morfogênese e da finalidade da vida, seria uma continuação com ampliação daquela doutrina tão bem explanada por Lamarck e que em Francé e Adolfo Wagner teve seguidores notáveis. A vida teria, antes de mais nada, uma expressão psíquica que não seria representada pela antiga "Força Vital", mas sim, numa verdadeira "Força Criadora" jamais originada pela consciência ou zona consciencial. Schopenhauer chamaria essa força de "Vontade", e Bergson, de "Impulso Vital".

Se estendermos a noção deste princípio a outros setores mais avançados da biologia, qual seja o setor psicológico, veremos que a psicologia, além de admitir, tem necessidade para sua expansão de se estribar no "Princípio Organizador". Mais ainda, os modernos estudos de parapsicologia reconhecem a existência de um psiquismo de profundidade com direta influência no soma. Muitos psicologistas estão acordes na presença deste mecanismo que representa grande avanço na avaliação dos processos psíquicos fundamentais (percepções, emoções, volições, etc.). Estes não podem ser explicados como resultante de outros processos mais

elementares, e sim, às custas de um princípio totalizador que unifique os processos e lhes dê um sentido.

Sintetizando, podemos compreender que a célula, este organismo em miniatura, verdadeira usina microscópica, tem forçosamente que sofrer a influência da "Energia Espiritual Central" e responder com o trabalho harmonioso e categorizado, na definição da espécie a que pertence. Na relação núcleo-citoplasmática, o núcleo é eletronegativo e o citoplasma eletropositivo; assim sendo, a polarização dinâmica da energia espiritual positiva só poderá dar-se no sentido núcleo->citoplasma, mais precisamente núcleo->centríolo, por traduzirem o eixo celular. Desse modo, a zona nuclear a receber o primeiro impacto energético, seria o nucléolo pela sua disposição e organização química, filtrando, assim, as energias em ação e como que preparando-as para o contato com os genes dos cromossomos; daí, haveria difusão através da membrana nuclear, cujas emissões seriam captadas pelo centríolo para nova adaptação, verdadeira filtração e, através de seus organóides (principalmente os filamentos asterianos) iriam difundir-se no citoplasma, nos vórtices atômicos dos grânulos de RNAr (ribossomos).

Sendo os genes cromossomiais os elementos responsáveis pela orientação de todo dinamismo celular, é claro que a "Energia Espiritual Central" terminaria, realmente, nos genes cromossomiais; entretanto, como o gene deve ser uma substância de transição, de aspecto menos condensado que a matéria onde se aloja (cromossomo), projeta sua própria energia em direção ao citoplasma, alcançando o centríolo e, posteriormente, os ribossomos. Neste ponto, as energias vindas dos genes atingiriam uma concentração de tal ordem, que se perderiam nos vórtices atômicos da matéria, confundindo-se com a mesma.

Por este meio, a célula seria, nada mais, nada menos, do que a condensação das energias espirituais em expansão e a tela ideal de suas manifestações, por onde, também, colheria experiências de todos os matizes para a zona espiritual, representando fator da mais alta expressão no panorama evolutivo.

Os genes para nós, respondem pela porção terminal da Energética Espiritual e início das fontes dinâmicas orientadoras no organismo físico. Segundo a opinião dos geneticistas, "os genes são condicionados para produzir enzimas específicas que guiam o curso do metabolismo de todas as células do corpo". Nada seria realizado senão através da orientação, direção e controle dos genes em toda área material que lhe dá abrigo.

Se os dinamismos gênicos apresentarem disritimias, refletirão, naturalmente, suas deficiências em desordens metabólicas que se responsabilizarão por inúmeros e variados quadros patológicos. Estes quadros, em última análise, seriam consequências de desarmonias espirituais.

Capítulo II - Óvulo e espermatozóide

ÓVULO E ESPERMATOZÓIDE. GAMETOGÊNESE, FECUNDAÇÃO. DETERMINAÇÃO CROMOSSOMIAL DO SEXO. TEORIAS SOBRE A FECUNDAÇÃO.

As células sexuais, masculina e feminina, no processo de divisão, apresentam para o lado do núcleo características especiais, que convém serem analisadas, para que se compreenda o mecanismo da fecundação com as respectivas heranças, paterna e materna.

A célula masculina, o espermatozóide, tem origem nos canais seminíferos dos testículos. A célula feminina, o óvulo, encontra-se no ovário, dentro de um folículo, denominado de folículo de De Graaf.

As células sexuais, tanto o óvulo quanto o espermatozóide, possuem propriedades comuns, quais sejam a composição nuclear e o processo formativo; entretanto, existem propriedades divergentes evidentes. O óvulo é uma célula de avantajada dimensão carregada de material nutritivo, sem movimento; o espermatozóide é uma célula pequena, de citoplasma escasso e ativo movimento.

I - ÓVULO

O óvulo pode alcançar até 0,1 mm, 55 de diâmetro. Possui uma membrana que além de protetora é responsável pelas trocas nutritivas. O citoplasma é avantajado, carregado de vários depósitos nutritivos que auxiliarão grandemente as necessidades do ovo nas fases que se sucedem à fecundação. Apresenta um centro-celular (centríolo), por intermédio do qual as energias espirituais se expressariam no quimismo citoplasmático.

Foi identificado, também, no óvulo, o aparelho reticular de Golgi que teria como função o controle e regulação das cargas energéticas da célula em questão.

Os mitocôndrios são abundantes definindo unidades de armazenamento energético.

O núcleo, além dos cromossomos reduzidos à metade (material de herança), contém um ponto diferenciado, o nucléolo. Os outros elementos assemelham-se às demais células do organismo.

PARTES DO FOLÍCULO DE DE GRAAF E DO ÓVULO:

1 - Folículo de De Graaf (teca externa; teca interna; granulosa; líquido folicular; cúmulos proliger; óvulo;) (serve de abrigo ao óvulo);

2 - Óvulo (núcleo com nucléolo; zona pelúcida; citoplasma; células da coroa radiada).

PARTES DO ESPERMATOZÓIDE:

1 - Cabeça (coifa cefálica, acrossomo, núcleo);

2 - Colo (centrossomo proximal; meio centrossomo distal);

3 - Cauda (filamento axial; cauda).

II - ESPERMATOZÓIDE

O elemento masculino, o espermatozóide, célula extremamente móvel, compreende três partes: cabeça, colo e cauda.

A cabeça está constituída pelo núcleo, de 5 micra de diâmetro em média. Mais para a extremidade, que é pontiaguda, existe o acrossomo, derivado do idiossomo, por sua vez coberto pela coifa cefálica.

O colo apresenta na parte central um filamento, de origem centriolar, que se continua na cauda - o filamento axial. O filamento espiralado está envolvido por inúmeros mitocôndrios, que forneceriam cargas energéticas à maneira de verdadeiras baterias.

O microscópio eletrônico permitiu estudos mais acurados sobre o filamento espiralado que, de modo harmônico, envolve o começo do filamento axial soldando-se nas suas porções laterais. O filamento axial está constituído de onze filamentos, sendo nove duplos em disposição periférica e dois separados, situados no centro, equidistantemente envolvidos pelos primeiros.

III - GAMETOGÊNESE

As células sexuais, de que acabamos de fazer uma apresentação sintética, para chegarem aos graus máximos de maturação, isto é, espermatozóide e óvulo em condições de se unirem, sofrem uma série de processos, donde os respectivos cromossomos nucleares (material de herança) tomam características especiais e que lhes são próprias, diferindo das demais células do organismo ou células somáticas.

A gametogênese compreende as fases que as células da reprodução atravessam até que se tornem aptas para a fecundação. Estas fases estão enquadradas em três períodos, assim distribuídos: de multiplicação, crescimento e maturação.

No período de multiplicação os gametos reproduzem-se por mitoses somáticas, isto é, por divisão indireta. As células sexuais neste período recebem os nomes de gônios.

Os gônios quando não mais se preparam para novas mitoses somáticas, entram numa fase de repouso, com grande aumento do citoplasma, que é o começo do período de crescimento, durante o qual recebem as células o nome de citos de 1ª. ordem ou auxócitos. Neste período existem modificações citoplasmáticas mais evidentes no ovócito do que no espermatócito, pois o crescimento da célula feminina é enorme.

No espermatócito 1º notifica-se aumento de volume e nitidez do idiossomo, originário do aparelho de Golgi. Este organóide revela em seu interior dois centríolos e, à medida que a gametogênese avança, os centríolos separam-se, embora unidos por fibrilas finíssimas, denotando um campo cinético bem caracterizado.

Da mais alta importância são os fenômenos nucleares, iguais nos dois sexos, dos quais resulta a redução dos cromossomos à metade de seu número. Este processo é conhecido sob o nome de meiose, onde o número comum de cromossomos (diplóide ou 2N) que havia nos gônios (espermatogônio e ovogônio), foi reduzido à metade (haplóide ou N) nos citos de 1ª- ordem (espermatócito 1º e ovócito 1º); isto com a finalidade de, quando a conjugação da célula masculina (espermatozóide) se der com a célula feminina (óvulo), restaurar novamente o número de cromossomos, tornando-se diplóide o elemento resultante.

Existem alguns pontos diferentes entre espermatogênese e ovogênese. O número de espermatozoides é muito maior do que o de óvulos e seu período de multiplicação dura quase toda a vida. As ovogônias são em menor número, carregando a criança as raças celulares no estado de ovócito de 1ª. ordem que, apesar das sucessivas divisões que se seguem, dá uma única célula reprodutiva - o óvulo. A ovogênese estende-se da puberdade (12-14 anos) até os cinquenta anos; a postura ovular dá-se uma vez por mês (cada 28 dias em média), apresentando

variações de acordo com o tipo biológico de cada um. A postura na mulher é monovular, divergindo dos mamíferos que é pluriovular; existem, no entanto, casos raros em que se pode dar a deiscência de mais de um gameta.

Com uma série de reações endócrinas próprias, o ovário expelle o gameta sob a forma de ovócito de 2^a- ordem e a trompa o recolhe, terminando a maturação, caso haja fecundação.

Desse modo, vimos que o fenômeno ovulatório é periódico na mulher e durante o período de vida sexual ativa, que dura em média 35 anos, dá-se cerca de $35 \times 13 = 455$ ovulações. Nem todos os ovócitos conseguem chegar ao termo final e degeneram com os respectivos folículos de De Graaf que lhes dão abrigo no ovário; é o conhecido fenômeno da atresia folicular.

A gametogênese encerra em sua intimidade uma cadeia de reações especialíssimas, do mais alto padrão biológico, que a ciência de nossos dias conseguiu registrar. Fenômenos de tal quilate, de complexa elaboração, onde apenas alguns aspectos foram fixados pela microscopia, merecem especial meditação em busca de justa e sincera explicação. Achamos, realmente; que a corrente dos mecanicistas, aqueles que querem explicar tais reações somente às custas de simples trocas e combinações químicas, representa uma tentativa de construção em terreno absolutamente movediço, porquanto acreditam, exclusivamente naquilo que os nossos pobres sentidos conseguem apreender.

É lógico e claro, que os fenômenos mais complexos, na intimidade celular, não podem estar a cargo de simples combinações de substâncias, no máximo às expensas de simples catalizadores. Estes, evidentemente, existem, mas não são os senhores absolutos dessas reações; eles são escravos de uma Energia que lhe dita o momento de seu oportuno trabalho. Só um Princípio Energético uma Essência de potencialidade própria difundida na intimidade celular, poderia responsabilizar-se por esses complicadíssimos e inatingíveis fenômenos núcleo-citoplasmáticos.

Para além de nossa comum percepção, existe um mundo energético de variedades imensas e riquezas incomensuráveis que só se deixa revelar, em pequena escala, por alguns de seus efeitos; esses efeitos, geralmente, são desdenhados pelos intransigentes que só aceitam as coisas pelo registro dos sentidos humanos. Não se tem o direito de desprezar tudo aquilo que ainda não tem sentido para a maioria; procuremos iluminar nossos escuros caminhos em busca da pureza fenomênica no enriquecimento dos nossos conhecimentos.

IV - FECUNDAÇÃO

A célula sexual feminina, o óvulo, após a maturação, é lançada através à superfície ovariana em consequência da ruptura do folículo de De Graaf e imediatamente recolhida pelo pavilhão da trompa de Falópio. Neste segmento encontra-se com o espermatozóide, que foi lançado na vagina e percorreu todo o útero e parte da trompa.

A união dos gametas, masculino e feminino, constitui o conhecido processo da fecundação. O produto resultante dessa união é denominado de zigoto, no qual se desencadeiam os ulteriores fenômenos ontogenéticos.

Um dos milhões de espermatozóides ejaculados na vagina consegue vencer todos os obstáculos, à razão de 2,5 centímetros cada 8 minutos, em média; penetra a cérvis, percorre-a em busca do corpo uterino, vence-o, e atinge a trompa, local de encontro do óvulo que vem descendo pelo movimento contrátil da trompa, em busca do corpo uterino.

Esta célula especializada que é o espermatozóide, possuidora de movimentos próprios e ativos, tem por finalidade alcançar o óvulo para completá-la.

Qual o mecanismo de seus característicos movimentos e como se dá a busca do óvulo com a precisão que lhe é própria? Pensamos que as energias da célula espermatozóide, influenciando diretamente seu filamento espiralado, provocaria constante e característica vibração, cujo resultado seria a movimentação ordenada da cauda com deslocamento de toda a unidade celular. Por esta maneira, o campo vibratório convenientemente desenvolvido no filamento espiralado, comunicaria pelas soldaduras laterais as vibrações, de modo intermitente, ao filamento axial, isto é, ora num lado ora no oposto; logo, as vibrações dirigidas ao filamento axial pelas zonas de soldaduras com o filamento espiralado, em momentos diferentes e posições opostas, permitiria o deslocamento da cauda do espermatozóide no aspecto ondulante que lhe é próprio. Nos mitocôndrios, aderidos em volta do filamento espiralado, encontraria o espermatozóide todo o material energético de reserva de que necessitasse para realização integral de sua missão.

Por outro lado, o acrossomo localizado exatamente na cabeça do espermatozóide poderia representar, ao mesmo tempo, um centro emissor e receptor de ondas apropriadas e imensamente sensíveis, que dirigiriam a célula a seu verdadeiro destino - o óvulo. Este, por sua vez, com os organóides semelhantes que possui, verdadeiros campos de difusão energética, emitiriam suas ondas orientadoras, até que o espermatozóide mais adequado e capacitado, entrando em sua faixa por afinidade, tivesse o curso assegurado em busca da realização máxima - a perda de sua individualidade na criação de um novo ser.

Desse modo a sintonia energética se iria tornando cada vez mais perfeita entre as duas células - espermatozóide e óvulo - cômicas de suas necessidades e determinismos, revelado pela formação do cone de atração - superfície abaulada e saliente do óvulo -, local de penetração da cabeça do espermatozóide.

Perfurado o óvulo pelo espermatozóide, desencadeia-se uma série de reações, para nós desconhecidas, deixando à observação a formação de uma membrana - membrana de fecundação - que isola o óvulo fecundado dos demais gametas masculinos em volta da célula feminina. Há, igualmente, eliminação de substâncias citoplasmáticas (deutoplasmólise) concorrendo para a redução que se observa no tamanho do ovo. Neste momento os núcleos, masculino e feminino, preparam-se para a conjugação (anfimixia). O núcleo masculino (cabeça do espermatozóide) começa a sofrer uma torsão, como que à procura de uma orientação, uma direção, e ao seu lado, no citoplasma, aparecem uns filamentos irradiantes. Esta áster citoplasmática tem como centro de formação os centríolos do colo do espermatozóide que se apossou do óvulo.

Os citologistas verificaram que a origem do acrossomo está ligada ao aparelho de Golgi. Este, com a responsabilidade do equilíbrio energético da célula, estaria perfeitamente credenciado a modelar o acrossomo com as características de um centro emissor e receptor.

Como veremos adiante, os espermatozóides são de duas categorias. Os que possuem hetero-cromossomo X e os de hetero-cromossomo Y. A passagem de um campo elétrico pode determinar a separação dos espermatozóides (cromossomia X ou Y), denotando a influência vibratória que a célula é capaz de captar.

Nesta situação compreende-se que os centríolos como zonas difusoras de Energia Vital, comandam as reações e orientações da célula prestes a se tornar ovo. Os demais fenômenos energéticos que se vão sucedendo, estarão na dependência de uma ordem precisa e perfeita.

O pronúcleo masculino acerca-se cada vez mais do pronúcleo feminino; ambos vão aumentando o volume por hidratação, fragmentando-se e transformando-se nos conhecidos cromossomos.

O centróssomo da célula masculina divide-se e constitui o primeiro fuso de segmentação, ao tempo em que os pronúcleos de ambas as células se unem entrando em mitose, isto é, as respectivas metades (pronúcleos masculino e feminino) completam-se, restabelecendo o número total de cromossomos da espécie (diplóides ou $2N$) que nos gametas já estavam reduzidos à metade (haplóide ou N). Os cromossomos, assim recompostos, trazem todo material de herança, tanto masculino quanto feminino. Em seguida colocam-se na zona equatorial celular, obedecendo o resto dos fenômenos a já conhecida divisão cariocinética.

As energias que impulsionavam as células masculina e feminina, derivam-se para o quimismo citoplasmático do ovo que, doravante, obedece a nova ordem vinda do substrato cromossômico, o novo centro de irradiações energéticas da vida ovular - as energias dos genes.

As células filhas resultantes da divisão ovular, em busca da ontogênese, aumentam cada vez mais em número, daí a denominação de processo de segmentação. O desenvolvimento do ovo vai progredindo, em multiplicação celular constante de trabalho específico, correspondendo respectivamente: segmentação, blastulação, gastrulação e desenvolvimento embrionário com seus anexos e placenta.

Formado o corpo humano e ao atingir seu completo desenvolvimento, possuirá, aproximadamente, sessenta trilhões de células que se associam de modo perfeito. cujo mecanismo íntimo ainda escapa aos nossos métodos científicos. Nestas células processam-se grandiosos fenômenos químico-físicos, expressões de comando energético bem definido, nas formas mais sutis e perfeitas que nenhuma técnica, até hoje, conseguiu imitar. Tudo, resultando das premissas estabelecidas pela Energética Espiritual responsável direta pela morfogênese.

Nas fases acima catalogadas, aqui e ali, presenciam-se verdadeiras recapitulações da evolução filogenética da série animal, avisando-nos de que não é só a morfogênese da espécie a meta a ser atingida; além das formas exteriores, existe algo mais que possibilita sulcos e lapidações, na organização física em formação, cuja tradução mais lógica seria a existência, também, da genealogia da energia vital - o Espírito.

Os estudos dos cromossomos das células sexuais foram tão esmiuçados pelos recursos ópticos e tão experimentados pela genética, que os estudiosos chegaram a descrever a presença de um par cromossomial, menor que os demais pares. Notificaram que, no óvulo, este par tinha suas unidades sempre do mesmo tamanho e aspecto; no espermatozóide, entretanto, uma unidade do par era maior do que a outra e variável na forma. Aprimoraram os conhecimentos e em suas conclusões chegaram a traduzir que o pequeno par cromossomial estava ligado ao sexo, denominando-se hétero-cromossomo. Daí nasceu a teoria cromossômica da determinação do sexo; os campeões deste setor foram Winiwater, Oguma e Paintel'.

Nos hominídeos, dos 46 cromossomos que qualificam a espécie, um par cromossômico está ligado a herança sexual. Com a redução observada na mitose das células genésicas, teremos 23 cromossomos incluindo o cromossomo sexual próprio de cada unidade celular (espermatozóide ou óvulo).

Nos óvulos o par cromossômico sexual sempre tem o mesmo aspecto e foi denominado de cromosomo X; nos espermatozóides, porém, existem de duas

espécies e por isso foram classificados, respectivamente, de cromossomos X e Y. Assim, durante a redução cromática na meiose, a unidade X ficará numa das células filhas, a unidade Y na outra célula, de modo que, metade por metade, haverá duas gerações de espermatozoides com hétero-cromossomia X e Y.

Durante o processo de conjugação, entre as células sexuais, se o espermatozoide que atingiu o óvulo contém o cromossomo X, o produto da fecundação é fêmea, se Y, o produto é macho.

Logo, os 23 cromossomos masculinos com o seu cromossomo sexual X, em combinação com os 23 cromossomos femininos e o seu cromossomo sexual X, darão um produto fêmea. O produto será macho se o cromossomo sexual do espermatozoide for o cromossomo Y.

Foram aventadas outras hipóteses para explicação da determinação do sexo, que absolutamente não satisfazem e estão eivadas de deficiências. Assim, alguns admitem os fatores endócrinos como os únicos responsáveis pelo futuro sexo do ser. Colocam-se, no mesmo caso, a teoria físico-química da sexualidade e a da interpretação mendeliana. Acreditamos que todos esses fatores, quer endócrinos ou físico-químicos, contribuem no mecanismo de formação do sexo, mas isoladamente, não podem responsabilizar-se por tais resultados como queriam Joyet-Lavergne. Somente com este conjunto de fatores, encabeçados pela combinação dos cromossomos sexuais na definição genotípica do futuro ser, podemos explicar os tipos humanos sexuais constitucionais.

Existe uma lei que preside à determinação do sexo, cuja essência nos escapa inteiramente. O espermatozoide que penetrou determinado óvulo trouxe consigo o pequeno cromossomo que definirá o sexo, não de modo casual e sim obedecendo a uma finalidade que lhe foi imposta. Não haverá possibilidade de existir, nas possíveis irradiações energéticas e especializadas das células em questão, sintonia do óvulo com determinado espermatozoide, isto é, espermatozoide carregado do cromossomo sexual X ou Y? Destarte, as irradiações e recepções dos espermatozoides carregados dos cromossomos sexuais diferentes (X ou Y), seriam desiguais. O espermatozoide que alcançasse o óvulo estaria afinado vibratoriamente com a célula feminina. Assim, o óvulo seria, realmente, a célula carregada da potencialidade energética que conduziria a definição do sexo. Isto porque, o espírito reencarnante traria, na sua intimidade de vibrações, a condição sexual do futuro ser; antes da fecundação, antes de o espírito penetrar definitivamente a célula-ovo para dirigir a gênese de seu próprio abrigo corpóreo, já existe profunda sintonia vibratória com a mãe, e conseqüentemente com o óvulo que aí tem origem. Daí pensar-se que as células sexuais, masculina e feminina, em conjugação, já foram escolhidas e adrede preparadas, pelas vibrações energéticas do espírito reencarnante, entre as mais capazes e afins para executarem a finalidade biológica da evolução. Desse modo, o espírito-reencarnante, com suas adequadas vibrações, prepara a energética ovular, deixando a célula genésica feminina apta para sintonizar com o espermatozoide que mais lhe convém - espermatozoide com hétero-cromossomia X ou Y e carregados de outros sub-fatores necessários ao mecanismo fecundativo que nos escapa inteiramente. O resultado dessa orientada conjugação será o abrigo mais apropriado de que o espírito necessita para suas próprias experiências e proveitosos labores. Acreditamos que um conceito dessa ordem seja bem mais lógico do que explicar a conjugação como um "acaso biológico". Aqueles que militam no terreno espiritual e estão integrados de modo ajustado aos fenômenos palingenéticos da raça

humana, podem aquilatar e ajuizar o conceito que emitimos, de modo simples, sem expansões fantasiosas, baseado na lógica dos fatos científicos.

Os sexos opostos aparecem de modo proporcional, não havendo jamais discrepâncias de número entre machos e fêmeas, em todas as espécies. Naturalmente que existe uma direção ou finalidade a ser alcançada. A proporcionalidade do sexo, nas diversas espécies animais, só poderá ser explicada no equilíbrio de manifestação de uma lei, derivada, como a maioria delas, da lei cósmica maior. Quando em determinada espécie animal existem deficiências de machos, observa-se, nos futuros nascimentos, um provimento maior do sexo masculino, tanto mais ajustado e de pronta resposta quanto mais evoluído e mais bem organizado, em sociedade, o animal. Na espécie humana, este modo de ver tem sido comprovado nos períodos de após guerra, nas nações que mais sacrificaram seus homens.

V - TEORIAS SOBRE A FECUNDAÇÃO

Os fenômenos que acabamos de descrever referentes à gametogênese e fecundação, são os observados na espécie humana. A ausência de referências de muitas curiosidades biológicas, a respeito do fenômeno fecundativo em determinadas espécies animais, não fazem parte desta exposição; devem ser traduzidos como os ensaios que a criação organizou para atingir ao ponto máximo da escala zoológica, por evolução.

Quanto à fecundação em si, procuravam, e ainda ansiosamente procuram os pesquisadores, explicar por teorias o seu mecanismo.

Os fenômenos da partenogênese natural (desenvolvimento dos ovos virgens) observados nas abelhas, formigas e outros animais, bem como da partenogênese provocada (experimental), deixaram aos cientistas dados mais precisos sobre muitas hipóteses.

O assunto fabuloso de trabalhos neste setor, cujos nomes de Loeb, Delage e Baitallon merecem especial referência, em vez de sanarem as dúvidas e provar as teorias expostas, muito ao contrário, estão abrindo novos campos de pesquisas com novos tipos de orientação.

Para a explicação do mecanismo da fecundação, Loeb propôs uma teoria química. R. Lillie diz que tudo pode ser encarado em face das modificações na permeabilidade celular. Delage pensa na alternância do estado coloidal da célula, de sol em gel e vice-versa. F. Lillie acha que a atração do espermatozóide exercida pelo óvulo é um fenômeno químico, onde a substância de secreção ovular, a fertilizina, seria capaz de aglutinar os espermatozóides; isto explicaria, segundo a opinião de alguns, que determinados óvulos não se fecundam pela ausência de fertilizina. Hartmann admite que os gametas segregariam, mutuamente, substâncias (gamonas), que determinariam uma equilibrada e recíproca atração.

As observações isoladas, por pesquisadores de diferentes percepções, conseguiram definir pontos igualmente isolados, afastados na periferia e que não podem responder pelo todo. Todas as observações e experiências citadas, constituem pontos verdadeiros e reais o que determina, naturalmente, discussões de variados matizes em defesa dos fatos observados; porém, acentuamos, são pequenas verdades e não a grande verdade - a Essência do fenômeno.

Só uma conclusão podemos tirar após hipóteses diferentes e esparsas, e por isso pouco expressivas: não devemos abraçar esta nem aquela teoria isoladamente, e sim lançar um olhar de conjunto em todos os setores desbravados. Mesmo assim, coligando os diversos pontos na tentativa de uma síntese, ficamos muito aquém dos

limites de que necessitamos para explicar a fecundação. Perguntamos: estarão as teorias acima referidas, mesmo unificadas numa síntese, capacitadas a explicar o comportamento dos fenômenos físico-químicos que se passam no óvulo fecundado com uma inabalável e correta precisão? Claro que não podemos aceitar estas exposições, embora reconheçamos o esforço e honestidade dos pesquisadores que se dedicaram a tão significativos trabalhos. Teremos que lançar mão de outros pensamentos, dos quais Gray muito se aproxima quando invoca para o mecanismo da fecundação as ações eletrozes entre o espermatozóide, célula ativa, e o óvulo, célula passiva. Damos como existente um elemento energético, um estímulo vital, na intimidade das células em questão, dirigindo, orientando, ditando a rota a ser percorrida e aproveitando as condições físico-químicas favoráveis no trato genital feminino, campo da conjugação dos gametas.

Os complexos fenômenos que se observam, por parte do espermatozóide e do óvulo, são a expressão, o resultado da obediência que um verdadeiro Substrato Energético impõe ao corpo material destes organismos em miniatura. O que conhecemos são os efeitos, as formas externas, por ferirem diretamente os nossos sentidos; a Parte Energética, o Princípio Organizador, escapa-nos inteiramente. Até o momento a ciência não conseguiu sair da periferia analítica, penetrando a essência das coisas. Esta é a realidade dos nossos dias; mas para que possamos alcançar outras posições, afastando e suplantando idéias, vencendo e conquistando novos horizontes para o homem, será necessário o árduo trabalho dos milênios. Teremos que mudar de rumo, lançar outros métodos de trabalho e pesquisa, para que esta Energia Vital Orientadora, característica dos seres vivos, se evidencie no terreno científico, ampliando seus conceitos e possibilitando uma nova aurora para a humanidade.

GLÂNDULA PINEAL OU EPÍFISE. ASPECTO HISTOFISIOLOGICO

I - GLÂNDULA PINEAL OU EPÍFISE

A glândula pineal ou epífise foi bastante conhecida dos antigos, fato observado através das descrições existentes. A Escola de Alexandria participou ativamente nos estudos pineais que se achavam ligados às questões de ordem religiosa. Os gregos conheciam-na por conárium e os latinos por glândula pinealis. Estes povos, em suas dissertações, localizavam na glândula pineal o centro da vida.

Muito mais tarde, os trabalhos sobre a glândula se enriquece com Ambroise Paré, Vesale e tantos outros, que admitiam tratar-se ora de um gânglio linfático, ora duma verdadeira glândula com funções específicas. Maiores detalhes foram observados com os trabalhos de De Graaf, Stenon e Descartes. Este último fez interessantes e detalhada descrição, atribuindo à pineal papel relevante que se tornou conhecido até os nossos dias; para ele, a alma era o hóspede misterioso da glândula pineal.

Com as pesquisas embriológicas, de anatomia comparada e posteriormente os estudos histológicos, abrem-se novas luzes, onde Faivre assinala a presença de elementos nervosos e concreções. Remak e Weigert descrevem a histogênese. Apesar do aparecimento de novos campos de trabalho, os pesquisadores deram interpretações variadas que não diferem em muitos pontos das descrições clássicas. O estudioso e competente Leydig admitia ser a glândula pineal o órgão responsável pelo "sexto sentido" .

No começo deste século, os estudos tomam maior incremento com observações mais aprimoradas. Em nossos dias, apesar de experimentações mais meticulosas, ainda não temos definitiva interpretação sobre sua real função; daí as divergências nas hipóteses apresentadas.

As pesquisas embriológicas, em certos animais vertebrados (lacertídeos), notificaram a presença de um elemento, que denominaram olho pineal, considerado por muitos como um órgão sensorial destinado à visão de certos animais fósseis. Seria um órgão vestigiário, um órgão em regressão, cuja presença nos animais mais avançados na escala zoológica representa o resquício do olho ímpar de certos invertebrados? Inúmeras experiências foram feitas nas diversas espécies animais a respeito do olho pineal, e as conclusões são contraditórias e pouco razoáveis. Nos sáurios, apresenta-se bastante desenvolvido - apoio distal possui células altas que se expressam com biconvexidade, semelhante ao cristalino. A cavidade é comparável ao corpo vítreo; existe uma retina simplificada resultante de pigmentações: no hemisfério proximal evidencia-se um rudimento de coróide.

Poderíamos pensar que o olho pineal, em vez de ser um elemento regressivo, com tendência ao desaparecimento, fosse, ao contrário, um elemento em desenvolvimento. Do olho externo e ímpar de certos animais haveria, aos poucos, nos lentos e meticulosos processos de mutações e transformações evolutivas que desconhecem o tempo, uma inflexão para o interior da caixa craniana, tomando características histológicas especiais sem perderem aquelas de sua origem. Atenderia esta formação ao controle de funções de alta relevância para o animal, tais sejam os diversos mecanismos dos instintos, com tonalidades próprias, conforme o desenvolvimento da espécie. Com o aprimoramento progressivo em relação à escala zoológica, portanto evolutivo, iria aparecendo ao lado do olho

píneal o divertículo epifisário, até que no homem alcançaria, em conjunto com as parafises (formações embriológicas mais ou menos constantes), o estado mais completo do desenvolvimento pineal.

Desse modo, o olho pineal poderá ser visto como o ponto em que se iniciam os verdadeiros alicerces da glândula pineal e, como tal, o início da Individualidade Espiritual - as expressões de um EU em formação -, não existente nos invertebrados, cuja zona espiritual deve fazer parte de um conjunto próprio da espécie, sem as nuances que caracterizam o indivíduo, o EU. (*). Lógico seria admitir que, à medida que a escala zoológica avança, os instintos se desenvolvem atingindo os seus mais altos graus, sendo que, na espécie humana, a glândula pineal responderia pelos mecanismos da meditação e do discernimento, da reflexão e do pensamento e pela direção e orientação dos fenômenos psíquicos mais variados.

(*) Nota: A píneal seria o órgão por onde o psiquismo profundo (espírito) se expressaria no soma. Devido a essa condição, a partir dos répteis, lacertídeos mais precisamente, podemos considerar como o início da individualização da energia espiritual; isto é, nesse momento a energia espiritual dos seres vivos, que deverá ser representada por um "sincício energético" (alma grupo das espécies), começa a ter individualidade - EU. Os deslocamentos dessa energia psíquica ou espiritual que adquiriu individualidade, quando na matéria (animais a partir dos lacertídeos) ou na dimensão que lhe é própria (desencarnação), passaria, doravante, a não mais pertencer ao patrimônio energético da espécie (sincício energético ou alma grupo). Teria os seus limites próprios e seria um EU ou Individualidade, impulsionando na matéria a espécie e forma que lhe é afim, promovendo, destarte, a evolução. Assim, os seres vivos, quer vegetais ou animais até determinados anfíbios, as suas respectivas essências psíquicas ou energias espirituais pertenceriam ao grupo (alma grupo), a espécie de que fazem parte. A partir dos lacertídeos, entretanto, haveria como que um desligamento no "sincício energético", de uma série de vórtices, pontos centrais e vitais das respectivas Individualidades que se emanciparam energeticamente de suas próprias fronteiras. O EU indestrutível se afirmou, desligando-se dum determinismo compulsório para a conquista de mais um degrau evolutivo, embora ainda determinismo, bases do futuro livre arbítrio da espécie humana. Nos lacertídeos, as amígdalas reencarnações de suas energias espirituais em maturação, determinariam na massa cerebral marcos tão violentos que a estrutura química começaria a sofrer modificações no sentido do aparecimento do olho pineal, zona que evolui para a futura glândula pineal, local e sede onde mais bem se projetaria a quase totalidade dessa potente energética.

A glândula pineal ou epífise, na espécie humana, ocupa uma posição central em relação aos órgãos nervosos. Está situada numa verdadeira goteira que é o leito pineal, para diante do cerebelo, acima dos tubérculos quadrigêmeos e por baixo do corpo caloso. Mede 6 a 8 mm de comprimento por 4 a 5 mm de largura e 2 a 5 mm de espessura, sendo o peso médio de 0,16 gr.

Sua configuração é semelhante a uma pinha (na criança), donde o nome, tornando-se achatada no adulto, podendo ter forma triangular ou ovalar. De cor rósea. Está revestida por uma cápsula conjuntiva que, além de proteger o órgão, lhe serve de sustentação em determinados pontos, onde adere as formações vizinhas, principalmente pelo pedículo.

Da periferia para o centro divisamos um tecido conjuntivo composto de fibras colágenas e elásticas, formando verdadeiras traves até o centro do órgão no seio das quais lançam-se vasos em abundância, penetrados através da cápsula por

pequenos orifícios, que alcançam as partes mais nobres do órgão. Os linfáticos, igualmente, distribuem-se por toda área glandular. Esta abundante vascularização da pineal representou, para Roux e sua escola, a significação de um verdadeiro órgão glandular.

Nas zonas de tecido conjuntivo evidenciaram-se formações celulares da micróglia, células basófilas tipo mastzellen, células arredondadas de núcleos bastante coráveis e células acidófilas para-vasculares.

As células pineais ainda não estão perfeitamente definidas e por isso confundem-se com as células neuróglícas. Alguns autores, entre eles Orlandi e Guardini, acham que as células pineais, não são mais do que elementos de origem nervosa. Apresentam-se com morfologia variável, arredondadas, poliédricas ou cônicas.

As células neuróglícas caracterizam-se pelo aspecto lobado do núcleo, bastante grosso e rico em cromatina. O citoplasma contém ribonucleoproteína, uma fosfatase alcalina e pequena quantidade de glicógeno.

As células neuróglícas parecem ser responsáveis, na sua fase protoplasmática, pelo complexo endócrino neuro-glandular; demonstram particularidades próprias, bem evidenciadas pela histoquímica que conseguiu diferenciá-las de outros elementos neuróglícos semelhantes, principalmente aqueles da hipófise que até bem pouco tempo eram descritos como idênticos. Daí a importância que devemos dispensar a estas unidades de trabalho.

As células endimárias são encontradas facilmente na parte superior da glândula e com maior dificuldade no parênquima. Apresentam prolongamentos que têm origem num citoplasma bastante grande em refração ao das células pineais. No homem assinalou-se a presença de células mióides e gigantes.

Verificou-se em algumas células da glândula pineal mitocôndrias. As mitocôndrias, principalmente, foram observadas em volta do centríolo, como que fornecendo energia para o trabalho ativo do centro-celular.

Pigmentos melânicos, férreos e lipocromos foram distinguidos (Orlandi e Gaurdini), variando de intensidade conforme a fase de trabalho do órgão.

As experiências dirigidas no sentido de determinar a função pineal se revestem da maior dificuldade, porquanto a intervenção no órgão, além de difícil, geralmente compromete zonas nervosas vizinhas. Acresça-se que é um órgão bastante vascularizado, de localização profunda, e mantendo estreitas relações com os seios venosos. Quando se consegue uma perfeita ablação da glândula pineal, às vezes subsiste uma pineal acessória e não prevista. Ao lado disso, os fatores individuais, climáticos, regímem alimentar, etc, contribuem para um resultado que deixa sempre alguma dúvida, onde a argúcia interpretativa é sempre reclamada. No homem, a observação é feita através das doenças do órgão, mais precisamente dos tumores pineais, com posteriores comprovações pela histopatologia.

Daremos em síntese os resultados da pinelectomia obtidos por Thieblot e Bars como os mais credenciados.

Dos efeitos da pinelectomia, em animais jovens, no ponto concernente ao desenvolvimento somático, ainda nada podemos concluir de definitivo, porquanto os resultados experimentais são absolutamente contraditórios.

Sobre o desenvolvimento genital foram observadas modificações acentuadas nos animais machos e fêmeas. Nos animais machos: aumento dos testículos, com desenvolvimento da massa intersticial e das vesículas seminais, denotando franca hipertrofia com hiperatividade testicular. Nos animais fêmeas; hipertrofia ovariana, aceleração na formação do canal vaginal, engrossamento das trompas e

aumento do útero. Desse modo, tanto no macho quanto na fêmea, há desenvolvimento precoce dos caracteres sexuais secundários com ativação do instinto sexual. Logo, é evidente o aparecimento da puberdade precoce.

Os efeitos da pinealectomia se corrigem, em quase sua totalidade, com implantações pineais. Vimos que a pinealectomia provoca marcada hipertrofia dos órgãos genitais. Os transplantes pineais, nos animais pinealectomizados, corrigem imediatamente a hipertrofia genital devido à presença de um princípio frenador; este princípio revelou-se, com precisão, nas ratas, quando o ciclo estral se detinha com a implantação da glândula. Existe, também, um princípio estimulante que se manifesta em condições especiais, quais sejam os casos de atrofia genital, onde o princípio frenador não tem mais ação; nessa situação o princípio estimulante exerce, a miude, grandes efeitos.

Inspirados nos trabalhos de Trautmenn, Goddard e Berkeley, verificou-se que, na aplicação do extrato pineal, há sempre uma acentuada resposta no jogo endócrino sexual, cujas reações deixam transparecer a existência de dois princípios: um frenador e outro estimulante. O fator estimulante responderia pela precocidade sexual que sempre aparece em primeiro lugar.

Os efeitos do extrato pineal sobre a soma são, discutidos e, em parte, discrepantes. Pode-se afirmar que o extrato pineal determina uma aceleração no crescimento somático e, mais ainda, segundo Mc Cord haveria, em muitos animais, além dessa aceleração de crescimento, ligeira precocidade mental. Sobre a pele observa-se visível descoloração temporária, verdadeira contração dos melanóforos profundos, parecendo tratar-se de um fenômeno tipicamente simpático.

Sobre o metabolismo o extrato pineal assinalou modificações dignas de referência. O aumento do metabolismo basal é pronunciado. Os lipídios que se desenvolvem bastante, chegando mesmo a ativar a obesidade nos animais pinealectomizados, podem ser reduzidos e controlados com o uso do extrato pineal. Buttaro e Rottini observaram, com o extrato pineal, modificações no metabolismo glucídico, determinando hiperglicemia. Para o lado dos proteicos há aumento da eliminação azotada. Quanto aos sais minerais assinalou-se de importância, o aumento da taxa de cálcio sanguíneo.

As reações da glândula pineal com a cadeia glandular parece revestir-se do mais alto significado. A correlação gênito-pineal é de tal ordem, que um desequilíbrio, mesmo em uma de suas partes funcionais, reflete imediatamente na outra. Observou-se na castração, tanto testicular quanto ovariana, acentuada modificação na glândula pineal, determinando em alguns casos hiperatividade, em outros, atrofia. Diante deste aspecto oposto pode pensar-se que a correlação gênito-pineal obedece a uma íntima e desconhecida ligação. Tanto isto é verdade que as modificações fisiológicas da gravidez refletem no âmago da glândula pineal, determinando aumento dos lipídios vacuolares e das concreções calcáreas e lassidez das fibras neurológicas; tudo isso dá impressão ora de um aspecto involutivo, ora de atividade funcional marcada. Também as injeções de hormônios genitais (testosterona e foliculina) determinam modificações acentuadas no aspecto do órgão, variando de intensidade conforme as doses empregadas.

Foi admitido e observado por vários autores (Izawa, Calvet e outros), a existência de um antagonismo pineal-hipofisário anterior, com marcada ação inibidora no setor hipofisário. A pinealectomia determina hipertrofia do lobo anterior da hipófise, a ponto de triplicar o seu volume total. A influência pineal vai mais além no comando das funções hipofisárias, quando modifica as características

funcionais dos hormônios gonadotrópicos, influenciando profundamente o setor genésico do organismo masculino e feminino.

Os estudos sobre a correlação pineal-neurohipófise são raros, de penumbrosa interpretação, o que aliás é compreensível.

A glândula pineal mantém outras relações endócrinas, apresentando ligações com a tireóide, suprarrenal, pâncreas e tímica. Com todas essas glândulas deixa transparecer sua influência em maior ou menor grau.

Os trabalhos de Popescu - Inotesti concluíram pela ação frenadora que a glândula pineal exerce no mecanismo insulínico.

Quanto ao tímica, observa-se no homem, que os tumores da pineal impedem a regressão normal da glândula na idade oportuna. Lindenberg observou, em alguns animais, que a timectomia determinava rápida atrofia pineal.

As relações entre a pineal e a tireóide são evidentes. A retirada cirúrgica de uma dessas glândulas reflete, imediatamente na outra; instala-se um violento processo, embora mais acentuado para o lado da tireóide.

Nas glândulas suprarrenais, a ablação pineal ocasiona modificações no índice do colesterol e ácido ascórbico. Foi observado nos tumores pineais a presença de evidente hiperplasia córtico-suprarrenal.

Pelo que acabamos de expor, a glândula pineal está interligada com todo o setor glandular do organismo. Ainda é difícil estabelecer as relações exatas entre a pineal e as demais glândulas, embora possamos asseverar, pelos trabalhos e observações conjuntas, que a pineal seria realmente a orientadora da cadeia glandular, comunicando-se com as demais glândulas direta ou indiretamente, tendo na hipófise o grande campo de suas expansões com o organismo inteiro. Não seria a neurohipófise mais precisamente, a zona por intermédio da qual a pineal orientaria todo seu trabalho no equilíbrio endócrino?

Há pouco tempo, semelhantemente à hipófise, foi constatado a existência de um complexo epitálamo-pineal. O hipotálamo contém determinados centros excito-secretores da glândula pineal e esta teria ação neurocrínica no hipotálamo. Isto foi perfeitamente verificado às custas dos melanócitos pineais (células especializadas carregadas de pigmentos melânicos), que se distribuem em grande número ao redor dos vasos e entram em contacto direto com as fibras nervosas perivasculares. Lembre-se, no momento, a importância dos pigmentos das células nervosas nos mecanismos do psiquismo.

Atualmente está demonstrada a participação do epitálamo, naturalmente com sua coligação pineal, na regulação da temperatura; no metabolismo basal; no metabolismo da água, minerais, hidratos de carbono e gorduras; em todas as funções endócrinas pela associação pineal-hipofisária; nos mecanismos do sono e da vigília; nas expressões das emoções e no equilíbrio e regulação neuro-vegetativa de todos os sistemas e aparelhos. Por intermédio da pineal, como uma verdadeira estação coordenadora, haveria o contacto entre o neuro-vegetativo e a vida de relação.

Pelo exposto, podemos avaliar o valor que já se está atribuindo à glândula pineal. A complexidade do feixe epitálamo-pineal, embora ainda não completamente definido em suas relações mais íntimas, já nos deixa extrasiados diante de sua caprichosa disposição. A existência de numerosos centros ligados à função pineal dá-nos a impressão de não se tratar tão-somente de estações de comando, e sim de elementos com funções variadas ora como excitantes funcionais, ora como reguladores e mesmo como desligadores de circuitos.

A neuro-regulação pineal está simultaneamente ligada às excitações neuro-vegetativas (ventriculares e coroidianas) e neuro-somáticas (olfativas, ópticas, acústicas e sensitivas gerais). As correlações epitálamo-pineal e epitálamo-hipofisária, pelas tendências atuais da ciência, permitem-nos tirar conclusões de que a pineal exerce uma ação de controle maior sobre a hipófise e, através desta, sobre todas as glândulas do organismo. É lógico que existem variabilidades de excitações na ativação de determinados setores, de acordo com as necessidades orgânicas da fórmula hormonal individual.

Desse modo, percebemos que a glândula pineal estaria altamente comprometida com inúmeros departamentos orgânicos, inclusive aqueles que orientam e controlam as funções psíquicas. As citações feitas acima, calcadas em trabalhos judiciosos de histofisiologia, falam-nos do imenso e real valor que a glândula pineal diretamente desempenha nas mais altas funções da esfera orgânica.

Outros fatores que contribuíram para a elucidação da função pineal foram os estudos dos tumores. A presença de tumor pineal (mais comum na infância e puberdade) determina sintomatologia variada, com hipertensão craniana, distúrbios psíquicos, oculares e síndrome distrófica.

A hipertensão craniana vem sempre acompanhada de intensa cefaléia, podendo aparecer crises convulsivas.

Os distúrbios psíquicos geralmente são acentuados com comprometimento de numerosas funções que lhe são associadas. Desse modo aparecem a confusão mental, a excitação hipomaniaca, distúrbios das funções reguladoras da estática e do equilíbrio, vertígens vestibulares, etc.

Os distúrbios oculares são bem marcantes, apresentando sintomas de ptoses, diplopias e as variadas paralisias dos movimentos oculares.

A síndrome distrófica foi muito bem estudada por Pellizi, na criança e no jovem púbere. Caracteriza-se por desenvolvimento anormal dos órgãos genitais externos, com possibilidade do pênis e dos testículos atingirem o tamanho do adulto. Para o lado do instinto sexual há desenvolvimento prematuro, comprovado pelos casos de paternidade precoce. Os caracteres sexuais secundários logo se instalam, com todo cortejo clássico nos dois sexos; barba, pelos axilares e pubianos, mudança na voz e desenvolvimento dos seios nas mulheres. No início da moléstia há uma exacerbação da intelectualidade, tornando-se o portador da doença um indivíduo precoce. Logo a seguir a intelectualidade vai desaparecendo, ao tempo em que se instala um verdadeiro retardamento intelectual.

Os casos de tumores pineais, como também, os das regiões vizinhas, por atingirem zonas da mais alta importância biológica, determinam no organismo uma série de sintomas que culminam na caquexia e morte.

Foi observado, em alguns tumores pineais, a inexistência da síndrome de macrogenitosomia, deixando os estudiosos completamente desorientados quanto às suas deduções. É possível que isto possa correr por conta da ausência de comprometimento da zona diretamente ligada à esfera sexual. Por outro lado, existem casos em que a síndrome de macrogenitosomia se instala de modo quase idêntico, em crianças ou jovens com tumores de outras glândulas (suprarrenal, tímus, tireóide e ovário), apenas variando o grau e qualidade dos distúrbios psíquicos conforme a glândula atingida. Tumores desta ordem, semelhantes aos da pineal quanto ao modo de se refletirem nos diversos departamentos orgânicos, não seriam verdadeiras expressões de distúrbios pineais? As pesquisas mais modernas de histofisiologia permitem-nos emitir tal conceito. Sabemos perfeitamente que é

uma hipótese ousada à primeira vista, mas quando se pensa na interrelação pineal-hipofisária, com maior controle da pineal sobre a hipófise e desta sobre as demais glândulas, ficamos como que inteirados da existência de íntimo intercâmbio glandular, mais vasto do que à primeira vista parece. É preciso lembrar que as glândulas endócrinas tem papel saliente no organismo, como incentivadoras, reguladoras e controladoras da vida animal superior. Não podem deixar de existir, por parte da pineal com as demais glândulas endócrinas e outros departamentos orgânicos especializados, comunicações mais sutis ainda do que as já conhecidas, delicadas e imperceptíveis, que os nossos métodos atuais de pesquisa não conseguem evidenciar; mas o bom senso impõe uma conclusão neste sentido.

Maiores claridades foram fornecidas pelos trabalhos de experimentação no terreno da opoterapia pineal. Apesar da dificuldade de seleção de hormônios puros, os princípios ativos obtidos são suficientes para produzirem apreciáveis efeitos. Assim, grande número de distúrbios ginecológicos desaparecem com o emprego da opoterapia pineal. Foi observada sua influência benéfica nas menometrorragias e como ativadores do crescimento, nos casos de involução mamária e uterina. Wislanski assinalou a cura de um caso de dismenorréia por hipoplasia uterina, havendo desaparecimento imediato da dor sem as primeiras doses de hormônio pineal. Grande sucesso foi obtido nos distúrbios neuro-vegetativos da síndrome pré-menstrual. Existe marcada influência do extrato pineal sobre o sexo, e os casos mais animadores são os de cura da excitação sexual exagerada, erotomania, ninfomania e masturbação.

Foram observados por numerosos autores os efeitos das substâncias ativas da pineal sobre o psiquismo, e no dizer de Thiéblot e Bars parece que os clínicos, inconscientemente, tem revalidado, sob aspectos mais modernos, a idéia filosófica de Descartes, de a pineal ser a sede da alma. Mac Cord e Dans, confirmados por Levi, obtiveram melhoras com o uso da opoterapia pineal nos casos de crianças mentalmente retardadas; houve ativação da intelectualidade, diminuição de fadiga mental e considerável aumento de atividade no campo da atenção.

Fay mostrou a vantagem da opoterapia pineal como tratamento eletivo nos distúrbios da linguagem dos surdos-mudos, por ausência auditiva, acompanhados de retardamento mental. Nos casos de atrasados mentais, com lesões centrais acentuadas, a opoterapia pineal (tratamento por meio de extratos de glândulas ou de órgãos de animais) foi ineficaz. Em alguns pacientes, portadores de mongolismo, os efeitos, se bem que não fossem nulos, não apresentaram melhoras aceitáveis. Disso conclui-se que, havendo lesões anatômicas nas zonas responsáveis, a ação da pineal não se pode fazer pela ausência de um terreno fisiologicamente equilibrado, por onde a mesma possa exteriorizar seu comando. A comprovação deste modo de sentir, está naqueles casos de modificações funcionais sem alterações anatômicas, onde as aplicações opoterápicas podem corrigir muitos desequilíbrios, embora guardando as devidas proporções.

Pensamos que as múltiplas e complexas reações orgânicas não são, tão-somente, resultantes das excitações produzidas pelas substâncias químicas das glândulas endócrinas por orientação da rede nervosa; deverá existir, além de reações químico-vibratórias já de difícil interpretação, outra de natureza mais delicada ainda, exclusivamente energética, imperceptível aos nossos métodos de investigação na explicação de determinadas nuances da biologia.

Com os gritos da puberdade, aos 14 anos em média, a pineal, chefiando a cadeia glandular e mais condicionada pelo desenvolvimento físico do indivíduo, seria campo de distribuição de energias vindas dos vórtices da zona espiritual.

Destarte, responderia pelos mais altos fenômenos da vida - "Glândula da vida espiritual" - e podendo ser elemento básico e controlador das razões afetivas, o sexo em suas múltiplas manifestações dependeria integralmente de sua interferência. "Estudos recentes indicam que a glândula pineal é um "relógio biológico" complicado e sensível que regula a atividade das gônadas. Os Drs. Richard J. Wurtman, de Massachussetts, e Julius Axelrod do Instituto de Saúde Mental dos Estados Unidos, esclarecem que a pineal converte a atividade nervosa cíclica, gerada por mudanças de luz no meio ambiente, em informação endócrina". Desse modo, a pineal seria a tela medianeira onde o Espírito encontraria os meios de aquisição dos seus íntimos valores, por um lado e, pelo outro, forneceria as condições para o crescimento mental do homem, num verdadeiro ciclo aberto, inesgotável de possibilidades e potencialidades. As aquisições para o Espírito seriam cada vez maiores e as influências do Espírito na matéria seriam cada vez mais potentes. Haveria ampliação e recompletamento nas ajustadas etapas palingenéticas, como possibilidades mais lógicas da evolução no esquema cósmico. Pelos estudos acima enumerados, percebemos a influência diretora da glândula pineal sobre a cadeia glandular do organismo. A ligação que mantém com o hipotálamo e outras zonas nobres do sistema nervoso central é evidente, como também, a influência que exerce no sistema neuro-vegetativo. Desse modo, jamais podemos afastar a glândula pineal da participação de inúmeras funções orgânicas, direta ou indiretamente, assim como da acentuada correlação no setor psíquico.

Haveria, por parte da glândula pineal, um elemento energético especializado que, por vias apropriadas, pudesse anunciar a sua presença de comando nos diversos setores orgânicos? A hipótese de uma energia atuante, dominando os departamentos anatômicos, não deve constituir absurdo; não podemos negar a existência de uma energética psíquica, dentro e fora do organismo, emitindo vibrações (psicótons). Existiria na glândula pineal um campo energético, dimensionalmente mais avançado, utilizando seus controles glandulares? Seriam as manifestações da Energética Espiritual manipulando essa credenciada usina orgânica? Seria a glândula pineal o ponto de maior expressão da organização física e, como tal, um abrigo para a Energética Espiritual? Haveria nesta região glandular um feliz acasalamento entre espírito e matéria?

Porque não admitir a pineal - devido à sua situação absolutamente central em relação aos órgãos nervosos, das unidades glandulares que dirige, dos elementos somáticos que influenciam, do sistema neuro-vegetativo que atua e controla, - como sendo o Centro-Psíquico, o Centro-Energético, o Centro-Vital, que se responsabilizaria pela ativação e controle de todos os atos orgânicos, desde os mais simples até os fenômenos mais altos da vida?

Podemos considerar a pineal como sendo a glândula da vida psíquica; a glândula que resplandece o organismo, acorda a puberdade e abre suas usinas energéticas para que o psiquismo humano, em seus intrincados problemas psicológicos, se expresse em vãos imensuráveis.

A afirmação filosófica-intuitiva da escola de Alexandria, dos antigos gregos e mais modernamente de Descartes, como sendo a pineal a sede da alma, e com os estudos que atualmente possuímos, devemos meditar profundamente sem julgarmos a priori aquilo que a nossa ciência oficial ainda não alcançou. Existem hipóteses e idéias lógicas que explicam muitos fenômenos, mas não se enquadram nas expressões materiais da nossa pesquisa, por serem fenômenos energéticos da mais alta sutileza e de difícil mensuração: não são percebidos pelos sentidos comuns e sua atividade deve expressar-se em dimensões desconhecidas.

Existe outro terreno orgânico, ainda desconhecido, inexplorado, para além do físico, de energia mais sutil e menos condensada do que aquela da matéria, e que por isso mesmo a dirige e orienta. É um terreno puramente vibratório, não observado pelo olho humano mesmo com aparelhagem óptica especializada, contudo perceptível pelos seus efeitos. Um campo no qual estaria mergulhada a energia condensada que é a matéria, obedecendo aos seus influxos, por serem mais evoluídos, mais vividos, mais experientes (etapas palingenéticas) e, por isso, com possibilidades de comandar inteligentemente.

Para que a ciência progrida, resolva seus difíceis problemas, terá que imergir nas energias, mais precisamente nas energias do mundo psíquico, para melhor defini-la, estudá-la e compreendê-la. Não mais se entenderá uma ciência que fique a arrastar-se na análise e computando exclusivamente aquilo que os sentidos humanos possam receber; terá que integrar-se no todo, ter a visão sintética, a visão de conjunto e não mais rastejar teimosamente em dimensões menores.

Os pesquisadores, em suas dissecções anatômicas e mergulhos nos infinitamente pequenos, vão transformando a matéria, de viva em morta, e com isso jamais encontram o Princípio-Vital, a Essência dessas unidades de trabalho. Com este proceder, afirmam solenemente nada existir além do que os sentidos percebem e contentam-se com as sobras.

Não queremos com isso criticar o que a ciência construiu com o método analítico que merece os mais rasgados louvores, mas sim esclarecer que este método se está esgotando; necessitamos de novos guias com novas rotas, sem abandonarmos os alicerces seguros e ajustados das construções antigas.

**SUBSTRATO ENERGÉTICO DA GLÂNDULA PINEAL. NÚCLEOS EM
POTENCIAÇÃO E NUCLÉOLOS.
ZONAS GÊNICAS E SEUS CAMPOS DE FORÇA.**

I - SUBSTRATO ENERGÉTICO DA GLÂNDULA PINEAL

No capítulo anterior, concluímos que a glândula pineal estaria credenciada a exercer as mais altas funções psíquicas. Funções que tais, não seriam consequência de entrecosques no quimismo celular, mas uma ordenação harmoniosa das organizações celulares obedecendo diretrizes seguras. Existiria um campo energético categorizado, gravando nos expressivos campos celulares pineais as necessárias informações para um trabalho bem conduzido nos departamentos orgânicos.

Como hipótese de trabalho aceitamos que na glândula pineal, nesse pequeno órgão cefálico, abriga-se um bloco energético de potencialidade incomensurável, de dimensão superior e desconhecida. Nesse bloco estariam as variadas fontes energéticas que o organismo necessita observar para realização das exigências da vida e atender sua finalidade evolutiva. O bloco energético poderia ser representado por um campo vibratório especial, cravejado de núcleos, dando-nos a impressão de inúmeras estrelas pertencentes ao campo magnético de sua própria galáxia. O conjunto, daria ao bloco energético especializado, uma tônica vibratória característica, respondendo por verdadeira individualidade. Seria claro que os núcleos vorticosos dessa organização vibratória estivessem coligados, unidos entre si, possuindo cada um deles condições que lhes são próprias, apesar de, no conjunto, responderem pela vibração da Individualidade. Esse conjunto poderia representar a Energética Espiritual orientadora das atividades celulares do organismo físico. Noutros termos: a Individualidade ou zona Espiritual dirigindo e traçando diretrizes à Personalidade ou corpo físico.

Poderíamos, também, nomear esse campo vibratório espiritual de zona inconsciente. Entretanto, sempre aceitando a idéia de que essa zona energética especializada jamais seria a resultante dos campos celulares físicos; estes é que seriam consequência ou resultado da influência energético-espiritual. A psicologia dos nossos dias percebeu o campo energético especial no psiquismo humano, denominando-o de zona inconsciente ou subconsciente, tendo porém como norma, ser a energia em questão, exclusiva secreção cerebral. Pelo campo de afirmações das forças inconscientes, temos como acertado ser uma região de maior complexidade, abrangendo extensas zonas ainda incompreendidas e, com tal, não poderia ser consequência do trabalho exclusivo e limitado da zona física. Em que pese os conceitos hodiernos da psicologia dinâmica, jamais poderemos entender os campos do inconsciente sem as forças arquetípicas das vivências pretéritas. Neste caso, muitas divergências seriam sanadas e muitos conceitos psicanalíticos seriam elucidados.

Dessa forma, denomine-se este Campo Especializado de zona espiritual, zona inconsciente ou subconsciente, em nosso estudo representará sempre o Campo-Orientador das células e tecidos da organização física. Mais ainda, seria a Energia-Responsável pela onda morfogenética da espécie, em virtude de seu potencial estar carregado pelas experiências incontáveis de vidas pretéritas.

Por ser realmente uma zona puramente energética, de impossível comprovação pelos métodos científicos de que dispomos atualmente, a apresentação terá caráter avaliativo pelos efeitos, como sói acontecer nas habituais descrições e estudos do dinamismo psíquico inconsciente pela psicologia. Acresça-se, ainda, que essa energia não deva assemelhar-se, em coisa alguma, àquela que constitui toda a escala energética conhecida, desde as ondas sonoras até as de mais alta frequência observadas na radioatividade. A energética espiritual estaria ainda mais avançada, constituindo posição dimensional mais evoluída.

Por outros termos, a energia deste campo vibratório fonte da energia psíquica, não deve estar condicionada às conhecidas leis da energia comum, cujo "tempo" é sua dimensão ou quarta dimensão como querem alguns. A energia espiritual estaria ainda mais acima, correspondendo a uma dimensão superior, a uma quinta dimensão, que poderia ser denominada de "dimensão ciência". Estamos com Ualdi quando identifica o "tempo" e a "consciência" não como quarta e quinta dimensões respectivamente, mas, sim, primeira e segunda de um novo sistema tridimensional, porquanto o universo estaria individualizado por unidades trinas. Com isso desejamos acentuar a diferença energética da zona espiritual ou inconsciente, que não deve ser enquadrada nos limites da dimensão-tempo, área de expansão das energias comuns traduzidas e avaliadas pelas suas vibrações rítmicas.

Com esses conceitos o campo vibratório especializado não necessitará de espaço, ficando apenas a zona pineal como localização ou sede de manifestações das energias superiores (espirituais ou do inconsciente); zona onde deverá haver a passagem do comando-energético para o campo da matéria (dimensão-espaço). Daí, nossa fácil compreensão de toda a fenomenologia quando se manifesta nesta área (campo dimensional da matéria) e dificuldade de aceitação, da não percepção pelos sentidos comuns, dos fenômenos que se expressam no terreno puramente energético, por transcenderem as barreiras dimensionais conhecidas.

Na realidade, como deverão organizar-se os campos desse psiquismo superior? Já se torna muito difícil compreender os campos eletro-magnéticos gerados pelos átomos de características bem complexas. Imaginemos o que deve passar-se na energética que comanda e orienta o mundo orgânico da matéria? Entretanto, para alcançarmos alguma compreensão tentaremos a redução intelectual de conceitos para a simplicidade de um esquema. Que tipo de unidades energéticas psíquicas existirão, e como se comportarão em seu trabalho de ordem superior, no organismo que orientam? Não estamos ainda preparados para penetrar raciocínios desta ordem, de um mundo energético de características dimensionais tão divergentes dos que conhecemos e delimitamos com a nossa ciência. Apesar de tudo, nada impede que possamos esquematizar e reduzir, para o nosso campo de compreensão, a energética de nosso psiquismo profundo, criando hipóteses, explicando fatos e definindo efeitos, no sentido de amenizar nossos anseios e porquês. Não queremos dizer, com isso, que devamos medir o Espírito pelas leis da matéria; seria profundo absurdo, igual mesmo a querer explicar a zona inconsciente pelas leis que regem o consciente - seria o mesmo que tentar definir a claridade pela sombra, ou avaliar a existência pela ausência.

O campo energético, cravejado de pontos irradiantes, um perfeito céu de estrelas incontáveis, admitimos representar todo o material da vida integral do Espírito. Os pontos, verdadeiras individualidades, seriam corpúsculos a significar núcleos em potenciação, cujas formações e qualidades foram adquiridas na absorção de todas as experiências pretéritas (caracteres adquiridos pelo espírito).

Os núcleos estariam sempre em emissão energética contínua para os diversos centros do organismo, de modo a nutri-los, inspirá-los, encaminhá-los em seus múltiplos e habituais trabalhos. Lógico será dizer que, quanto maior for o aprendizado espiritual, através das diversas etapas palingenéticas, maior será a expansão energética desses núcleos em potenciação e, portanto, mais experiente e mais evoluído o EU ou Individualidade.

O campo Energético-Espiritual, acasalado na glândula pineal por equilíbrio vibratório, representa em nosso modo de entender, a zona do inconsciente, o verdadeiro Centro-Espiritual. Foi no Inconsciente, nesse complicadíssimo cadinho de fenômenos de ordem superior, que Freud deu o grande mergulho, como pioneiro da nova ciência da alma, embora vivesse numa época em que a ciência só era compreendida em equações materiais; qualquer vôo mais ousado do terreno espiritual, levava a pecha do deboche ou da loucura. Cientista honesto e puro, recebendo de seus mestres cultura especializada altamente materialista, não conseguindo livrar-se de suas peias, vê-se enleado, e, como tal, desvia-se do alvo a ser atingido, que seria a descoberta do espírito, perdendo-se no pan-sexualismo, a tela onde se repete mais comumente, porém nem todos, os fenômenos do inconsciente, e tendo, nos sonhos, escapatórias que ajudam e completam a tradução dos desvios vibratórios deste potente foco de energia.

Linhas atrás, descrevemos a influência da glândula pineal na esfera genital e suas intercomunicações neuroendócrinas. Os estudos e observações de Freud sobre a psicanálise, levaram-no, ativa e profundamente, ao mundo sexual. Sentiu, porém sem definir, no terreno psíquico que palmilhou, os desvios do setor pineal e correlação das gônadas. Assim, além das ligações de caráter endócrino fartamente comprovadas pela ciência, são patentes as interrelações puramente energéticas. Coube, entretanto, a Carl Jung, discípulo de Freud, ter levado a psicologia muito mais alto, enveredando em vários campos, inclusive no terreno espiritual, com interessantes e atraentes conceitos de ordem científica.

II - NÚCLEOS EM POTENCIAÇÃO E NUCLÉOLOS

Os núcleos em potenciação foram assim por nós batizados, pela apresentação de intenso poder vibratório, conseqüentemente, forte emissão energética. Os núcleos em potenciação, funcionalmente bem mais expressivos e atuando em dimensão mais evoluída, no seu conjunto representariam quase a totalidade da energética espiritual, onde não existem limites de espaço.

Seriam constituídos de modo energético especial, por isso impossibilitados de se mostrarem nos instrumentos científicos da razão analítica. A tentativa de descrição, que por natureza já é análise, não deixa de ser um artifício para atender a nossa compreensão. Assim, seriam núcleos tão diminutos representando pequeníssimas unidades, a ponto de serem consideradas metaultramicroscópicas - vórtices atuantes em dimensão mais elevada.

Lembramos, novamente, que estes pontos energéticos seriam o centro, a fonte de toda energia psíquica, em volta dos quais as experiências se iriam fixando, ampliando seus potenciais, para que a evolução se observe nos diversos setores da vida. De potencialidade variável, possuindo, cada um deles, sua própria individualidade vibratória. Desse modo, os núcleos jamais se equivaleriam, não possuindo expressões energéticas idênticas. Constituiriam unidades independentes, albergando em seu interior grande número de pequenos pontos energéticos, de potencialidade semelhante, bem merecendo a denominação de nucléolos em potenciação. Podemos aquilatar a presença de filamentos irradiantes, expansões

vibratórias que, na realidade de sua própria dimensão, devem ser constituídas de ondas energéticas especializadas (campos vibracionais), cuja penetração, difusão e expansão ainda é impossível avaliar

Os núcleos em potenciação estariam coligados pelo filamento intercomunicante, constituído de expansão vibratória mais concentrada, própria de cada núcleo. Assim, os núcleos em potenciação, pelos filamentos intercomunicantes, teriam continuidade, embora representando uma zona energeticamente mais condensada, por isso mesmo mais bem preparada para um processo de contiguidade; isto é, processo de ligação sem soldadura, assegurando seqüência na posição dos núcleos em potenciação sem perturbação da individualidade de cada um deles.

Os nucléolos em potenciação, por sua vez, seriam constituídos de unidades energéticas menores de indescritível potencialidade e sutilidade. A medida que tentássemos penetrar na intimidade desses elementos, ainda mesmo que hipoteticamente, perceberíamos o limite em que a nossa psique esbarra. Daí para diante nada mais podemos prever, sentir ou fazer suposições; está fora de nossas possibilidades, fora de nossas avaliações, pertencendo a outras dimensões ainda mais evoluídas e a nós desconhecidas. É possível mesmo que, na intimidade desses núcleos, à medida que nos aproximássemos de seu vórtice central, o material energético de que seriam constituídos iria penetrando noutra dimensão (superconsciência?), aquela que deve estar acima da dimensão consciência. Assim, poderemos aquilatar as infinitas possibilidades do psiquismo e as dificuldades de mensurações e limitações, onde uma estruturação dimensional múltipla explicaria sua inextinguibilidade dentro da evolução.

Na dimensão em que nos encontramos atualmente, dimensão da matéria, a dimensão-espaço, os infinitamente pequenos são, ainda, para nós, de imensa complexidade. Quem poderá definir com precisão as expressões atômicas? Claro que existem cálculos aproximados de seus valores médios, mas, o dinamismo desses elementos não permitem que fixemos suas reais atividades. Os elétrons que giram em torno de prótons tem raios variáveis o que impede que se possa limitá-los com precisão; suas dimensões prováveis são da ordem de $9, 10^{-28}$, isto é, $1/1800$ das dimensões do átomo de hidrogênio. Os átomos excitados pelo calor se lançam em ondas térmicas de décimos de milímetros. Quando a excitação chega a provocar os saltos dos elétrons de suas órbitas mais externas, há o aparecimento de luz com ondas mil vezes mais curtas que as anteriores. Se os saltos eletrônicos forem dos elementos mais aconchegados ao núcleo (órbita interna), portanto saltos quânticos, as ondas resultantes, dez mil vezes mais curtas que as primeiras, fornecerão os conhecidos raios de Roentgen (raios X). As ondas mais curtas ainda, obtidas pela agitação dos núcleos atômicos, produzirão raios do núcleo (raios nucleares), cuja energia e potência são ultrapassadas somente pelos raios cósmicos; estes representam partículas vindas do universo, provavelmente prótons, que se lançam no espaço com a energia de 10^{16} (elevado a 16^{pot}), tendo como base a energia solar de 2,5 volts eletrônicos.

Além desse reino de energias já percebido pelo homem, elementos mais sutis, de características semelhantes, devem existir, a se expandirem no cosmo, dando cumprimento às suas sábias leis, para nós desconhecidas em sua maioria.

Com esses dados informativos, perguntamos: que não poderia encerrar a possibilidade de um núcleo em potenciação de energias mais purificadas, e que estariam muito acima do dinamismo atômico? Claro que não estamos em

condições de definir com precisão as unidades psíquicas, mas avaliar sua grandiosidade.

A matéria, por representar o volume, define-se na dimensão-espaco; a energia traduz-se na dimensão tempo, em ritmos; e o psiquismo na dimensão-consciência. Esta por ser superior às demais, só poderá ser evidenciada pelos atos realizados, isto é, por criações, por missões cumpridas. Desse modo, o pensamento, apanágio desta última dimensão, deverá ter uma possibilidade energética superior às energias da dimensão-tempo (som, eletricidade, etc), de incalculável deslocamento, de impossível mensuração pelos recursos técnicos que possuímos atualmente. Assim como a dimensão-tempo se expressa em ritmos, a dimensão-consciência somente poderá aparecer em obras realizadas, em criações. Não é sem razão que o bem, o amor, a virtude e os sentimentos nobres são exaltados em todas as filosofias construtivas, seitas e religiões. como elementos propulsores do progresso espiritual.

Por esta maneira "o homem passou a compreender, enfim, que a matéria é simples vestimenta das forças que o servem nas múltiplas faixas da Natureza e que todos os domínios da substância palpável podem ser plenamente analisados e explicados em linguagem matemática, embora o plano das causas continue para ele indevassado" (André Luiz).

Os núcleos em potenciação que compõem o campo energético espiritual, durante o fenômeno palingenético na célula-ovo, como veremos adiante em seus pormenores, constituiriam o substrato energético dos genes cromossomiais, e, como tal, se responsabilizariam pelos processos mais íntimos que se seguem a fecundação. Desse modo, os genes seriam movimentados por uma Essência-Energética que faria parte da organização espiritual; por sua vez, os genes, como já referimos, orientariam o trabalho da organização física cromossomial.

O conjunto vibracional que se lançaria no núcleo da célula-ovo (palingênese), com finalidade de dirigir os processos embriológicos que se desenvolverão posteriormente, tomará assento na glândula pineal, no momento oportuno.

Os núcleos em potenciação, pelas suas condições estruturais nesta hipótese de trabalho, unidos pelo filamento intercomunicante, poderiam tomar a configuração de um novelo, enrodilhado sobre si mesmo. Seria uma estrutura topográfica, semelhante ao novelo espirematoso que o núcleo apresenta na época da divisão celular. Logo, o aspecto espirematoso que o núcleo da célula-ovo nos mostra na fase inicial dos fenômenos de fecundação, poderia ser o resultado, uma real consequência da imposição que a Energia Espiritual (zona inconsciente) lapidaria na matéria (núcleo celular) que orienta, dirige e modula.

Desse modo, o Espírito poderia ser um "fio fluídico" albergando, de modo simétrico, os núcleos em potenciação em todo seu trajeto; seria um "cordão sem fim" a ampliar-se constantemente (vivências e experiências), cujas aquisições responderia por uma evolução infinita.

Ao estudarmos, no capítulo I, cromossomos e genes - seria, no momento, interessante ao leitor fazer neva recordação para acompanhar a seqüência de pensamentos a serem expostos - vimos, perfeitamente, que os cromossomos à maneira de tapete albergavam os genes, cuja estrutura seria mais delicada e dimensionalmente mais evoluída que a do próprio cromossomo que lhe dá abrigo. Por essa seqüência de fatos, os genes já seriam campos energéticos, verdadeiras concentrações "fluidomagnéticas especiais", tela de projeção dos núcleos em potenciação, com adaptação e filtragem das energias destinadas ao campo material.

Consideraríamos, desse modo, os genes como elementos energéticos mais periféricos, praticamente continuados pela organização física cromossomial, enquanto que os núcleos em potenciação estariam mais para o centro e distribuídos por toda a zona espiritual.

Desenvolvendo a hipótese em questão, podemos considerar que o núcleo em potenciação apresente variações quanto às cargas energéticas. As vibrações das diversas zonas do inconsciente ou zona espiritual seriam variáveis; sendo o núcleo em potenciação dinamicamente constituído de todos os elementos do inconsciente, possuiria energias, em graus diversos, desde as mais densas até as mais puras. Desse modo, as energias mais puras ou sutis dos núcleos em potenciação estariam no SEU centro dinâmico, mais na região central do campo vibratório espiritual; e na periferia as mais densas, por isso mais adaptadas aos genes dos cromossomos, que são energeticamente mais condensados. Assim, compreende-se que o gene pode receber vibrações puras, porém filtradas pelas telas energéticas espirituais intermediárias. Este mecanismo explicaria a existência de variações na recepção de energias pelos genes e respectiva adaptação na herança fatorial de todos os campos funcionais do ser, incluindo os mais complexos, quais sejam as funções psíquicas.

De tudo deduz-se que o núcleo em potenciação, cotendo várias zonas energéticas, pode manifestar-se em várias dimensões, não em sua totalidade, e sim pelas vibrações próprias que carrega e exterioriza em cada dimensão. Logo, é de se pensar que o gene, de reduzidos limites (ultramicroscópicos?), alberga as expansões vorticosas do núcleo em potenciação, sem limites (metaultramicroscópico?). A terminologia micro, ultra e metaultramicroscópico são artifícios a fim de focalizarmos o cromossomo (microscópico) albergando a essência do gene (ultramicroscópico) e este carregando, em seu interior, as influências vibratórias do núcleo em potenciação (metaultramicroscópico). Tudo isso porque, as energias do núcleo em potenciação e as do gene não ocupariam espaço por serem zonas dinâmicas-vibracionais (campos vibratórios atuantes).

Para melhor compreensão intelectual reduziremos essas idéias ao esquema. Figuremos um quadrilátero rerepresentando uma área do microscópico cromossomo. Dentro desta área microscópica está contido um círculo traduzindo um gene ultramicroscópico. Mais para dentro ainda, vibrações mais sutis, algo metaultramicroscópico - o vórtice do núcleo em potenciação com as expansões das várias zonas energéticas intermediárias; pela sua condição, não mais ocupando espaço, ele é toda vibração e ritmo, manifestando-se em dimensões superiores e imensuráveis, comandando e dirigindo toda área cromossomial microscópica.

Ainda poderíamos tentar uma visão de perfil do procedimento energético do núcleo em potenciação, usando o artifício de deslocar seu vórtice para fora do gene, à maneira duma harmônica; exposição com a qual sentiremos melhor, esquematicamente, a energética dessa unidade espiritual. Figuremos um pequeno círculo representando o centro do vórtice do núcleo em potenciação, emitindo suas energias em busca do gene. Antes de lá chegar, teriam elas que passar em dimensões energéticas intermediárias, adaptando as vibrações, até a tela gênica do cromossomo, e de lá na matéria. Na matéria, como vimos no capítulo sobre célula, estas energias espirituais finais iriam primeiramente em busca dos Nucléolos dos núcleos celulares, sofrendo a necessária adaptação para alcançar os genes, dirigindo-se, em seguida, após filtragem nos cromossomos, aos centríolos dos respectivos centros celulares, finalizando-se no campo químico do citoplasma, mais propriamente nos ribossomos. O citoplasma, corpo celular, não seria mais do que a condensação de energias transformadas em matéria. Logo, a vestidura material ou

corpo físico da espécie, seria a consequência das influências espirituais na célula-ovo. O corpo ficaria sendo o resultado daquilo que possuímos e carregamos espiritualmente, na fase evolutiva que cada um se encontra.

III - ZONAS GÊNICAS E SEUS CAMPOS DE FORÇA

Sabemos perfeitamente que muitos genes cromossomiais da célula fecundada, são destinados, algumas vezes, a um único fator de herança. Assim sendo, cada fator poderia depender de uma série de núcleos em potenciação. Os núcleos em potenciação mais fortes, de potencial mais alto, dominariam os demais de sua classe, e por isso, mais comumente se evidenciariam no substrato material cromossomial (genes) ofuscando os demais sem despersonalizá-los. Logo, existiriam núcleos que são dominadores e núcleos que são dominados, refletindo-se essas condições diretamente nos fatores hereditários através dos genes dos cromossomos. Os primeiros representariam aquilo que se chama em genética, em face dos genes cromossomiais, caracteres dominantes; e os segundos, caracteres recessivos.

Todos os núcleos em potenciação ligados ao substrato energético dos genes cromossomiais, no óvulo fecundado, e que estariam incumbidos de determinado fator de herança, pertenceriam a uma mesma zona cromossomial, semelhante em aspecto, apesar de não perderem, em hipótese alguma, suas individualidades. As zonas cromossomiais, assim descritas para melhor entendimento do leitor, seriam verdadeiras zonas energéticas, por causa dos genes que contém e, como tais, seriam de limites imprecisos. Logo não existiriam, propriamente, zonas absolutamente limitadas, pois os núcleos em potenciação interpenetrariam-se, embora mantendo suas individualidades energéticas. Essas zonas, nos cromossomos, foram por nós denominadas de zonas gênicas ou zonas dos genes afins. Seria por intermédio dessas zonas, verdadeiros campos de forças, que podemos explicar não só as diversas secções, mas também a movimentação caprichosa e segura dos cromossomos durante a multiplicação celular. Tudo indicando uma diretriz na intimidade da organização cromossomial.

As irradiações dos núcleos em potenciação se distribuiriam, nos cromossomos, uns ao lado dos outros, de acordo com o grau de parentesco, isto é, de acordo com suas finalidades nos processos de herança; é desta maneira que os genes cromossomiais, impulsionados pelos núcleos em potenciação, dariam ao produto de procriação (zigoto) a vitalidade energética na orientação de sua morfogênese. Quando os processos embriológicos se completassem, nesta ocasião, os núcleos em potenciação pertenceriam ao campo energético da glândula pineal, constituindo zona psíquica de relevante importância à zona Espiritual ou do Inconsciente. Esta zona espiritual, irradiando suas potencialidades, governaria todos os genes cromossomiais dos 60 trilhões de células da arquitetura orgânica, porque deixaram a devida impressão nos primeiros blastômeros, isto é, nas primeiras células da divisão ovular, à maneira de moldes lapidados que, por sua vez, gravarão sempre idêntica estrutura em todas as futuras células até o final da construção orgânica. Desse modo, a influência do psiquismo profundo (energética espiritual) com o sistema fatorial da herança nos genes seria tão expressiva, que a evolução adquiriria um grande e novo campo de apoio para resposta a muitos de seus problemas.

É de pensar-se que os núcleos em potenciação mais afins reúnem-se, formando verdadeiros blocos de energia, tanto mais expressivos quanto maior for seu número. Estas energias se refletiriam na zona consciente sob diversas

maneiras e nos padrões evolutivos em que se encontram, orientando as funções normais da arquitetura orgânica. Com suas influências irradiantes poderiam apresentar-se sob forma de inspirações e símbolos diversos, pois a tela consciente (sistema nervoso) não poderia traduzir, a não ser simbolicamente, as influências espirituais, pela sua pouca capacidade em relação ao campo energético orientador.

Os núcleos em potenciação emitiriam sua própria e característica vibração, de acordo com as experiências adquiridas através das etapas palingenéticas, isto é, variariam de indivíduo a indivíduo, de conformidade com o grau evolutivo de cada um. As vibrações desses núcleos, no mesmo indivíduo, não difeririam totalmente umas das outras, oscilando dentro dos pequenos limites de uma determinada gama energética, mas guardando sempre a própria potencialidade. A reunião de todos eles daria como resultado uma vibração conjunta, a emanção espiritual própria de cada ser, a tônica, o potencial vibratório que o caracteriza e distingue a Individualidade. Esse potencial vibratório seria o responsável pelas representações conscientes dos pensamentos, recordações, julgamentos e decisões; e muito mais do que isto a força interna que nos conclama ao trabalho e a criação, a música interior, conforme palavras de Goethe. Assim, quando o princípio espiritual se desagrega do corpo pela morte (física) do ser, e arrasta consigo outros satélites energéticos, as vibrações deste princípio espiritual só podem constituir fator de identificação (avaliação de grau evolutivo) na nova dimensão em que se lançaram, afirmando a imortalidade.

A energia dos núcleos em potenciação, devido à complexidade com que se apresenta, deve ter uma vibratilidade especializada, jamais podendo ser comparada às energias comuns conhecidas. Que haveria, realmente, em sutilidade vibratória, nesse mundo energético? Podemos concluir que este campo energético, por ser mais evoluído (aquisições progressas), teria que tomar sob sua custódia o mundo energético inferior, orientando-o em seus necessários arremessos evolutivos. Como poderemos figurar e esquematizar, com precisão, coisas deste jaez? Daí, chamarmos a atenção dos leitores de que a apresentação dos esquemas dos núcleos em potenciação são, em parte, um artifício, uma limitação, uma tentativa de compreensão; reproduzir fielmente o que se passa nestas regiões (a respeito das quais poderemos vez por outra, aqui e ali, ter pequenos vislumbres inspirativos), é impossível dentro de nossos recursos atuais, onde impera e viceja a mensuração da matéria.

O filamento intercomunicante, constituído em toda sua extensão de corpúsculos (núcleos em potenciação), assemelha-se, em tudo, ao núcleo de uma célula na fase que antecede a síntese do DNA, divergindo apenas quanto à posição dimensional, transcendendo, por isso, o conceito de espaço. O filamento pleno de núcleos em potenciação, um novelo-energético, seria o Substrato-Energético, Elemento-Conductor ou Princípio-Vital dos cromossomos. Por conseguinte, os cromossomos possuiriam no íntimo a fita-energética em situação dimensional mais avançada e que lhe dita o destino. Cada núcleo em potenciação, por sua vez, teria como campo de manifestação os respectivos genes cromossomiais. Quando na célula em multiplicação, os complexos mecanismos que os cromossomos apresentam não fizeram mais do que obedecer à inteligente energia que se manifesta neste cadinho biológico. Seria uma voz interna ditando a nossa conduta. O Espírito é quem fornece a carga de nossas necessidades e tendências, e não os cromossomos; estes seriam uma tela especializada com capacidade de receber todas as informações que a energética espiritual, no grau evolutivo em que se encontre, transfunda à zona material.

Cada cromossomo tem seu próprio aspecto e composto de várias zonas cravejadas de genes (zonas gênicas). Sendo os cromossomos das células apresentados aos pares, também o são os genes e, conseqüentemente, o respectivo substrato energético (núcleos em potenciação). É de notar-se que entre os núcleos em potenciação pares, portanto semelhantes para determinado fim, existe um jogo de forças atrativas, conseqüência de suas irradiações, influenciando os genes, as zonas gênicas e por fim o cromossomo inteiro. Não seria este jogo de forças atrativas de todo um cromossomo par, o responsável pelo seu comportamento biológico? Mesmo quando há união de cromossomo com seu respectivo par, convém lembrar que as unidades gênicas, apesar de juntas, não se misturam e por isto não perdem a característica individual; seriam elementos mais energéticos do que materiais e que, por isso mesmo, se interpenetrariam. Não sendo os genes constituídos de modo semelhante à matéria, e sim estruturados em faixa vibratória diversa (características energéticas), não se misturariam, mas se influenciariam nas potencialidades (dominâncias e recessividades); é de se pensar mesmo que em determinados cruzamentos (fatores paternos e maternos), possa haver oferta energética, dando a impressão de mistura de genes - a individualidade dos genes deve ser precisa e inquebrantável; por intermédio deles a vida continua e a evolução se afirma.

Na célula-ovo, observamos que os cromossomos se apresentam diferentes de tamanho e forma, sendo iguais somente ao respectivo par. Note-se que, em estado hígido, não há jamais união entre cromossomos diferentes de tamanho e forma, pois os princípios energéticos gênicos com suas irradiações próprias, atraem-se mutuamente; procuram-se para conjugarem energeticamente os fatores paternos e maternos. Quando há quebra da higidez, no mesmo cromossomo par (cromossomo paterno e materno), as zonas gênicas não se acolariam devidamente, isto é, os genes não se corresponderiam, havendo quebra de harmonia na conjugação. Desse modo observariam-se modificações na herança e o resultado, geralmente, seria um produto defeituoso pela ausência de sintonia. Tudo isso pela desorientação ou desajuste do núcleo em potenciação. Quando os acolamentos se verificassem com cromossomos diferentes, aí então, se o produto da conjugação chegar a formar-se, o resultado seria bastante destoante para a espécie de origem. É claro e lógico que, entre esses dois extremos de desvios e translocações cromossomiais, existiriam os diversos graus de combinações, dependentes, todos eles, do desequilíbrio vibratório que a fita energética (Centro Espiritual) traz consigo.

Foi observado que o desajuste dos pares cromossomiais dependem também de fatores do meio. Eles, realmente, seriam capazes de influenciar ou mesmo determinar desequilíbrios pela falta de suficiente direção vibratória do campo energético espiritual que, devido ao desajuste já existente, não forneceria exata orientação.

Chamamos atenção para os desvios e translocações cromossomiais que, nas espécies biológicas diferenciadas, inclusive a espécie humana, incide comumente no terreno teratológico; ao passo que os desvios e pequenas translocações cromossomiais, nos animais inferiores além de serem bastantes comuns, são os responsáveis diretos, na maioria das vezes, pelas mutações, o que representa fator propulsor da evolução.

Por tudo isso, poderemos conhecer e definir o grau evolutivo dum ser pelas manifestações de seus genes. Sabemos, perfeitamente, que a ciência irá em busca dessas definições. Também, é necessário lembrar que, somente após elucidação e conhecimento dos genes e de seu respectivo jogo nos cromossomos, a ciência

poderá penetrar as razões maiores da vida e iniciar a luta em busca do equilíbrio nas heranças; equilíbrio que poderá fazer-se à custa da melhoria de condições do meio, da medicação química bem dosada e aplicada com oportunidade e, principalmente, pelo desenvolvimento e aplicação dos fatores psicológicos positivos que influenciam de modo incisivo e seguro na evolução espiritual.

Capítulo V - Palingênese.

PALINGÊNESE. ACASALAMENTO DA ENERGÉTICA ESPIRITUAL NA GLÂNDULA PINEAL.

I - PALINGÊNESE

Vivendo o espírito em dimensão diferente, terá forçosamente que lidar com escala vibratória que atenda às suas necessidades. É claro que os elementos próprios de nossa organização material, os elementos químicos conhecidos da série estequiogenética, terão que se juntar a novos companheiros, aquém do hidrogênio e além do urânio, como natural conseqüência de enriquecimento do plano em questão, onde as atividades espirituais reclamam maiores cotas de possibilidades. Bem justo que os elementos químicos nossos conhecidos se apresentem, também, em situações apropriadas no atendimento estrutural do espírito, correspondendo, principalmente, à questão de peso específico que caracterizaria e definiria a situação espiritual de cada ser. Como tal, em nosso planeta, sofreriam os espíritos, inevitavelmente, a influência gravífica ou força de gravitação, cuja atuação, manifesta e contínua, considerando as imersões e emersões na matéria, favoreceriam a seus respectivos percursos evolutivos, donde deverá sair sempre mais complementado e experimentado.

Anote-se que os encarnados tem uma possibilidade sempre maior de evolução, quando atendem, no trabalho cotidiano, a um código harmônico na conduta. Nos desencarnados, embora se observe a evolução, esta deverá ser mais lenta e difícil, pela ausência da zona consciente, ou seja, do elemento corpóreo que, além de dar o contraste dimensional de renovação, fornece o véu do esquecimento. Nesse terreno carnal, as reações se esboçam melhor, pela presença de campo mais rico de solicitações e experiências, onde as dificuldades emocionais pregressas do espírito seriam bloqueadas em face da personalidade (corpo físico) e dos embates do meio. Assim, o desencarnado poderia arreglar (combinar) condições, preparar-se mentalmente, ajuizar futuras missões ou neutralizações cármicas, no plano em que se encontra; na carne, porém, existirá a posição ideal para grandes avanços ou violentas paradas.

Os espíritos desencarnados que ainda não conseguiram a evolução suficiente, portanto uma modificação no seu peso-específico, continuariam sofrendo as influências do nosso orbe, divergindo daqueles que, já livres das vibrações densas do seu envoltório perispiritual (psicossoma), alçaram os seus vãos para destinos superiores e desconhecidos. Os que por aqui ficam, anexados ao nosso sistema, aguardam as oportunidades de novas etapas palingenéticas na terra. A oportunidade de reencarnação, como todo processo fenomênico do cosmo, obedece à sua própria lei com precisão e segurança.

No espírito desencarnado, deficientemente evoluído, obrigatoriamente atado ao nosso sistema cósmico, os núcleos em potenciação da zona espiritual estariam carregados de material energético pobre, necessitando de serem burilados e melhorados. Desse modo, os núcleos em potenciação (capítulo IV), esses vórtices energéticos que responderiam pela Individualidade, ainda incompletos de qualidade positivas, não tendo atingido o valor em potencial que a evolução exige, iriam apresentando, no fim de um certo tempo de vida espiritual, uma espécie de redução energética por um processo de crescente neutralização. Este fenômeno se caracterizaria pela impossibilidade de os núcleos em potenciação absorverem, do ambiente espiritual em que se encontram, material energético suficiente ao metabolismo do psicossoma para atender aos movimentos, volições e outras

atividades do espírito. Essas energias que o espírito teria necessidade para sua sustentação, admitimos que se trate de unidades especiais de uma faixa vibratória cósmica (prana). Nessas condições, é claro que a absorção de energia cósmica poderia se dar pelas usinas energéticas do psicossoma (chacras ou discos energéticos), porém as diretrizes do processo estariam a cargo dos núcleos em potenciação - vórtices de vitalidade da Individualidade. A deficiência no mecanismo comum de absorção de elementos vitais, existentes no meio, para a vida do espírito, deverá ser o ponto marcante com início do processo reencarnatório. É claro que inúmeros fatores estariam corroborando no desencadeamento do mecanismo palingenético.

A medida que o processo de neutralização se desenrolasse no arcabouço energético espiritual, naturalmente, de modo muito lento, os núcleos em potenciação se tornariam, cada vez mais, incapazes de emitirem energias necessárias ao dinamismo do psicossoma. Dessa maneira, iriam ficando energeticamente morosos e insuficientes refletindo no todo vibratório, como se houvesse um bloqueio de atividades. A perturbação no dinamismo do psicossoma determinaria, aos poucos, para o espírito, um estado de torpor, impelindo-o à reencarnação, única maneira de continuar sua evolução pela mudança de estágio, isto é, renovação.

Sendo a condição espiritual vibratória, estará de acordo com a situação evolutiva de cada um, mais precisamente, de acordo com a vibração que os núcleos em potenciação que estruturam o espírito emitem e difundem pelas zonas mais periféricas ou perispirituais (psicossoma). Esses núcleos podem ter uma emissão energética mais potente, mais sutil, mais leve, mais pura, própria dos evoluídos, ou uma emissão de potencialidade reduzida, grosseira, mais pesada, característica dos involuídos. As emissões energéticas dos núcleos em potenciação como que alimentam e nutrem as capas vibratórias do espírito, isto é, o psicossoma, reflexionando no mesmo, após adaptações e filtragens, a intensidade de suas fontes. Se os núcleos em potenciação pertencem a um espírito de vibrações grosseiras e em fase reencarnatória, mais rapidamente deverão entrar neste processo de neutralização energética do que aqueles cujas energias são mais puras e leves. Seria lógico que os núcleos em potenciação de vibrações densas, mais pesadas, tenham mais afinidade pela matéria (energia concentrada), necessitando de contatos mais diretos com a mesma para equilíbrio de seu dinamismo.

De tudo isso conclui-se, que os espíritos mais atrasados mais condicionados se acham para a reencarnação; os mais evoluídos reencarnariam com grande intervalo de tempo, pela possibilidade de mais fácil aquisição de material dinâmico (prana) necessário ao metabolismo do psicossoma e por possuírem, em potencial, qualidades energéticas que lhe permitiriam "viver" mais tempo no estágio dimensional em que se encontram.

Assim, a palingênese seria processo intransferível da Grande Lei, avisando a cada Individualidade o momento oportuno. Os espíritos involuídos, muito próximos das razões animais, mergulhariam no fenômeno palingenético desconhecendo totalmente o desenrolar dos acontecimentos, sem conscientização dos fatos; entretanto, os espíritos esclarecidos, quando seu período reencarnatório se aproxima teriam um melhor conhecimento da situação, lançando-se em labores que lhe são necessários ao desenvolvimento. Existiriam casos mais raros, em que as reencarnações seriam adrede preparadas para os grandes espíritos que vem a terra em missões especiais, tendo, por isso, que acelerar o processo ou mecanismo em torno do qual a reencarnação se instala; haveria, por assim dizer, uma espécie

de magnetização do psicossoma retirando de suas "células energéticas" as substâncias responsáveis pelo equilíbrio do metabolismo espiritual corresponderia a um verdadeiro adensamento da organização espiritual, possibilitando o mergulho na esfera carnal dos homens. Devemos considerar que, qualquer que seja a reencarnação, se dum espírito evoluído ou involuído, o mecanismo, em linhas gerais, seria sempre o mesmo em face da matéria, embora tenhamos como lógico que o processo palingenético possuiria expressões apropriadas a cada ser.

Quando as energias dos núcleos em potenciação de uma entidade espiritual se encontrassem na fase final de declínio, portanto, quando os núcleos em potenciação fossem atingidos, em sua totalidade, pelo processo de neutralização (desgaste e esgotamento), a solução para renovação e recuperação da energética do EU, só se daria pela reencarnação. Logo, o mecanismo palingenético que propicia a mudança dimensional da Individualidade, é quem realmente favorece e dá o sentido renovador do ser, sequioso de evolução.

O espírito, conforme o grau de evolução em que se encontra, tendo ou não conhecimento do processo palingenético que o atingiu, só iniciaria a reencarnação quando houvesse o terreno material propício a recebê-lo. Devemos imaginar a existência de outras forças desencadeantes do processo, ligadas ao cadinho materno. Assim, o espírito, com suas próprias vibrações, aproxima-se da matéria que lhe é mais afim, estabelecendo um entrosamento energético, onde a rede vibratória do psicossoma materno desempenharia o relevante papel de orientador, receptor e protetor da Individualidade que busca um organismo físico para colher novas experiências e aprendizados diversos. A sintonia vibratória entre o espírito reencarnante e o psicossoma materno, iria aumentando até que houvesse identificação perfeita das fontes energéticas que estão se aproximando e harmonizando. Do lado do psicossoma materno a região que albergaria o espírito seria aquela pertencente a usina genésica (disco energético ou chakra genésico), estação vibratória absolutamente credenciada para tal fim e que comandaria não só o correspondente setor energético do psicossoma, mas também, o aparelho sexual do organismo físico.

Os embates vibratórios entre espírito reencarnante e matéria, orientados pela usina de energias do psicossoma materno, permitiriam a aproximação definitiva desses dois elementos, até que a parte passiva (matéria) se achasse em condições de ser assaltada. O momento favorável se apresentaria durante a união do gameta masculino com o feminino - fecundação - transformação do óvulo em ovo com apreciável choque biológico. Aí nesta ocasião em que as vibrações do espírito reencarnante se encontrassem perfeitamente harmonizadas com a matéria, haveria uma concentração com redução do tamanho espiritual sob a influência de "carga magnética" de elevado poder. Essa redução se daria às expensas do psicossoma (veste do espírito), o que ativaria o processo de obnublação do psiquismo espiritual. Haveria, como que, uma justaposição do reencarnante no perispírito materno, adelgaçando-se e fundindo-se. Ao mesmo tempo, evidenciaria-se um acentuado tropismo do espírito em direção à célula-ovo, que posteriormente passaria a ter em seu íntimo o verdadeiro elemento responsável pela morfogênese da espécie.

Dessa forma, o cadinho materno, com seu alto poder energético, englobaria o espírito reencarnante e possibilitaria as suas expansões renovatórias no corpo que está despontando para uma nova vida física. Entretanto, o estado vibratório do espírito reencarnante, pela enxertia mental, seria percebido pela mãe. Haveria permutas de vibrações, doentes ou sadias, de ambos os lados. As aparentes

extravagâncias da mulher grávida teriam como causa as influências do espírito reencarnante. No dizer de André Luiz: "O organismo materno, absorvendo as emanções da entidade reencarnante, funciona como um exaustor de fluidos em desintegração, fluidos esses que nem sempre são aprazíveis ou facilmente suportáveis pela sensibilidade feminina".

Como vimos, no capítulo sobre fecundação, o espírito reencarnante trazendo a própria potencialidade sexual (masculina ou feminina), antes mesmo de se instalar no ovo, influenciou o óvulo no sentido de atrair e conduzir, com equilíbrio e precisão, o espermatozóide mais credenciado à formação do sexo do futuro ser, quer seja masculino (espermatozóide Y), quer feminino (espermatozóide X). Nesta ordem de idéias, se compreendem e explicam com lógica, as formações sexuais intermediárias, com todas as variedades existentes, quando o próprio espírito reencarnante se encontra em estado patológico, em evidente desarmonia, porquanto, as suas condições mais Íntimas serão transportadas na construção orgânica, apesar da variedade de espermatozóide que foi atraído pelo óvulo.

Nicola Pende, eminente biólogo, está ao lado das idéias palingenéticas, embora não aborde o mecanismo biológico e sim o conceito filosófico da questão, condiz: " .. está mais de acordo com os maravilhosos fenômenos da embriogênese humana e com a mesma doutrina tomista da alma intelectual única vivificadora de todo o corpo - vale dizer que a alma se une ao corpo, no mesmo momento da concepção".

Impelido o espírito ao processo reencarnatório, uma redução se observaria em seu tamanho, pela lenta absorção de sua veste perispiritual ou psicossômica. As camadas internas espirituais, naturalmente pelas condições dimensionais mais evoluídas, não obedeceriam a esta redução, porquanto, sabemos que são elementos energéticos próprios de dimensões superiores, não ocupando espaço; este realmente será ocupado pelo psicossoma, exclusivamente por ser o esqueleto energético fixador do organismo físico. Assim, a redução espiritual observa-se no psicossoma ou capas vibratórias do espírito, que se retraem por concentração com diminuição dos espaços intermoleculares, que lhes são próprios, ocupando em extensão a região do útero materno, para liderar a construção do organismo que aí se fixa por determinado tempo. "Unido à matriz geradora do santuário materno, em busca de nova forma, o perispírito sofre a influência de fortes correntes eletromagnéticas, que lhe impõem a redução automática. Constituído à base de princípios químicos semelhantes, em suas propriedades, ao hidrogênio, a se expressarem através de moléculas significativamente distanciadas umas das outras, quando ligado ao centro genésico feminino experimenta expressiva contração, à maneira do indumento de carne sob carga elétrica de elevado poder. Observa-se, então, a redução volumétrica do veículo sutil pela diminuição dos espaços inter-moleculares. Toda matéria que não serve ao trabalho fundamental de refundição da forma é devolvida ao plano etereal, oferecendo-nos o perispírito um aspecto de desgaste ou de maior fluidez". André Luiz.

Explique-se que, o espírito ocupando, em tamanho, o útero grávido, pela redução do psicossoma, determinados núcleos em potenciação absorveriam parte das energias obrigatoriamente cedidas pela concentração, retendo as qualidades dessa energia psicossômica e usando-a na elaboração de um novo psicossoma. Este harmonizaria e transmitiria as influências das camadas energéticas centrais do espírito ao organismo que está sendo construído, no útero, à custa da herança biológica de determinado espermatozóide com determinado óvulo. Dessa maneira, as energias concentradas do psicossoma como que se misturariam e

representariam uma única zona vibratória; só se modificaria e apresentaria caracteres próprios, à medida que se fosse desenvolvendo ao lado do novo corpo que influencia e indiretamente comanda.

Assim, o novo psicossoma possuiria suficiente energia para a construção de um novo vestiário, que à maneira de um ímã vai aglutinando as unidades físicas; entretanto, ficou, em determinados núcleos em potenciação, a dinâmica do antigo psicossoma na intimidade do EU. Isso daria possibilidade aos espíritos mais categorizados de poderem apresentar-se com capa psicossômica variável de uma de suas etapas palingenéticas.

O crescimento do produto de fecundação - o embrião - acompanharia a expansão e crescimento do psicossoma que traz sempre em suas expansões terminais (genes cromossômicos), as sugestões originadas na zona dos núcleos em potenciação. A medida que o psicossoma se expande, também iria se fixando melhor em numerosos pontos do organismo físico que lhe obedeceria as diretrizes.

No processo da reencarnação quando o espírito inicia a sintonização com a matéria, iria também, preparando seu campo de recepção; haveria o que poderíamos chamar interpenetração de dimensões, com enxertia mental para o lado da organização feminina. A matéria pela sua própria emissão energética se lançaria para a dimensão-tempo (quarta dimensão) e o espírito sintonizaria da sua dimensão-consciência (quinta dimensão) a 4ª dimensão, em busca de um novo terreno para recompletar as suas necessidades reconstrutivas, isto é, renovadoras. Desse modo, a mulher grávida acolhe a atmosfera espiritual da Individualidade reencarnante, suportando as distonias quando se trata dum espírito em débito de consciência, ou absorvendo as alegrias e sublimando emoções quando o filho é possuidor de belas qualidades morais e larga evolução. Assim, o campo mental feminino estará invadido, como que hipnotizado, por certo tempo e traduzindo, nessas circunstâncias, dum lado as antipatias súbitas, as extravagâncias, as inesperadas fantasias, o decréscimo de vivacidade mental, até mesmo as psicoses temporárias, e do outro lado, indizível felicidade e sensação de um profundo bem-estar.

As energias dos núcleos em potenciação, como vimos acima, variam de acordo com a evolução espiritual. Desse modo, terá que haver, num processo tão complexo como é o da palingênese, algumas variações e dissonâncias do mecanismo geral. Todas as entidades que se encontram avançadas na evolução como unidades energéticas mais categorizadas, terão possibilidades acentuadas de erossão, penetração e controle das energias; menos evoluídas (que menos evoluídas que a cercam, do ambiente em que militam. Não acontecendo o mesmo aos espíritos involuídos, com suas irradiações densas, geralmente de caráter destrutivo e ainda nas esferas animais, jamais conseguindo influenciar os ciclos superiores; muito ao contrário, são influenciados por estes, mesmo contra a vontade (liberdade limitada). O que não seria se um ente atrasado, sem compreensão da harmonia cósmica, pudesse intervir indiscriminadamente nos fenômenos universais? A Lei é de uma indefinível precisão do particular ao coletivo, espraiando-se por todo o infinito em bases seguras e ordenadas.

Os espíritos pouco evoluídos que chegando a condição reencarnatória, pela neutralização energética dos núcleos em potenciação, começariam a apresentar uma diminuição nos seus movimentos e atividades. A volição, variando com a evolução da entidade espiritual, dum modo geral, nos espíritos inferiores, será naturalmente reduzida. Durante o período reencarnatório a volição praticamente desaparece, entrando o espírito, aos poucos, numa fase ele torpor que coincidiria

com a redução do psicossoma, chegando ao termo máximo de obnublação de "consciência" quando a reencarnação está encaminhada e praticamente definida; quanto maior for o tempo do processo reencarnatório mais prolongado deverá ser o estado de torpor com obnublação do "estado consciente" .

A diminuição das atividades espirituais, ausência completa de volição, presença do estado de torpor e sintonia com o psicossoma materno ao nível do disco genésico, traduziriam desencadeamento do processo reencarnatório.

Com o mecanismo de atração recíproca - dum lado o espírito (pólo positivo) penetrante, do outro lado a matéria (pólo negativo) receptora -- a vida que equilibra e caminha na rota que a evolução traçou. Naturalmente que o elemento positivo, embora influenciado pelo negativo, não deixa de ser o elemento diretor. O princípio espiritual domina integralmente toda a cadeia de reações que se desenvolvem por ocasião do fenômeno palingenético.

Quando as afinidades entre matéria e espírito se definem, e os laços vibratórios se acham intimamente ligados, de modo a não mais se desfazerem, o psicossoma completaria a sua redução com perda de "consciência" do todo espiritual. A redução espiritual seria um fenômeno de concentração exclusivamente, não havendo gastos ou perdas. Parte das vibrações da zona periférica do espírito (perispírito ou psicossoma), como já referimos, seriam absorvidas pelos seus respectivos núcleos em potenciação, que passam a reter, em potencialidade, todas possibilidades energéticas do psicossoma em dissolução.

Ficaria, assim, o conjunto espiritual reduzido ao tamanho do útero em início de gravidez, de cujas zonas mais periféricas tomaria nascimento o novo psicossoma, que necessitaria de tempo igual àquele gasto para conclusão do organismo físico. É preciso esclarecer que a contração energética-espiritual representaria renovação, e, como tal, as novas potencialidades psicossômicas seriam bem maiores que as anteriores, explicando, destarte, o impulso no mecanismo evolutivo. A palingênese, como todo fenômeno renovador, sempre se daria em posições mais avançadas que o ciclo precedente; no caso em apreço, o espírito sempre grangearia novas potencialidades e experiências do estágio anterior, pela herança dos caracteres adquiridos.

Nesta situação o produto da fecundação - o ovo - perfeitamente nidado na mucosa uterina, teria a complexa fenomenologia ontogenética ligada diretamente ao Espírito, Princípio Vital, que sulcaria na matéria todas as possibilidades filogenéticas de que é portador, possibilidades adquiridas pelas experiências sem conta através dos evos, e fixadas nessas úteis e necessárias repetições.

Durante a morfogênese do embrião, as emanções espirituais que dirigem este processo podem sofrer pequenas oscilações da própria dimensão em que militam, para melhor ou pior, como se fossem, no caso da matéria, as oscilações químicas dependentes do meio. Daí a importância do comportamento psíquico de quem alberga o ser reencarnante, mormente por todo o tempo da embriogênese, mantendo harmonia de pensamentos, explorando virtude, acalentando posições morais construtivas, que fatalmente irão influenciar, positivamente, esse importante mecanismo biológico. A própria herança física, a vida humana resultante dos cromossomos paterno e materno, não constitui por si só a expressão de conflitos biológicos, como asseveram alguns fisiologistas; porém o resultado da cooperação da mente materna, ao lado do espírito reencarnante, provocariam, dentro de precisas leis, a movimentação das necessárias forças orgânicas.

No ingresso reencarnatório, após a perda total de "consciência", o espírito recordaria automaticamente as experiências por que passou nos caminhos da

evolução: essas experiências são perfeitamente gravadas no ovo, nos primeiros dias da vida intrauterina. com o aparecimento das nuances da evolução filogenética. O organismo mais aperfeiçoado teve na ameba seu início; nas fases embriológicas sucessivas não difere da formação do réptil e da ave; entretanto, a responsabilidade pela diferenciação morfológica estaria no valor energético do espírito - a ontogênese repete a filogênese.

Fato semelhante observa-se no momento da morte física, onde o processo de cadaverização determinaria verdadeira histogênese espiritual, gravando nas recentes unidades energéticas organizadas do psicossoma as lembranças dos acontecimentos de toda a vida, memorizadas em tempo relativamente curto. Fatos de tal quilate tem sido comprovados pelo relato de pessoas que sofreram desastres sem conseqüências graves, nos suicídios e acidentes frustrados, onde se dá verdadeira síntese mental das experiências, em espaço de tempo muito reduzido.

Assim, os ciclos de evolução, nascimento e morte na matéria, deixam transparecer as diretrizes de um processo biológico, onde as unidades celulares físicas ou psicossômicas, respectivamente reencarnação e desencarnação, são lapidadas, magneticamente, pelo expressivo mecanismo renovador. Desse modo, pode explicar-se a ausência de um ciclo fechado ou vicioso na evolução; e sim a existência de uma espiral sempre aberta em busca das infinitas dimensões ...

Nos espíritos que vivem ainda nas raias da animalidade, o processo reencarnatório apresentaria o detalhe de que a redução do conjunto espiritual atinge o seu máximo, não se limitando, em espaço, ao tamanho do útero, e sim às dimensões microscópicas para acasalamento no núcleo da célula-ovo, a fim de lá marcarem, no terreno físico, as condições que favorecem a própria evolução. Anote-se que por causa de a redução espiritual alcançar limites microscópicos, isso determinaria, em grau mais acentuado, uma espécie de diminuição das energias espirituais e ligeiro adormecimento dos vórtices dinâmicos, que seriam aos poucos despertados pelo auxílio da mente materna, até que esses vórtices ou núcleos em potenciação da zona espiritual emitam convenientemente as energias responsáveis pela morfogênese.

A aspiração desses espíritos mais involuídos seria ressurgir constantemente na carne, cujas manifestações constituiriam seu maior atrativo por necessidade evolutiva, transformando-se num verdadeiro monoideísmo, neutralizando quase totalmente outras emoções; dessa forma, fecha-se o espírito com pensamento fixo auto-hipnotizante ("estado letárgico") num monoideísmo que só será reversível quando outros estímulos o despertarem de seu retraimento e atrofia do circuito fechado em que se encontra; o cadinho ovular, quando reclama e atrai energias apropriadas para seu desenvolvimento, ofereceria esses estímulos.

O psicossoma por sua organização energética atuando, portanto, em dimensões acima da dimensão-espaço - apresentaria plasticidade muito grande em comparação com outras energias mais comuns. Desse modo, a redução da organização psicossômica no processo reencarnatório seria compreensível e mais ainda: a absorção das qualidades de sua energética, pelos núcleos em potenciação, levaria suas energias a outras dimensões menos densas, com o afastamento cada vez maior da dimensão-espaço. Isto nos daria a compreensão da possibilidade de contenção e localização de todo potencial espiritual no núcleo de uma célula. Logo, a redução espiritual, que se observaria em dimensões microscópicas não deve ser considerado um absurdo, pois sabemos que as energias se encontram em outras dimensões, além da dimensão-espaço conhecida. No caso de essa energia vital ocupar o núcleo celular, não haveria propriamente enchimento de espaço, e sim

local de manifestação de dimensões superiores, por intermédio de suas energias neste ponto, onde despertaria de modo ordenado a matéria, invólucro do verdadeiro ser.

Nos espíritos mais evoluídos, que também tem suas oportunidades reencarnatórias, estas divergiriam um pouco, quanto às fases, mas não quanto ao mecanismo, que seria o mesmo em sua essência. Um espírito desta categoria teria conhecimento preciso da época em que deve reencarnar e por isso mesmo, na maioria das vezes, escolheria sua tarefa por ter qualidades para tal fim, isto é, o prêmio da liberdade, tanto maior quanto maior for a evolução do ser. Os espíritos evoluídos jamais contrariam a Lei, jamais quebram sua harmonia; muito ao contrário, são operários de boa-vontade do trabalho universal.

Como já vimos, a necessidade reencarnatória, como condição de evolução, anuncia-se por uma série de sintomas, mais fulminantes e acentuados dos involuídos. Nos evoluídos as fases sucedem-se naturalmente sem tempestades. A incapacidade cada vez maior, dos núcleos em potenciação para absorverem, do ambiente em que se acham, as energias necessárias às suas condições vitais, determinaria uma diminuição de atividades do espírito, sendo que os movimentos volitivos seriam os primeiros a ser atingidos com o processo de neutralização. Nesse momento, o espírito já se acharia sintonizando com a matéria que se prontificou a abrigá-la; a sintonização se iria estreitando, de modo sempre crescente, até que os laços não mais se dissolverão. E nesta situação, ainda afastado da matéria, do útero que abriga o ovo, emitiria suas energias diretivas sem necessidade de penetrar desde já a atmosfera uterina.

Até o momento só haveria diminuição dos movimentos volitivos, nada acontecendo para o lado do "estado consciencial", a não ser no máximo, pequeno estado de torpor. O "estado consciencial" do espírito influiria grandemente no desenrolar do processo palingenético, a ponto do encadeamento do processo ser grandemente facilitado, quando houver colaboração "consciente" do próprio EU reencarnante.

Entre o 4° e 5° mês de vida intrauterina é que o espírito começaria a entrar em "estado de semicidência", atingindo, em curto tempo, a total inconsciência. Logo a seguir, o fenômeno redutivo do psicossoma se esboçaria com características semelhantes às dos espíritos pouco evoluídos. A redução espiritual seria tanto maior quanto mais involuído fosse o espírito, e tanto menor quanto mais evoluído. O espírito reencarnante, pela variabilidade do processo palingenético, poderia acasalar-se no núcleo da célula-ovo, ocupar os limites do útero ou maiores extensões. Em qualquer destas condições o conjunto energético espiritual, entre o 4° e 5° mês da vida intra-uterina estaria acasalado na zona da futura glândula pineal, embora suas expansões energéticas ou psicossoma atingissem e acompanhassem o tamanho do útero por todo tempo de gestação.

É justamente entre o 4° e 5° mês de vida intra-uterina do embrião humano que a glândula pineal apresenta um esboço, contendo células, elementos de sustentação e vasos, alcançando cerca de 2mm de tamanho. Seu desenvolvimento ainda não está completo, lembrando o olho pineal de certos lacertídeos, confirmando na ontogênese a repetição da filogênese. O aspecto glandular, embora primitivo, segundo Globus e Gilbert, desenha-se em volta do 5° 1/2 mês. Apenas no 6° 1/2 mês, em média, é que as massas celulares, dispostas em cordão, adquirem uma arquitetura de mosaico característica do estado pré-natal. A diferenciação continua à medida que a histogênese avança, e nos últimos dias de vida fetal e primeiros da vida extrauterina aparecem alterações da mais alta importância

histológica. Após o nascimento, vinte dias depois, a disposição celular, não apresentando mais aspecto hemorrágico próprio do recém-nato, dá ao órgão verdadeira fisionomia glandular.

A evolução da pineal progride, como também o processo de acasalamento do conjunto energético-espiritual que impulsionaria, na glândula em questão, com sutil energética, os diversos e necessários estados mentais onde os mecanismos de reflexão, meditação, do pensamento e do discernimento se vão ampliando, cada vez mais, na linha evolutiva do homem. As modificações, que se seguem, da glândula pineal, são perfeitamente observadas até os dois anos de idade. Daí por diante, os processos evolutivos são lentos, imperceptíveis, alcançando, aos seis anos, a estrutura definitiva. É também neste período, entre o 6° e 7° ano de idade, que a reencarnação poderia ser considerada como definitiva e concluída, pois a energética-espiritual que "habita" a glândula pineal deverá passar por uma série de fenômenos adaptativos, até que consiga manter-se em perfeito equilíbrio, em face da área que o sustenta.

Nas vizinhanças do 7° ano de vida física, as zonas periféricas do psicossoma devem encontrar-se perfeitamente aderidas às células que influenciam, principalmente do sistema nervoso, embora deixando escapar pontos energéticos que se lançam e se perdem na corrente circulatória, zona de revolvimento das correntes vitais. É também neste período, que o organismo físico preside e dirige a formação dos elementos sanguíneos em bases mais fixas e seguras.

A glândula pineal desde o início de sua formação está ligada ao departamento sexual e deve, na fase embrionária, fixar condições que lhe permitam participar da organização perispirítual; essas funções, ligadas ao sexo (personalidade) e ao psicossoma (individualidade), possibilitariam ser a glândula pineal a mais alta estrutura do corpo físico. Com isso, interviria no acordar da puberdade, ao tempo em que laboraria suas altas funções psíquicas a se expandirem pela zona consciencial. Extraia-se a pineal de um ente humano e teremos um idiota, sem vontade, sem personalidade, sem equilíbrio e sem função sexual; a falta da pineal atinge a totalidade do soma e impossibilitaria a manifestação espiritual.

Por tudo, a pineal seria o médium do EU (espírito) para a Personalidade (corpo físico) - um verdadeiro filtro de energias. Daí a sua grande participação na fenomenologia mediúnica.

Pela descrição, percebemos a diferença existente entre os espíritos involuídos e evoluídos, quanto a reencarnação. Lembramos igualmente que entre os graus extremos de espiritualidade (involuídos e evoluídos), existiria uma série quase interminável de nuances reencarnatórias com pequenas variações do mecanismo central. Linhas atrás, mostramos que o processo reencarnatório dos involuídos se caracterizava pela redução da energia espiritual, até mesmo a limites microscópicos, seguindo-se o respectivo acasalamento energético no núcleo da célula-ovo que, por sua vez, passaria a dirigir os fenômenos que sucedem a fecundação. O acasalamento do espírito reencarnante se iria dando à medida que as emanções energéticas dos núcleos em potenciação se iriam fixando nos respectivos genes cromossômiais afins, do núcleo da célula-ovo (cromossomos paterno e materno). Porém, quando o esboço pineal começa a desenhar-se, grande parte das energias espirituais propulsoras da ontogênese lá já se achariam instaladas, pois a pineal se formaria em torno desses centros e as fases embriológicas posteriores obedeceriam-lhes cegamente, reconhecendo suas altas e poderosas qualidades diretivas.

Até que o homem atinja alta espiritualidade e se desligue desse orbe para outros destinos, terá que sofrer periodicamente, de acordo com as imutáveis leis cósmicas, o processo renovador e lógico da reencarnação. Seu espírito utilizará o instrumento adequado, o corpo, terá suas engrenagens, seus automatismos mecânicos, como também, os diversos reflexos sujeitos às múltiplas influências externas do meio, mas sempre dirigido e orientado pela Energética Espiritual.

Desse modo, podemos traduzir o fenômeno palingenético como variável e de acordo com cada espírito reencarnante, pois as oscilações são imensas e variáveis para cada caso. Como não existe uma "morte" do organismo físico, igual para os seres, não existiria, igualmente, fixidez no processo reencarnatório para o espírito. O mecanismo geral pode assemelhar-se, porém os detalhes particulares são tão infinitos quanto a potencialidade cósmica que acoberta e protege os fenômenos da vida.

A apresentação do mecanismo palingenético, em nossa descrição, corresponderia a uma leve pincelada do fenômeno, desconhecido quase que integralmente em suas fases reais. Devem intervir miríades de fatores sutis diretamente ligados às Organizações Espirituais encarregadas da direção dos fenômenos em questão, melhorando tendências, fornecendo melhores possibilidades energéticas em face das energias decadentes de espíritos faltosos, no sentido de maior equilíbrio e adaptação ao mecanismo evolutivo.

São muito expressivas as palavras ubaldianas em A Grande Síntese: "... não poder existir senão ao preço de uma renovação contínua, significa ter que marchar dia a dia pela grande estrada da evolução. Vós vos apegais à forma; credes que sois matéria e quereríeis paralisar este maravilhoso momento; para prolongardes a ilusão de um dia, desejaríeis fazer parar a marcha maravilhosa. Mas, além da juventude do corpo, possuíis a inexaurível e eterna juventude de uma vida maior do que a terrestre, na qual sois indestrutíveis, eternamente novos e progressivos. Sede, jovens não no corpo caduco, mas no espírito eterno; não vos ponhais a considerar o alvorecer e o crepúsculo de um dia, porque todo o pôr do sol prepara nova aurora. É lógica, simplíssima, evidente, a lei de equilíbrio, pela qual, assim como tudo o que nasce morre, também tudo o que morre terá que renascer" .

O conjunto energético (espírito) encontraria na glândula pineal o material adequado para o seu acasalamento. Este seria perfeito, pois a energia espiritual é quem modelaria a glândula e faria da mesma o seu casulo, uma estação receptora. O processo do acasalamento não deve dar-se diretamente na porção material da glândula; deve haver um entrosamento energético com as expressões vibratórias do novo psicossoma que se está definindo, com as emanções energéticas naturais da matéria, sua consequência.

O espírito, ao se acasalar, equilibraria-se em campos de forças com influência mútua: a matéria determinando por intermédio de suas forças densas, espécies de polarização do campo eletro-psíquico (dimensão ciência); este sustentando diretamente a organização das forças eletro-biológicas (dimensão-tempo). Assim, as camadas do espírito se expressariam na dimensão-consciência e as camadas mais superficiais do psicossoma encontrariam-se, praticamente, na dimensão-tempo.

A porção interna da pineal, como toda matéria que é consequência da energia, emitiria vibrações que se encontram com aquelas da zona espiritual. Desse modo, existiria uma faixa vibratória na pineal, que seria justamente o ponto de encontro das suas emissões energéticas, que aí se interpenetrariam, havendo como que uma verdadeira engrenagem e conseqüente fixação com aprisionamento do

conjunto espiritual. Em outros termos: a energia se vem degradando, concentrando-se, condensando-se e finalmente transforma-se na matéria; esta seria a natural continuação do processo de concentração energética. Desse modo, o entrosamento de que falamos o foi com finalidade de delimitar matéria e energia no todo orgânico. As demais fixações energéticas do psicossoma no organismo físico em formação, por sua vez, contribuiriam para melhor ajuste do acasalamento do espírito na glândula pineal. Logo, o aprisionamento do conjunto espiritual no setor pineal não quer dizer que não possa expandir-se e projetar-se em sua própria dimensão; a glândula pineal seria o ponto de "existência do espírito", a fonte central do EU.

A nosso ver, é nesta faixa vibratória, na glândula pineal e nos diversos pontos de encontro das energias do psicossoma com o organismo físico, nesta "zona de encontro", de energias diferentes, onde se observariam os choques vibratórios do espírito e da matéria, que teria origem no organismo parte das sugestões e das influências para a conduta humana, estabelecendo diretrizes para a personalidade. As influências poderiam ser, mais ou menos material ou espiritual, conforme a evolução do indivíduo, havendo como que maior exteriorização da herança física ou espiritual. Não estaria esta zona de entrosamento de energias influenciando as sugestões do livre arbítrio? Não determinaria este encontro de energias uma parede, um verdadeiro véu na psique, onde as atividades de vidas passadas esbarrassem, sem conseguirem exteriorização na zona consciente do momento?

A medida que o homem se vai firmando na escala dos seres vivos, seu arcabouço externo ou corpo físico representaria a conseqüência e o reflexo do vórtice dinâmico de seu próprio espírito. Seria como que a condensação máxima das influências dinâmicas que, tendo origem num centro apurado de energias criativas, iria sofrendo condensações, verdadeiras mudanças de dimensão, do mais quintessenciado ao mais condensado. Dum lado, o espírito com suas emissões e do outro, o corpo físico; entre o espírito e a matéria os diversos estados intermediários necessários às ligações, sem mudanças rápidas de estágio dimensional da substância.

Desse modo, possuiria o espírito uma série de envoltórios, verdadeiras coberturas, que se iriam adensando à medida que fossem chegando à periferia ou corpo físico, onde estaria a tela comum das manifestações; local onde as experiências da vida seriam mais intensas e necessárias ao espírito que se encontra em fase construtiva. Nesta zona, o espírito absorveria de tudo, inclusive as dores na obra reconstrutiva de si mesmo.

Todos esses envoltórios seriam zonas dimensionais diferentes, traduzindo zonas protetoras, filtros equilibradores das energias espirituais, e, ao mesmo tempo, representariam véus, paredes obstrutivas a determinadas manifestações de ordem interna não permitindo o devido registro pela zona consciencial de nossas atividades comuns de encarnados.

O envoltório dinâmico mais periférico, em relação direta com as células do corpo físico, teria possibilidades de transmutações e reconstruções, quando da perda do corpo físico pela morte do indivíduo, como equilíbrio energético da nova dimensão de vida espiritual; assim, também, possibilitaria as necessárias e naturais modificações quando da volta do espírito ao corpo físico. Esta zona de energética periférica, com aspecto transmutativo comum, nos processos reencarnatórios e desencarnatórios, representaria um verdadeiro VÉU OBSTRUTIVO que não deixaria passar as correntes dinâmicas profundas (zonas profundas do

inconsciente ou espírito), sede dos arquivos da alma, senão sob forma velada de tendências, instintos, aptidões e outras potencialidades afins.

As janelas da alma jamais estariam escancaradas a revelar o passado, quase sempre carregado de erros, incongruências e animalidades. Para se construir e neutralizarem as potencialidades negativas do espírito, será necessário o esquecimento do fardo atormentador das vidas pregressas. Somente o processo reencarnatório, das renovações periódicas da Personalidade ou corpo físico, com o apagamento temporário do pretérito, poderá oferecer as condições que concorrem para um velamento maior da alma que, no mergulho da condensação que esconde sua luz, procura, nos atritos do meio, as experiências, o trabalho variável e multiface, tudo cercado pela dor com todos os seus matizes, a ensinar e ampliar as condições reais de evolução.

Os diversos envoltórios dinâmicos do Espírito teriam que ser variáveis em constituição e densificação, em face da evolução espiritual de cada um. Quanto mais involuído fosse um espírito, mesmo fora do campo físico, não teria condições de percepção de suas atividades mais íntimas, pelas densas coberturas que ainda o envolvem, limitando seus horizontes perceptíveis. Somente a evolução, por um processo de rarefação dos envoltórios dinâmicos do espírito (perda de "peso" com respectiva iluminação), poderia fornecer as condições de libertação e ampliação das percepções, porquanto maior campo de atividades não pode nem deve ser manuseado pelos insensatos e incapazes.

O mergulho na carne, mesmo de espíritos mais evoluídos, constituiria sempre uma limitação, onde determinados setores da zona consciente seriam sempre fustigados pelas tendências mais íntimas da energética espiritual, como necessidade" construtivas de zonas interiores ainda carentes. A construção pela experiência, trabalho ou dor, dar-se-ia sempre com desconhecimento real dos fatos pregressos. Esse desconhecimento se daria pela existência dos véus ou envoltórios, em que as energias do psiquismo profundo vão esbarrando ao atravessarem, antes de chegar ao corpo físico, as diversas dimensões que constituem a proporção intermediária - o psicossoma ou perispírito"

Todo esse mecanismo envolvente, ao criar maneiras ou véus que favorecem o esquecimento temporário, constitui um bem, uma necessidade, e do mais alto alcance psicológico. O conhecimento dos erros, a lembrança dos fatos e realidades alicerçadas no mal, ao lado dos contingentes de vaidade e orgulho, seria um empeco natural ao processo e ao avanço. Quantas vezes, pequenos fatos que nos causam certo asco, representam verdadeiros impedimentos às realizações, aos avanços, à construção do próprio ser; o que não seria, se tivéssemos conhecimento de todo o nosso passado milenar, onde as incongruências, animalidades e crimes são a condição corriqueira e habitual? Que tipo de reações teríamos ao tomarmos conhecimento dos perseguidores, inquisidores e destruidores de toda ordem, renascidos no ciclo sagrado da família com finalidade de neutralização das desarmonias pregressas?

O desconhecimento de um passado, quase sempre delituoso, representa um bem para a conquista; a neutralização de qualidades negativas, como também, o acervo de experiências, são processos lentos e demorados que quase nada representam em face da eternidade. Pederíamos mesmo asseverar que o esquecimento das vidas pregressas do reencarnado seria a maior das perfeições do mecanismo palingenético: determinada existência representa um estágio de trabalho, que não deve ser maculado com lembranças negativas, quase sempre deprimentes. Aquele que por acaso conseguisse a lembrança integral da maioria de

suas vivências, sem um preparo ou condição apropriada, sofreria, inevitavelmente, um vórtice demolidor e asfixiante nos centros emocionais do EU; em determinada etapa palingenética, numerosos indivíduos não suportam sequer os problemas que a vida propicia, as investidas e ataques de seus semelhantes, apresentando, como consequência, quadros neuróticos e tantas outras coisas mais, como mecanismo de defesa; que pensar desses mesmos indivíduos com múltiplos vórtices energéticos atuantes de outras vivências?

O espírito que ocupou determinada matéria, com ela procura equilibrar-se no cumprimento das finalidades que a Lei impõe. No entanto, existem casos em que o desequilíbrio pode instalar-se acarretando as consequências mais variadas. O desequilíbrio pode dar-se em qualquer época, sendo mais comum durante o período gestativo; ainda mais, pode ter origem na zona material propriamente dita, na espiritual ou em ambas ao mesmo tempo. Esse desequilíbrio pode ter fenomenologia acentuada, dando como consequência máxima o aborto, que é a destruição do produto de procriação e o sofrimento temporário para a energia espiritual. Há fortes possibilidades de se pensar e admitir que os pensamentos maternos destrutivos, nutrindo a idéia da "gravidez incômoda", pode colaborar no desajuste vibratório e expulsão do espírito reencarnante pela desimplantação do ovo.

Existiriam casos mais raros em que, apesar da fecundação, a reencarnação não se faria, o processo não se definiria com suas respectivas fases; o resultado disto é que o ovo poderia progredir tão-somente pelas energia trazidas pelo espermatozóide e óvulo e psiquismo materno, mas, chegaria um momento, variável de acordo com a constituição do embrião, que este não mais suportaria a ausência do elemento energético-diretor, e destruiria-se pela inevitável desorganização histofisiológica. Geralmente, esses casos seriam observados em virtude da ansiedade materna de ter um filho; não havendo elemento espiritual reencarnante a formação fetal obedeceria exclusivamente aos moldes maternos, altamente excitados pela vontade e ansiedade, embora, após certo prazo, não fosse possível a continuidade do processo pela ausência da energia espiritual orientadora.

Poderiam acontecer coisas mais complexas, em que mais de um espírito penetraria o mesmo ovo. O resultado lógico é que o ovo, sendo influenciado por dois elementos energéticos diferentes, se divide em duas zonas, dois produtos procríticos, conseqüentemente, dois elementos parecidos por serem do mesmo ovo (gêmeos univitelinos). Quando os gêmeos são diferentes, inclusive no sexo, é porque houve fecundação de dois óvulos, com penetração de dois espíritos.

Luxemburg e Lange, fazendo investigações sobre psicoses esquizofrênicas nos gêmeos univitelinos, concluíram pela diversidade de apresentação dos aspectos clínicos da doença, quando não havia o caso de um dos gêmeos, somente, apresentar-se doente. Por esse e outros motivos conclui-se a existência da Individualidade, do EU, com suas próprias qualidades e tendências, apesar do terreno biológico idêntico. Se não existisse o elemento espiritual encaminhando e dirigindo a fenomenologia biológica, definindo o EU de cada ser, os gêmeos univitelinos apresentariam identidade em tudo, inclusive de doenças congênicas.

O espírito que por motivos diversos não conseguisse vencer a reencarnação após o desenvolvimento do processo, aguardaria nova oportunidade, embora com "estado de consciência" reduzido, como se fora um encarnado em plena senectude cercado de deficiências e dificuldades orgânicas de toda ordem, caminhando inexoravelmente para a morte do corpo, como o desencarnado para a morte (aparente) do espírito.

As células somáticas num organismo concluído (após o nascimento), como já sabemos, sofreriam a influência do centro espiritual, porém possuiriam em sua matéria nuclear, nos seus cromossomos, um substrato energético que lhe é próprio. Esse substrato energético teria sua origem nas energias cromossômicas trazidas pelas células genésicas, espermatozóide e óvulo. Com o aparecimento do espírito reencarnante após a fecundação, e por ser, ao mesmo tempo, um centro energético mais potente do que aqueles vindos dos gametas, tomaria em seu ciclo as energias dos pro-núcleos, masculino e feminino; desse modo, as energias do centro espiritual e dos gametas se associariam. O ciclo maior dita ao menor a sua linha de conduta e arrasta-o para planos superiores. Tinha profundas razões Bergson, quando afirmava, filosoficamente, que um ser inteligente leva consigo o necessário para se ultrapassar.

Assim, os núcleos em potenciação da energia espiritual, praticamente contidos na glândula pineal, influenciariam, de longe, todos os cromossomos das células somáticas e sexuais por intermédio das extensões psicossômicas. As ligações com as células sexuais seriam muito mais estreitas e precisas do que as somáticas, devido à necessidade de melhor impressão e correta influência energética nos genes cromossômicos da herança. É bem possível que as ligações das energias dos núcleos em potenciação com as células sexuais tenham, além das coligações psicossômicas, um estreitamento maior por intermédio das células altamente pigmentadas da pineal - os melanócitos; os pigmentos dessas células seriam pontos de chegada de fortes impactos das energias dos núcleos em potenciação, daí, no terreno físico, influenciariam as células genésicas. Esta hipótese seria amparada pelas estreitas relações fisiológicas que a glândula pineal mantém com as gônadas.

As células do embrião, à medida que vão sofrendo o processo de divisão, carregam os seus respectivos núcleos, isto é, o material cromossômico, de potencial energético combinado - paterno e materno, criando suas próprias individualidades, que apesar disso, jamais destoaria do centro energético principal - Centro Vital -, que reconheceria e saberia as necessidades reais e a rota a ser percorrida na ontogênese. A vida, conforme afirma Dr. Baraduc, "não é uma função química dum órgão, tampouco um agrupamento de funções; é um princípio inteligente na plenitude de seus movimentos próprios, constituindo condensações de forças vitais em sistemas orgânicos materiais que cria, conserva e destrói".

As células fora do conjunto orgânico, nas culturas celulares "in vitro", modificam-se de modo acentuado, quanto ao seu comportamento, desorientando-se por falta, justamente, do princípio condutor e unificador. Nas células cultivadas artificialmente, observa-se perfeitamente o desenrolar de certas reações individuais, sem desequilíbrio, como a respiração, a digestão, as trocas metabólicas, etc, por estarem sob a égide do potencial energético dos próprios cromossomos. No entanto, o crescimento da colônia, a vida em conjunto, é desordenada, sem equilíbrio, com tendência a destruição; na melhor das hipóteses, observa-se uma espécie de "desejo" da célula de separatismo do meio em que se encontra, pela exteriorização de antigos impulsos, atributos de condições naturais da morfologia amebóide. Tudo pela falta de um princípio equilibrador.

Tentar responsabilizar os elementos químicos da organização física pela direção dos mais altos fenômenos vitais é agir puerilmente e com pouco senso. Substâncias proteicas em síntese não representam vida e sim o princípio que as unifica. A vida real não está na multiplicidade dos fenômenos orgânicos e sim na energética que os dirige. O desenvolvimento das formas é a última conseqüência do centro vital que as burila. Hodiernamente, necessitamos trocar a biologia das

formas por uma biologia de substância. Devemos dar importância, não ao orgânico mutável, mas à essência perene; não, ao que desaparece, mas ao que permanece.

Karl Jung, em face da complexidade que a vida representa, disse: "A plenitude da vida exige algo mais que um ser; necessita de um espírito, isto é, um complexo independente e superior, único capaz de chamar a vida todas as possibilidades psíquicas que a consciência - Ego - não poderá alcançar por si".

Todas as células do organismo humano trariam em sua intimidade, além dos caracteres energéticos paternos e maternos, vindos através dos gametas, também os dos núcleos em potenciação do conjunto espiritual reencarnado. Logo, a herança da personalidade dependeria de duplos fatores: campo energético paterno-materno e campo energético espiritual. Não podemos, de modo algum, dispensar este binômio energético como substrato da matéria, cuja substância é menos evoluída necessitando por isso, de direção. O binômio energético utiliza-se da matéria para seu progresso, ao tempo em que a arrasta para ciclos mais elevados e experiências maiores (evolução) somente a Energia Espiritual Eterna, através das etapas palingenéticas a que está condicionada, seria capaz de sulcar o caminho por onde a evolução se evidencia - Lei universal e inviolável. O processo reencarnatório em si, não seria princípio de regeneração se as próprias imperfeições do espírito não fossem analisadas e repetidas no campo tumultuoso da carne. Isto explica o valor da conquista evolutiva pela regeneração dos atos, costumes e emoções variadas, e bem traduz o dizer de André Luiz: "Se soubermos suar no trabalho honesto não precisaremos suar e chorar no resgate justo".

O organismo físico equilibra-se e harmoniza-se pelo ciclo de energias, que se expressam em correntes aferentes e eferentes. Por intermédio das correntes deste ciclo seriam levadas, ao centro espiritual, todas as realizações desenvolvidas no organismo, pois, verdadeiramente, este é um todo energético com vibrações de variada frequência - umas mais densas, capazes de ferir os conhecidos sentidos humanos, por isso facilmente comprovadas; outras mais tênues, mais elevadas, não evidenciadas pelos processos comuns, por isso negadas. Assim, o primordial foi abandonado pela ciência, ficando em seu lugar o secundário, até que os estudos e pesquisas mais eficientes notifiquem as limitadas possibilidades atuais e as coloquem em sua devida posição. Com as interrelações vibratórias do organismo conseguiria o Princípio Espiritual registrar e recolher em seu âmago, mais precisamente nos núcleos em potenciação, todas as experiências realizadas sem perda de um único valor. Todos os potenciais seriam aproveitados na construção da Individualidade. A aquisição espiritual não tem limites; buscamos sempre novos tipos de consciência.

Eliminar todo esse raciocínio do mecanismo palingenético não só destrói um sistema, mas também a lógica, com a agravante de não termos um substituto à altura. Só começaremos de novo, por outras estradas, quando tivermos provas ao contrário. "Lamentamos aqueles que escravos de suas tendências ancestrais, não podem ou não querem compreender qual o seu nobre e maravilhoso destino" (Laconte de Nouy). As vidas sucessivas, as reencarnações, vão dando experiências ao Espírito que refletirá na matéria toda potencialidade de que é possuidor. O homem não chegaria a alcançar as raias dos primeiros instintos, se a existência material, a personalidade, fosse única. Para que seu grande destino seja alcançado, as lições têm que ser além de repetidas, inúmeras. Como explicar, na criança que morre ainda tão tenra, a finalidade evolutiva, se as vidas na matéria não se repetissem?

A medida que as reencarnações se instalassem, a potencialidade espiritual se expressaria sempre em planos mais altos (mecanismo de evolução). Partindo desde as suas etapas iniciais, morejando nas forças de atração e coesão, ganhando a sensibilidade, adquirindo instinto, incorporando inteligência e por fim, investido de senso moral, o Espírito percorreu um tempo incomensurável, valendo realmente, o que representou ritmo de trabalho. "Vive-se para aprender e só o aprender valoriza o viver. Ora, diz-nos a lógica que, sem reencarnação, a conservação dos maiores valores da vida é impossível, porque lhes falta o fio condutor da evolução. Então, sem reencarnação, perderia o sistema do universo todo o poder de recuperação, para corrigir sua imperfeição, e a dor seria um tormento sem sentido nem objetivo útil" (Ubaldi) .

Capítulo VI - Os alicerces da palingênese

A idéia palingenética que atravessou a humanidade com todos os matizes das respectivas épocas, nos dias de hoje desloca-se francamente da filosofia, em busca dos capítulos da biologia. Acreditamos, mesmo, que esse será o caminho pela necessidade lógica de explicar hoje muitos fenômenos da vida. É claro que essas idéias se estribam nas judiciosas pesquisas e experimentos de Crookes, Mayer, Hodgson, Geley, Scherenk-Notzing, Delanne, Flammarion, Osty, Bozzano e muitos outros. Vilela em seu livro "O destino humano", disse que ". .. a doutrina palingenética tem um poder de síntese tão maravilhoso que equilibra o sentimento e a razão numa harmonia superior. Ela impõe-se ao nosso espírito com a lucidez imperiosa dum axioma e a intuição profunda - visão divina - que o pensamento não sabe modelar, nem a palavra pode traduzir. Essa demonstração encontra-se cada um dentro de si".

A palingênese, pela lógica que encerra, é de grande aceitação nos dias de hoje, quando a compreensão humana atinge horizontes mais amplos. Uma idéia que suporta milênios, e fazendo parte das civilizações mais antigas da terra, e penetrando intelectualidades de elite, tem que possuir em sua essência um estofado de perfeição e poderosos alicerces com algo interessante e real. Isto, seria tão racional, tão pleno de lógica, praticamente respondendo por uma prova dentro do campo filosófico.

A palingênese é assunto tão antigo que as várias civilizações reconheciam-na como verdade, não só nos setores da religião, mas também da filosofia.

Nos papéis dos egípcios as vidas sucessivas representam assunto costumeiro. Nos Upanichads e no Bhagavad Gitã são alicerces do pensamento. Herodoto, em suas descrições, tratava o assunto com familiaridade. Os essênios, os chineses e japoneses, os escandinavos e os germanos, desde que se organizaram como povo, tinham a palingênese como natural e lógica. Na Kabala e no Talmude, a idéia palingenética é baseada em seus conceitos religiosos. No próprio Alcorão e no Evangelho, a palingênese é assunto fartamente divulgado e perfeitamente compreensível. No Evangelho de João existe expressiva passagem (3:3) da visita de Jesus a Nicodemos:

"Não pode ver o reino de Deus, senão aquele que renascer de novo". Mais adiante (3: 7) "Não te maravilhes por eu te dizer: importa-vos nascer outra vez".

Os filósofos gregos de maior envergadura, inclusive a escola pitagórica, tinham a palingênese como verdade e conceito definido, único capaz de elevar as razões filosóficas do destino humano. Em Ovídio e Cícero o fenômeno reencarnatório é ventilado com naturalidade e razão pura.

Os filósofos mais recentes como Hume, Leibnitz, Schelling, Schopenhauer, escritores como Goethe e todos os pensadores que no século passado construíram as bases do espiritualismo, com trabalhos de honesta comprovação, apoiam a palingênese, não só como fenômeno aceitável, mas, principalmente, como necessidade lógica

O fenômeno palingenético oferece condições que traduzem a evolução como infinita, sem privilégios, de conquista lenta e harmoniosa, sendo a dádiva de todos pelas aquisições adquiridas através os tempos. A palingênese é o único processo que assegura o porquê da imortalidade da alma, a razão da pluralidade das existências e dos mundos com suas imensas formas e moldes evolutivos. Com isso, em nosso planeta, alcança todos os reinos da natureza, com as nuances que lhe são próprias. Do mineral ao vegetal e ao animal, a palingênese é a palavra unificante e

de ordem, única capaz de explicar a razão de ser da vida em seus multifaces aspectos. Disseram com muita justeza que o espírito acorda no mineral, sonha no vegetal, desperta os instintos no animal e adquire razão no hominal.

Somente a palingênese poderia explicar o desequilíbrio e divergência das condições dos nascimentos, com toda a seqüência de fatos sociais que se impõem.

Todo ser será justificado em face das suas próprias obras. As experiências, realizações, emoções positivas ou negativas, faltas, tudo enfim repercutirá no próprio EU. O resultado estará ligado à conduta de cada um e para que a evolução se positive, só o trabalho e esforço tem sentido e significado reais. Não importa como uma bandeira religiosa possa oferecer a salvação; esta representa, exclusivamente, a aquisição de cada um nas realizações e cumprimento de deveres. O aspecto externo, o que aparenta, o que se diz e afirma, nada representa em face do que se faz e do que se constrói e cria.

A desigualdade dos seres só poderá ser explicada como escala evolutiva e todos, sem privilégios nem exceções, passarão pelos mesmos roteiros e oportunidades, não importando a época, porquanto a eternidade não poderá ser medida nem avaliada com a nossa mente finita; só haverá sentido nas obras criadas e realizadas. Quem nada fez, ou trabalhou com potências negativas, continuará rastejando, aguardando as realizações e suplantações de todas as condições do plano onde se encontra. A evolução de cada ser, em busca de um ideal, só poderá existir com a divergência de degraus evolutivos - os que ensinam e administram encontram-se ao lado dos que obedecem; estes, por sua vez, serão os orientadores do porvir.

Da zona espiritual aos neurônios da zona consciencial, portanto dos núcleos em potenciação aos centros cerebrais, existiriam as necessárias informações e influências para que o indivíduo encarnado pudesse desenvolver, no sentido de melhora, os instintos adquiridos e, cada vez mais, ampliar positivamente, por absorção, os seus vórtices espirituais. Apesar de tudo, essa influência interna oriunda do Espírito não daria absolutamente, à zona consciencial, a lembrança de suas atividades. O esquecimento pregresso do encarnado, este bem maior da vida, seria um véu equilibrante evitando as naturais desarmonias se participássemos de outras vivências; nossa atual cerebração não suportaria tamanha carga de emoções impedindo novas construções psicológicas.

Isto porque, no estágio evolutivo de nível inferior em que nos encontramos ainda, este proceder é praticamente um bem, uma proteção, pela nossa capacidade de avaliação dos horizontes e alcances da vida. Todas as atividades têm conseqüências e os esquecimentos temporários determinados pelas vivências nas personalidades, longe de serem interpretados como fator negativo, reforçam e sustentam a moral palingenética.

Vem corroborar, no caráter moral da questão, as divergências nas aptidões humanas, onde anotamos casos de gênios precoces, cuja única explicação seria a continuação de condições adquiridas em etapas anteriores, jamais como resultado direto da herança cromossômica. Se a herança fosse exclusivamente resultado do jogo cromossomial paterno e materno, os gênios, os grandes dotados de aptidões, seriam aqueles que apresentariam um sentido prolífico maior. No caso, a natureza possuiria o esquema de suas defesas, os mecanismos para que a evolução se afirmasse, cada vez mais, protegendo o que fosse melhor. Assim, os inteligentes, os artistas, os mais capacitados seriam os vanguardeiros da procriação, o que realmente não acontece. Os mais prolíficos são os menos dotados. Isto seria contrário ao sábio e conhecido poder do aproveitamento da evolução.

Ainda nessas mesmas idéias, os jovens são os que possuem melhores condições procriativas em compensação com os mais velhos. Entretanto, os mais velhos apresentam melhores aptidões, até mesmo em dose superlativa em comparação com os jovens, na herança dos caracteres psicológicos, intelectuais e experiências morais. A evolução terá que se valer e aproveitar outros mecanismos, outros caminhos seguros, a fim de conservar seus valores; a chave explicativa estaria na palingênese, onde não haverá perda, por menor que seja, no processamento da herança.

Mozart, aos 4 anos, executa sonatas e aos 11 anos torna-se compositor. Miguel Ângelo, aos 8 anos, foi dado como completo na arte da pintura pelo seu mestre. Pascal, aos 13 anos, já era conhecido matemático e geômetra. Victor Hugo revelou-se, literariamente, aos 13 anos. Listz, menino ainda, já era considerado grande intérprete da música; aos 14 anos havia produzido uma pequena ópera. Hermógenes, aos 15 anos, ensinava retórica a Marco Aurélio. Leibnitz, aos 8 anos, conhecia o latim sem mestre e, aos 12, grego. Gauss resolvia, aos 3 anos, alguns problemas de matemática. Giotto, criança ainda, traçava esboços plenos de arte e beleza, e Rembrandt já era pintor antes de aprender a ler. Aos 10 anos Pic de La Mirandola, era respeitado pelos conhecimentos que possuía do latim, do grego, do hebraico e do árabe. Trombetti, que conhecia perto de 300 linguas, entre dialetos e idiomas, aos 12 anos manuseava com facilidade o alemão, francês, latim, grego e hebraico. Van de Kefkhore, falecido aos 11 anos, deixou 350 quadros dignos de apreciação artística. O talento musical de Beethoven fora reconhecido aos 10 anos. Pepito de Ariola, aos 4 anos, tocava áreas com maestria e foi objeto de estudo pelo professor Richet.

A prova científica é o marco de que não podemos prescindir jamais, porque a palingênese explica todas as dúvidas biológicas e, mais do que isto, amplia os conceitos e dá um sentido harmonioso às questões científicas.

Dizia Geley que a palingênese é provavelmente um fenômeno verdadeiro:

1) está de acordo com todos os nossos conhecimentos científicos atuais e sem contradizer nenhum deles;

2) dá a chave de uma variedade imensa de enigmas psicológicos;

3) está apoiada em demonstração positiva.

Se colocarmos o fenômeno palingenético no mecanismo evolutivo, a vida passa a nos dar um sentido de grandeza e finalidade. A aquisição do espírito humano deve representar a elaboração de milhões de milênios em experiências variadas e desconhecidas, não ficando fora do quadro as vivências nos minerais, nos vegetais e animais. "O homem e o seu cérebro atual não representam o remate da evolução, mas um estágio intermediário entre o passado, carregado de recordações animais, e o futuro, rico de promessas mais altas. Tal é o destino humano (Leconte de Nouy)".

A prova científico-experimental da palingênese, a de maior importância, teria um aspecto duplo. O primeiro, ligado à fenomenologia mediúnica com todas suas nuances, cujos relatos e estudos os psicólogos e biólogos não tem o direito de desconhecer. Hoje, os fatos mediúnicos estão sendo revisados e mais bem adaptados aos conhecimentos hodiernos em virtude, principalmente, da queda que os audaciosos postulados materialistas tem sofrido com a apresentação da matéria como energia concentrada. Os fatos e manifestações mediúnicas estão fartamente registrados por toda história dos povos que constituíram civilizações. Em nossa época da história contemporânea, Allan Kardec, o sistematizador, em cuidadosos estudos, oferece à humanidade o significado integral da mediunidade. William

James, pai da pragmática, concita aos investigadores à verificação de fatos e relatos dignos de fé. O professor Ochorowicz, da Universidade de Lemberg, rendeu-se diante os estudos e experiências sobre materializações realizados por William Crookes, os quais combatia fervorosamente. Masucci e Wallace ficam vencidos diante as realidades da vida espiritual. Cesar Lombroso aceita a imortalidade, com a palingênese, após longas e minuciosas experiências.

O segundo aspecto da prova experimental, foi-nos dado com o valioso auxílio da hipnose, no campo ainda pouco explorado das regressões de memória, porém consolidado com organizadas e detalhadas experiências de vários pesquisadores.

A regressão de memória, utilizada com valor científico pela hipnose, foi conseqüência das observações de pacientes que reviviam, espontaneamente, cenas e quadros pretéritos, devidamente comprovados, fenômeno esse denominado por Pitres de ecmnésia. Com esse acervo de fatos, nasce a pesquisa de regressão de memória, atingindo etapas palingenéticas pretéritas, com auxílio da hipnose, cabendo como citação primeira as experiências de Fernando Colavida, em 1887. Flournoy, professor de psicologia em Genebra, deu interessantes contribuições aos estudos em apreço. Charles Lancelin, Cornillier, Leon Denis, comprovam os fatos e aumentam a causuística. Pierre Janet estuda a fenomenologia e refere fatos de interesse, embora combatendo-os.

Albert de Rochas, fazendo experiências sobre a exteriorização da motricidade e sensibilidade, penetrou o terreno das regressões de memória, onde catalogou, de 1892 a 1910, 19 casos. Suas pesquisas não estão fora de crítica e podemos mesmo asseverar que os seus casos, apesar do critério científico desenvolvido, não podem ser enquadrados cientificamente por falta de melhores dados. O problema da regressão de memória, perfeitamente comprovado, não está evitado de dificuldades nem erros de interpretação, onde certos e determinados pacientes, Possuidores das qualidades de criptestesia e clarividência, podem absorver pensamentos de outras pessoas presentes ou ressuscitar cenas e quadros, se condições de psicométrica forem evidentes. Gabriel Delanne, com apuro científico, retrata bem o ângulo das dificuldades neste setor: 'Somos obrigados, nestas pesquisas, a estar em guarda, em primeiro lugar, contra uma simulação sempre possível, se temos que lidar com indivíduos profissionais; em segundo lugar, mesmo com sonâmbulos perfeitamente honestos, convém desconfiar de sua imaginação, que corre muitas vezes livremente, forjando histórias mais ou menos verídicas, a que o professor Flournoy deu o nome de romances subliminaes. Essa espécie de personificação de indivíduos imaginários foram freqüentemente produzidas, entre outros, pelo professor Richet, que as designou com o nome de objetivação de tipos; sabemos que, por auto-sugestão, é possível a um paciente, mergulhado naquele estado, imaginar-se tal ou qual personagem e compô-la com tão grande luxo de atitudes, que pareceria estarmos realmente diante de uma individualidade verdadeira'.

Apesar disso, não podemos deixar de dar o valor experimental e científico de alguns casos que traduzem perfeitamente essas idéias. Nesse grupo podemos incluir os experimentos de Flournoy, professor de psicologia em Genebra, com a médium Helena Smith, donde obteve provas inconcussas da reencarnação pela regressão de memória; os experimentos de Russel Davis, o caso de Laura Raynaud relatado pelo Dr. Gaston Durville, de Katherine Bates e da senhora Spapleton, citados, ao lado de muitos outros, por Leon Denis. Deixaremos de relatar casos similares de outros observadores por não apresentarem provas satisfatórias. Em nossos estudos de hipnose experimental e terapêutica temos tido comprovação de

fatos dessa natureza. Estamos pesquisando e tentando aperfeiçoar os métodos e condutas antigas, com finalidade de apreciarmos, nas regressões, melhor penetração nas zonas profundas do inconsciente ou zona espiritual sem as costumeiras interferências, motivos de errôneas interpretações, muito comuns nos sujet "mal preparados" por hipnoses sem ajustada direção. Nossos estudos, por enquanto, estão em fase inicial, sem os alicerces que desejamos, e a título ilustrativo transcreveremos uma de nossas observações correspondendo a uma das fases de nosso trabalho em 1964:

A. M. branco, 38 anos de idade, casado, comerciário. Tem 2 filhos sadios. Cônjuge também sadia. Há 5 anos vem apresentando crises alérgicas, caracterizadas por rinite e prurido cutâneo de intensidade média. O prurido, comumente, desencadeia-se pelo calor, acompanhando placas urticariformes. A rinite persiste com qualquer situação, com maior ou menor intensidade. Esses sintomas alérgicos diminuem e quase desaparecem nos dias que se sucedem ao trabalho mediúnicamente que desenvolve, semanalmente. Consideremos, também que as manifestações adérgicas respondem bem com o uso de antialérgicos comuns, embora, com a supressão da medicação novamente se instalem.

Nada digno de registro para o lado dos órgãos e aparelhos em geral. Pressão arterial: Mx= 130 Mn=80. Exames de sangue e Urina nos limites da normalidade. Tipo psicológico: Extrovertido normal.

O paciente possui intensa labilidade do sistema neuro-vegetativo que no nosso entender, explica o afloramento da sintomatologia alérgica e, principalmente, a sensibilidade mediúnica de que é portador. Os seus trabalhos mediúnicos veem se desenvolvendo há dois anos, em sessões semanais, cujos detalhes e mecanismos tem sido avaliado de modo acurado.

No caso em particular, sentimos que a hipnose seria um método valioso, pela possibilidade de exteriorização de energias da organização espiritual, a fim de melhorar os costumeiros deságues dessas energias pelo sistema neuro-vegetativo, como vem acontecendo ao paciente, sob forma de sintomas alérgicos (nossa interpretação).

Temos observado que a labilidade do sistema neuro-vegetativo encontra no trabalho mediúnicamente bem orientado, verdadeiro campo de equilíbrio. Mais ainda, o harmonizado e bem conduzido campo da mediunidade, poderá suplantar manifestações de energias destoantes desencadeadas pelo psiquismo profundo. Aos primeiros sinais de hipnose com o observado, encontramos grande facilidade de aplicação do método, por ser ótimo sujet; a nosso ver, em virtude de sua sensibilidade mediúca. Na 3ª sessão hipnótica já havia penetração segura na zona inconsciente ou espiritual e, no desenvolver do processo, todos os passos foram positivos, sem falha sequer de algum deles.

A positividade de todos os passos hipnóticos, que por si só nos dá condições de uma hipnose segura e profunda, permitiu que lançássemos mão do processo de regressão de memória, onde haveria possibilidade de boa catarse mental, realmente realizada pelo próprio paciente e de acordo com suas normas psicológicas, sem violações de qualquer natureza. (...)